



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRONEGOCIOS**

EDIMAR DOS SANTOS DE SOUSA JUNIOR

**COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA NO
DISTRITO FEDERAL: HISTÓRICO, CARACTERIZAÇÃO E
IMPACTOS**

PUBLICAÇÃO: 185/2020

**Brasília/DF
Fevereiro/2020**

EDIMAR DOS SANTOS DE SOUSA JUNIOR

**COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA NO DISTRITO FEDERAL:
HISTÓRICO, CARACTERIZAÇÃO E IMPACTOS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação Agronegócios, da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Agronegócios.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Maria Resende Junqueira

**Brasília/DF
Fevereiro/2020**

SOUSA JUNIOR, E. S. COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA NO DISTRITO FEDERAL: HISTÓRICO, CARACTERIZAÇÃO E IMPACTOS. 2020, nº de folhas 140 f. Dissertação. (Mestrado em Agronegócio) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

SSO725c Sousa Junior, Edimar dos Santos de
Comunidades que Sustentam a Agricultura no Distrito
Federal: Histórico, Caracterização e Impactos / Edimar dos
Santos de Sousa Junior; orientador Ana Maria Resende
Junqueira. -- Brasília, 2020.
140 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Agronegócios) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Agricultura familiar. 2. Produção local. 3.
Agricultura orgânica. 4. Análise de conteúdo. I. Junqueira,
Ana Maria Resende, orient. II. Título.

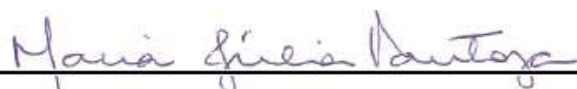
COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA NO DISTRITO FEDERAL: HISTÓRICO, CARACTERIZAÇÃO E IMPACTOS

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Agronegócios.

Banca Examinadora:



**Profa. Ana Maria Resende Junqueira, PhD (FAV/UnB)
(ORIENTADORA)**



**Profa. Maria Júlia Pantoja, Dra (FAV/UnB)
(EXAMINADORA INTERNA)**



**Profa. Juliana Martins de Mesquita Matos, Dra (Faculdade CNA)
(EXAMINADORA EXTERNA)**

Brasília, 27 de fevereiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Ana Maria Resende Junqueira, minha orientadora, pelo comprometimento, respeito e amizade construída ao longo do curso, a qual não consigo expressar em palavras o quanto me orgulha e engrandece pelo contato e parceria.

Aos agricultores e co-agricultores das Comunidades que Sustentam a Agricultura do Distrito Federal, pela receptividade, cordialidade e paciência em me receber, e boa vontade na explanação do funcionamento de seus grupos.

Ao Programa de Pós-graduação em Agronegócios e à Capes, por tornar possível o desenvolvimento do projeto.

À professora Dra. Juliana Martins, pelo companheirismo, amizade, paciência e compreensão, sempre presente e muito querida.

À professora Dra. Maria Júlia Pantoja, pela cordialidade e bagagem na contribuição para o desenvolvimento das atividades, que culminaram no presente trabalho.

À minha família, pela compreensão e amparo na busca por esse sonho, que ainda se encontra em construção, rumo ao doutorado, em especial a meu pai, pela aula constante de resiliência e maturidade perante os caminhos da vida.

Aos integrantes do grupo PET-Agronomia da UnB, que auxiliaram em coletas de dados e degravações das entrevistas.

Aos meus verdadeiros amigos, pelo amparo, sem os quais não teria mantido a sanidade mental.

Por fim, agradeço a Deus por me dar forças, sempre, e por fornecer ferramentas para tornar possível a dedicação e investimentos necessários à realização de meus estudos.

RESUMO

As Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) representam novos arranjos na relação produtor e sociedade que ultrapassam a lógica de mercado, espelhando anseios de consumidores e produtores que buscam por uma forma mais humana e holística de tratar a produção e o consumo de alimentos. Informações sobre a história e evolução das CSA's no Brasil são escassas. Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o histórico e a caracterização das Comunidades que Sustentam a Agricultura no Distrito Federal, com foco na percepção de seus atores, os agricultores e co-agricultores, sobre CSA, seus impactos econômicos, sociais e ambientais. Trata-se de uma pesquisa aplicada de caráter qualitativo e de natureza exploratória. A amostra compreendeu os agricultores e co-agricultores que fazem parte de CSA's no Distrito Federal. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com o apoio de roteiro semiestruturado, composto por seis dimensões: Estrutura Organizacional, Cultura de organização do trabalho, Comunicação, Socioambiental, Logística e Econômica, utilizando-se a técnica de análise de conteúdo, com auxílio do *software IRaMuTeQ*. Das 22 CSA's do Distrito Federal, 14 se fizeram representar na pesquisa, juntamente com 34 co-agricultores. Como resultados mais relevantes, destacam-se: para agricultores – segurança, planejamento, estabilidade e independência financeira da atividade; adoção de métodos de cultivo orgânicos; aumento na qualidade e diversidade de produtos; melhoria na qualidade de vida; reconhecimento e valorização do trabalho rural; capacitação e adoção de práticas preservacionistas. Para os co-agricultores – pertencimento e aumento da consciência social e ambiental; aumento da atenção à saúde; conhecimento de novos produtos agrícolas e novos usos; redução do desperdício; empatia e racionalidade. A motivação para fazer parte de uma CSA não é econômica e está calçada no consumo de produtos orgânicos, melhorias na saúde, participação nas práticas culturais e o estímulo à produção e consumo locais. Para a sociedade, esse novo arranjo de produção e distribuição de alimentos se apresenta como positivo em diversos aspectos, principalmente, pelo aumento da consciência ambiental, valorização da atividade rural e consumo consciente.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Produção local. Agricultura orgânica. Análise de conteúdo.

ABSTRACT

Communities Supported Agriculture (CSA) represent new arrangements in the relationship between producer and society that go beyond the logic of the market, reflecting the desires of consumers and producers looking for a more human and holistic way of treating food production and consumption. Information on the history and evolution of CSA's in Brazil is scarce. This research aims to present the history and characterization of Communities Supported Agriculture in the Federal District, focusing on the perception of its actors, farmers and co-farmers, about CSA, its economic, social and environmental impacts. It is a qualitative and exploratory applied research. The sample comprised farmers and co-farmers who are part of CSA's in the Federal District. Data collection was carried out through interviews with the support of a semi-structured script, composed of six dimensions: Organizational Structure; Culture of work organization; Communication; Socio-environmental; Logistics and Economics, using the content analysis technique, with the aid of the IRaMuTeQ software. Of the 22 CSA's in the Federal District, 14 were represented in the survey, along with 34 co-farmers. The most relevant results are: for farmers - security, planning, stability and financial independence of the activity; adoption of organic farming methods; increase in product quality and diversity; improvement in quality of life; recognition and appreciation of rural work; training and adoption of preservationist practices. For co-farmers - belonging and increasing social and environmental awareness; increased health care; knowledge of new agricultural products and new uses; reduction of waste; empathy and rationality. The motivation to be part of a CSA is not economic and is based on the consumption of organic products, improvements in health, participation in cultural practices and the encouragement of local production and consumption. For society, this new arrangement of food production and distribution is positive in several aspects, mainly due to the increase in environmental awareness, the valorization of rural activity and conscious consumption.

Keywords: *Family farming. Local production. Organic agriculture. Content analysis.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Conjunto de estratégias utilizadas no movimento Teikei.....	38
Figura 2: Sistema de produção/distribuição no Teikei.....	39
Figura 3: Exemplo de mecanismo de comercialização convencional.....	39
Figura 4: Disseminação das CSA's pela Europa entre 1980 e 2015.....	41
Figura 5: 1ª reunião para criação CSA Brasil realizada na sede da VP no início de 2013.....	45
Figura 6: Marcelo e sua família, os primeiros agricultores de uma CSA no Brasil - CSA Demétria.....	46
Figura 7: Distribuição de CSA's pelo Brasil.....	47
Figura 8: Distribuição de CSA's pelo Distrito Federal.....	52
Figura 9: Análise de Conteúdo.....	59
Figura 10: Fase de Pré-análise.....	62
Figura 11: Fase de Exploração do Material.....	63
Figura 12: Fase de Tratamento dos Resultados.....	64
Figura 13: Frequência de palavras ao longo dos textos das falas dos agricultores.....	65
Figura 14: Análise de Similitude da Estrutura Organizacional na visão dos Agricultores.....	66
Figura 15: Análise de Similitude da Cultura de Organização do Trabalho na visão dos Agricultores.....	73
Figura 16: Análise de Similitude da Comunicação na visão dos Agricultores.....	77
Figura 17: Análise de Similitude de Questões Socioambientais na visão dos Agricultores.....	82
Figura 18: Análise de Similitude da logística de escoamento na visão dos Agricultores.....	88
Figura 19: Análise de Similitude da Análise Econômica na visão dos Agricultores..	91
Figura 20: Frequência de palavras ao longo dos textos das falas dos co-agricultores.....	94

Figura 21: Análise de Similitude da Estrutura Organizacional na visão dos Co-Agricultores.....	95
Figura 22: Análise de Similitude da Cultura de Organização do Trabalho na visão dos co-agricultores.....	101
Figura 23: Análise de Similitude da Comunicação na visão dos co-agricultores.....	105
Figura 24: Análise de Similitude de Questões Socioambientais na visão dos Co-agricultores.....	108
Figura 25: Análise de Similitude da Logística na Visão dos Co-agricultores.....	118
Figura 26: Análise de Similitude da Análise Econômica na visão dos co-agricultores.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Teikei – Os 10 princípios.....	37
Quadro 2: 10 Conceitos formulados por Groh e Mcfadden aos quais as CSA's deverão se submeter.....	50
Quadro 3: Variáveis e Categorias Agricultores e Co-agricultores.....	63
Quadro 4: Achados dos agricultores na Dimensão – Estrutura Organizacional.....	72
Quadro 5: Achados dos agricultores na dimensão – Cultura de Organização do Trabalho.....	76
Quadro 6: Achados dos agricultores na dimensão – Comunicação.....	81
Quadro 7: Achados dos agricultores na dimensão – Questões Socioambientais.....	87
Quadro 8: Achados dos agricultores na dimensão – Logística.....	90
Quadro 9: Achados dos agricultores na dimensão – Questões Econômicas.....	93
Quadro 10: Achados dos co-agricultores na dimensão – Estrutura Organizacional.....	100
Quadro 11: Achados dos co-agricultores na dimensão – Cultura de Organização do Trabalho.....	104
Quadro 12: Achados dos co-agricultores na dimensão – Comunicação.....	107
Quadro 13: Achados dos co-agricultores na dimensão – Questões Socioambientais.....	117
Quadro 14: Achados dos co-agricultores na dimensão – Logística.....	122
Quadro 15: Achados dos co-agricultores na dimensão – Questões Econômicas.....	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADAO - Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Orgânica

AC - Análise de Conteúdo

APROSPERA – Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu

CEASA-DF – Central de Abastecimento do Distrito Federal

CE – Ceará

CHD - Classificação Hierárquica Descendente

CSA – Comunidade que Sustenta a Agricultura

CSA's – Comunidades que Sustentam a Agricultura

DF – Distrito Federal

Emater-DF – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal

EUA - Estados Unidos da América

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura

FBB - Fundação Banco do Brasil

IBD - Instituto Biodinâmico

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IraMuteQ - *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*

Log - Logarítimo

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

OPAC - Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade

PANC's - Plantas Alimentícias Não Convencionais

PC – Ponto de Convivência

PLANAF - Plano Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PMO - Plano de Manejo Orgânico

PNATER - Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

Se – Significantes

Senar - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural)

So - Significados

SP – São Paulo

UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
1.1. Contextualização.....	17
1.2. Problemática e Delimitação.....	18
1.3. Objetivos.....	19
1.3.1. <i>Objetivo geral.....</i>	<i>19</i>
1.3.2. <i>Objetivos específicos.....</i>	<i>20</i>
1.4. Apresentação da justificativa.....	20
1.5. Estrutura do trabalho.....	21
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1. O processo de modernização da agricultura no Brasil, a agricultura familiar e sua conexão com a agroecologia.....	21
2.1.1. <i>O processo de modernização da agricultura brasileira.....</i>	<i>21</i>
2.1.2. <i>A nova percepção da agricultura familiar.....</i>	<i>23</i>
2.1.3. <i>A ciência agroecologia e sua interligação com a agricultura familiar.....</i>	<i>25</i>
2.2. Um breve contexto histórico e o surgimento das organizações coletivas no Brasil.....	26
2.3. Caracterização da Cadeia Produtiva.....	31
2.4. Surgimento das CSA's.....	33
2.4.1. <i>O movimento Teikei.....</i>	<i>35</i>
2.4.1.1. <i>Representações gráficas do conjunto de ideias e estratégias do Teikei.....</i>	<i>37</i>
2.4.2. <i>Surgimento da CSA na Europa.....</i>	<i>39</i>
2.4.3. <i>A migração das CSA's para os EUA.....</i>	<i>41</i>
2.4.4. <i>Surgimento da CSA no Brasil.....</i>	<i>43</i>
2.5. Estrutura, objetivos e princípios das CSA's.....	47
2.6. CSA's do Distrito Federal.....	51
3. MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	53
3.1. Caracterização do estudo.....	53

3.2. Amostra e Coleta de Dados.....	55
3.3. Análise dos Dados.....	56
3.3.1. <i>Análise de Conteúdo.....</i>	57
3.3.1.1. Pré-análise.....	60
3.3.1.2. Exploração do material.....	62
3.3.1.3. Tratamento dos Resultados.....	63
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	64
4.1. Agricultores vinculados às CSA's.....	65
4.1.1. <i>Dimensão - Estrutura Organizacional.....</i>	66
4.1.1.1. Rotatividade/alternância de gestão.....	67
4.1.1.2. Acompanhamento da produção.....	68
4.1.1.3. Planejamento da produção.....	69
4.1.1.4. Desenho da paisagem da propriedade após CSA.....	69
4.1.1.5. Definição dos alimentos a serem cultivados.....	70
4.1.1.6. Certificação Orgânica.....	71
4.1.1.7. Principais achados sobre a estrutura organizacional segundo os agricultores.....	72
4.1.2. <i>Dimensão - Cultura de Organização do Trabalho.....</i>	72
4.1.2.1. Tomada de decisões em situações imprevistas.....	73
4.1.2.2. Procedimentos em caso de produção insuficiente.....	74
4.1.2.3. Compra e transporte de insumos.....	75
4.1.2.4. Ritmo de trabalho após a entrada na CSA.....	75
4.1.2.5. Principais achados sobre a cultura de organização do trabalho segundo os agricultores.....	76
4.1.3. <i>Dimensão – Comunicação.....</i>	76
4.1.3.1. Como os agricultores tomaram conhecimento sobre o movimento CSA.....	77
4.1.3.2. Comunicação entre as CSA's segundo os agricultores.....	78
4.1.3.3. Comunicação interna, entre membros, das CSA's.....	79
4.1.3.4. Onde a convivência entre membros é mais praticada..	79

4.1.3.5. Principais achados sobre a comunicação segundo os agricultores.....	81
<i>4.1.4. Dimensão - Questões Socioambientais.....</i>	<i>81</i>
4.1.4.1. Por que fazer parte de uma CSA.....	83
4.1.4.2. Percepção sobre mudanças de vida após ingresso na CSA.....	83
4.1.4.3. Estímulo à capacitação no âmbito das CSA's.....	84
4.1.4.4. Sobre desperdício/perdas de produtos.....	85
4.1.4.5. Gestão de resíduos.....	85
4.1.4.6. Principais benefícios proporcionados pela CSA.....	86
4.1.4.7. Principais achados sobre questões socioambientais segundo os agricultores.....	87
<i>4.1.5. Dimensão – Logística.....</i>	<i>87</i>
4.1.5.1. Transporte das cestas ao ponto de convivência.....	88
<i>4.1.5.2. Logística de escoamento da produção.....</i>	<i>89</i>
4.1.5.3. Meio de transporte mais utilizado.....	89
4.1.5.4. Principais achados sobre a logística segundo os agricultores.....	90
<i>4.1.6. Dimensão - Questões econômicas.....</i>	<i>90</i>
4.1.6.1. Forma de escoamento de produtos antes e depois da CSA.....	91
4.1.6.2. Sobre a remuneração dos produtores.....	92
4.1.6.3. Experiência dos agricultores com agricultura.....	92
4.1.6.4. Principais achados sobre questões econômicas segundo os agricultores.....	93
4.2. A Percepção dos Co-Agricultores.....	93
<i>4.2.1. Dimensão - Estrutura Organizacional.....</i>	<i>94</i>
4.2.1.1. Rotatividade/alternância na gestão.....	95
4.2.1.2. Contrato de adesão.....	96
4.2.1.3. Percepção do co-agricultor sobre a Cota.....	97
4.2.1.4. Sobre a Inadimplência.....	98

4.2.1.5. Principais achados sobre a estrutura organizacional segundo os co-agricultores.....	100
4.2.2. <i>Dimensão - Cultura de organização do Trabalho.....</i>	100
4.2.2.1. Participação dos Co-agricultores nas Etapas do Processo Produtivo.....	101
4.2.2.2. Participação dos co-agricultores na escolha dos alimentos que compõem a cesta.....	102
4.2.2.3. Sobre a compra e transporte de insumos.....	103
4.2.2.4. Principais achados sobre a cultura de organização do trabalho segundo os co-agricultores.....	104
4.2.3. <i>Dimensão - Comunicação.....</i>	104
4.2.3.1. Primeiro contato dos co-agricultores com o movimento CSA.....	105
4.2.3.2. Comunicação entre as CSA's segundo os co-agricultores.....	106
4.2.3.3. Comunicação entre os membros da CSA.....	107
4.2.3.4. Principais achados sobre a comunicação segundo os co-agricultores.....	107
4.2.4. <i>Dimensão - Questões Socioambientais.....</i>	107
4.2.4.1. Decisão por fazer parte de uma CSA.....	109
4.2.4.2. Sobre a mudança de vida após ingressar em uma CSA.....	110
4.2.4.3. Interação entre os integrantes de uma CSA segundo co-agricultores.....	111
4.2.4.4. Percepção dos co-agricultores sobre os sistemas de cultivo alternativos.....	112
4.2.4.5. Percepção dos co-agricultores sobre perdas/desperdícios de produtos.....	113
4.2.4.6. Manejo de resíduos do processo produtivo na visão dos co-agricultores.....	114
4.2.4.7. Percepção dos co-agricultores sobre seus benefícios como membro de uma CSA.....	114
4.2.4.8. Principais achados sobre questões socioambientais segundo os co-agricultores.....	117

4.2.5. Dimensão - Logística.....	117
4.2.5.1. Sobre o local de retirada das cestas de alimentos.....	118
4.2.5.2. Sobre a distância percorrida pelo co-agricultor até o ponto de convivência.....	119
4.2.5.3. Sobre os alimentos mais consumidos ao longo do ano.....	119
4.2.5.4. Sobre os alimentos só consumidos em determinadas épocas do ano.....	119
4.2.5.5. Sobre a sazonalidade dos alimentos.....	121
4.2.5.6. Principais achados sobre a logística segundo os co-agricultores.....	122
4.2.6. Dimensão – Questões econômicas.....	122
4.2.6.1. Percepção dos co-agricultores sobre o excedente da produção.....	123
4.2.6.2. Acesso econômico e social ao produto orgânico via CSA.....	124
4.2.6.3. Percepção sobre a importância de se consumir produtos saudáveis (orgânicos/de base agroecológica)	125
4.2.6.4. Principais achados sobre questões econômicas segundo os co-agricultores.....	126
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
6. REFERÊNCIAS.....	129
APÊNDICE 1.....	136
APÊNDICE 2.....	138

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização

Historicamente as populações em diversos países buscaram por formas de aprimorar seus meios de produção de alimentos e bens de consumo para atender as demandas, cada vez maiores e mais exigentes, do mercado em constante modificação e expansão. Dessa forma, o setor agropecuário também passou por modificações visando tornar suas lavouras e produções cada vez maiores e mais produtivas.

Paralelamente à modernização da agricultura e com os efeitos nocivos da exploração do homem, as populações têm tomado conhecimento sobre os danos que vem sendo causados e buscado por maneiras alternativas de lidar com os cultivos, se preocupando e priorizando o consumo por alimentos mais saudáveis e livres de resíduos de agrotóxicos e outros contaminantes.

Com essa premissa, e como forma de resgatar a valorização do homem do campo e reaproximar os consumidores da realidade em que os agricultores vivem dia-a-dia, emergem as comunidades associativas, denominadas Community Supported Agriculture – Comunidade que Sustenta a Agricultura.

Buainain (2007) relata que um dos componentes de maior relevância da nova estratégia na agricultura é o fortalecimento da agricultura familiar que se destaca em relação aos demais instrumentos/programas que vem a integrar a “nova” política agrícola. Essa estratégia vem orientando as definições do governo, desde os anos 1990, e essa relação com a agricultura está fincada em dois componentes conflitantes, que é o fortalecimento da competitividade da agricultura empresarial e o fortalecimento da agricultura familiar.

Para Buainain (2007) enquanto o fortalecimento da competitividade da agricultura empresarial dá prioridade a infraestrutura e incentivos por meio de novos instrumentos de política agrícola, a busca pelo fortalecimento da Agricultura Familiar está centralizada no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), onde os investimentos de infraestrutura não foram de fato implementados e o Programa Nacional de Reforma Agrária tem funcionado apenas como um programa de crédito de custeio.

Penereiro e Silva (2018) relatam que um atual desafio enfrentado pelos agricultores familiares, onde incluem-se aqueles que praticam a agroecologia ou estão em fase de transição, é conseguir viabilizar economicamente sua atividade produtiva e que superar este desafio é extremamente importante para a manutenção dos pequenos agricultores e suas famílias, o que acaba por condicionar sua reprodução social.

As Comunidades que sustentam a Agricultura (CSA's) surgem como um modelo de agricultura, com o trabalho em conjunto entre produtores e consumidores de alimentos orgânicos, sendo considerada pela CSA Brasil como uma nova forma de economia.

Ainda segundo o grupo CSA Brasil (2015):

CSA é um modelo de um trabalho conjunto entre produtores de alimentos orgânicos e consumidores: um grupo fixo de consumidores se compromete por um ano (em geral) a cobrir o orçamento anual da produção agrícola. Em contrapartida os consumidores recebem os alimentos produzidos pelo sítio ou fazenda sem outros custos adicionais. Desta forma o produtor sem a pressão do mercado e do preço, pode se dedicar de forma livre a sua produção. E os consumidores recebem produtos de qualidade, sabendo quem os produz e aonde são produzidos.

A razão de se pesquisar a relação que vem se estreitando entre Agricultores e Consumidores é entender a dinâmica dessa relação, os atores envolvidos, os impactos sociais e econômicos que se dão nos diferentes arranjos escolhidos e quais contribuições a pesquisa pode dar para a construção e consolidação de iniciativas que contribuam para o fortalecimento do segmento de produtores familiares e de base ecológica no Distrito Federal.

1.2. Problemática e Delimitação

Nos dias de hoje tratar sobre os temas que envolvem a Agricultura Familiar leva ao encontro dos entraves enfrentados pelos agricultores para que consigam reconhecimento e remuneração digna na atividade. No entanto, valendo-se da vasta amplitude desse setor, que devido ao constante e acelerado processo de desenvolvimento, busca cada vez mais que seja sustentável, torna-se imprescindível o entendimento e levantamento de dados que venham a contribuir com o processo de relacionamento entre as atividades e políticas públicas para que através desse "relacionar" cada vez mais seja possível obter melhorias na condição de vida das

populações que lutam no sentido contrário ao do êxodo rural. Aliado a isso, a constante e crescente preocupação dos consumidores com a origem e qualidade dos alimentos consumidos faz com que as CSA's ganhem espaço e visibilidade no país.

No mesmo sentido, Penereiro e Silva (2018) relatam que têm aumentado, consideravelmente, a procura por alimentos mais saudáveis pelas pessoas, e que algumas delas também gostariam de saber a origem dos alimentos que consomem, como são produzidos, e há as que se importam e querem apoiar a família agricultora, para que possa continuar a existir, exercendo função agrícola e permanecendo no campo.

Portanto, tornou-se relevante conhecer as CSA's, a contribuição e o potencial de mudanças, de inclusão na dinâmica de produção e consumo.

Da mesma maneira que todas as CSA's espalhadas pelo Brasil, as que se encontram no Distrito Federal tem como missão “promover uma cultura solidária, saudável e sustentável de produção e consumo de alimentos” e cultivam os valores de uma produção orgânica, local, sem intermediários; da valorização da agricultura familiar; da promoção do fortalecimento da agroecologia; do incentivo e promoção da gestão participativa, democrática e rotativa; do cultivo de interações harmônicas entre espécies e o ambiente; busca o exercício da postura de corresponsabilidade, promove o contato dos co-agricultores com os agricultores e com a terra e incentiva a prática da economia associativa (CSA BRASÍLIA, 2018).

Diante do exposto, tem-se como pergunta norteadora desta pesquisa a seguinte: Como este tipo de organização associativa, denominada Comunidade que Sustenta a Agricultura, tem-se caracterizado e desenvolvido no Distrito Federal e quais os impactos sociais e econômicos têm sido observados nos sujeitos partícipes do processo?

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo geral:

Caracterizar as Comunidades que Sustentam a Agricultura no Distrito Federal e avaliar os impactos dos novos arranjos de produção e distribuição de produtos agrícolas nos atores envolvidos.

1.3.2. *Objetivos específicos:*

- Levantar o histórico e caracterizar as CSA's no Brasil, com enfoque para as CSA's do Distrito Federal;
- Verificar a percepção de agricultores e co-agricultores sobre o funcionamento das CSA's;
- Verificar as mudanças ocorridas, a partir das CSA's, na vida dos atores, bem como nas relações entre agricultores e co-agricultores e nas dinâmicas de produção e consumo.

1.4. **Apresentação da justificativa**

O sentimento de insegurança alimentar causado pelo uso excessivo de agrotóxicos e os crescentes impactos negativos observados no meio ambiente pelo uso desta tecnologia, cujos relatos são crescentes, associado à desvalorização e marginalização das atividades realizadas no campo pelos pequenos agricultores, das questões ligadas à dificuldades de escoamento da produção de alimentos, gerando perdas quantitativas e qualitativas, serviram de inspiração para o surgimento das CSA's no Japão e na Alemanha, inicialmente. Agricultores e consumidores se organizaram e em conjunto enfrentaram esses desafios por meio de arranjos que foram denominados Comunidades que Sustentam a Agricultura.

As Comunidades que Sustentam a Agricultura são um tipo de Associação entre produtores rurais e consumidores, que está começando a ter importância e difusão por todo o país. A ideia dessa nova forma de Associação, por gerar inúmeras vantagens aos produtores e aos consumidores, começou a ganhar espaço em muitos locais, rapidamente, com perspectivas de formação e estruturação de ainda mais novas CSA's.

O tema é pertinente, importante e novo para o cenário do Agronegócio brasileiro, para os produtores rurais e para os consumidores. Diante disso, pelo seu caráter de novidade e de adoção cada vez mais crescente, esse “movimento” precisa ser compreendido. Suas fortalezas e seus desafios necessitam de avaliação por meio da realização de pesquisa acadêmica que possa contribuir para o entendimento do fenômeno, suas perspectivas e limitações.

Sendo assim, o presente trabalho busca contribuir com o segmento de produção e comercialização de alimentos ao analisar as características, perspectivas e desafios para a estruturação de Comunidades que Sustentam a Agricultura no Distrito Federal.

1.5. Estrutura do trabalho

O presente trabalho encontra-se organizado de forma que a primeira seção é composta pela Introdução, que traz a explanação contextualizada do assunto, a formulação do problema e os objetivos da pesquisa.

Na segunda seção, apresenta-se o referencial teórico, capítulo que dá fundamento a pesquisa, dividido em subtemas que versam sobre a agricultura familiar e a agroecologia, além de fazer o resgate da história do surgimento das CSA's.

Na terceira seção, é apresentado o método empregado para desenvolvimento da pesquisa, a delimitação do universo em estudo, a amostra, a coleta dos dados e a análise.

A quarta parte do trabalho é composta pelos resultados.

Na quinta, e última seção, são apresentadas as referências.

São apresentados em anexo os roteiros de entrevistas que foram utilizados nas visitas aos agricultores e co-agricultores.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo é composto, principalmente, de uma revisão acerca dos seguintes temas: agricultura familiar, modernização da agricultura, formas coletivas de organização, valorização de produtos regionais e comunidades que sustentam a agricultura.

2.1. O processo de modernização da agricultura no Brasil, a agricultura familiar e sua conexão com a agroecologia

2.1.1. O processo de modernização da agricultura brasileira

Ao decorrer do processo de modernização da agricultura, ocorrido no Brasil a partir da década de 1950, não foram provocadas somente mudanças na base técnica

dos sistemas de produção, mas sim tais mudanças devem ser observadas e consideradas em toda uma conjuntura que também desencadeou revoluções políticas e sociais que impactaram as populações do campo como um todo.

O crescente sentimento da necessidade de se promover melhorias afim de maximizar os rendimentos da produção agrícola, fazendo um uso cada vez mais intensivo de mecanização nas lavouras e a utilização de insumos sintéticos (agrotóxicos), além da produção passar a ter como principal foco as monoculturas destinadas ao mercado de exportações, fez com que a agricultura familiar rapidamente ficasse a margem das atividades e da economia no país em comparação com a agricultura patronal favorecida por estímulos promovidos pelo Estado com o objetivo de impulsionar a economia.

Com esse pensamento Gonçalves Neto (1997, p. 78), relata que:

A década de 70 assistirá a uma profunda mudança no conteúdo do debate. Impulsionada por uma política de créditos facilitados, que se inicia na segunda metade dos anos 60, pelo desenvolvimento urbano-industrial daquele momento, que se convencionou chamar de “milagre brasileiro”, a agricultura brasileira não apenas respondeu às demandas da economia, como foi profundamente alterada em sua base produtiva. O maciço crescimento do uso da tecnologia mecânica, de defensivos e adubos, a presença da assistência técnica, o monumental êxodo rural, permite dizer que o Brasil mudou e o campo também.

Dessa forma, conforme Assis (2006, p.76):

pensou-se ser indispensável oferecer alternativas, apropriadas (ou “intermediárias”), para a melhoria dos sistemas produtivos que fossem financeiramente acessíveis a esses produtores e lhes permitissem iniciar uma trajetória de capitalização para, no futuro, adotarem o pacote mais eficiente.

Surge então a Agroecologia como uma ciência que busca entender a dinâmica dos sistemas agrários, as relações sociais e ecológicas estabelecidas nos diversos ambientes, resgatar conhecimentos, tendo como premissa a preocupação e cuidado com o ecossistema onde se encontra inserida.

Dessa forma: “A agroecologia é uma ciência que resgata o conhecimento agrícola tradicional desprezado pela agricultura moderna, e procura fazer sua sistematização e validação de forma que este possa ser (re)aplicado em novas bases (científicas)” (ASSIS & ROMEIRO, 2005).

2.1.2. A nova percepção da agricultura familiar

Com o decorrer do tempo a estrutura da Agricultura Familiar veio sofrendo modificações, as quais tem sido imposta pelo sistema capitalista onde estamos inseridos. Tal sistema provocou profundas mudanças na estrutura predominante da população rural, quando comparada com a existente em décadas anteriores, o que a exemplo podemos citar a década de 1970, que precedeu ao acelerado processo de modernização sofrido pela agricultura no Brasil.

Antes o caráter do sistema de produção familiar se resumia em uma atividade onde o que se obtinha era destinado para o consumo próprio, onde a mão-de-obra era basicamente exercida pelos membros da família ao longo de todo o processo, e quando existente, o excedente da produção era comercializado em feiras locais ou eram feitas trocas entre vizinhos por algo que lhes fosse de interesse. No entanto a Agricultura Familiar dos dias atuais, acompanhando e buscando formas de resistir a exclusão imposta pelo processo de modernização, que privilegiou a agricultura patronal voltada para a exportação de commodities, sofreu então alterações em toda sua estrutura.

Atualmente a Agricultura Familiar, apesar de manter a característica da base familiar ligada a propriedade e ao processo de trabalho, inclui a mão-de-obra de membros externos a família mediante assalariamento, além de não exercer somente as atividades voltadas a um caráter de subsistência. O que para vários autores coloca em questão, a exemplo de Savoldi e Cunha (2010), sobre a possível “decomposição do caráter familiar da unidade de produção”.

A melhor caracterização para agricultura familiar, de acordo com Altafin (2007), é resultado da divulgação do estudo realizado no âmbito de um convênio de cooperação técnica entre a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). De acordo com esta autora o estudo realizado pela FAO e o INCRA, define agricultura familiar como sendo:

[...]A partir de três características centrais: a) a gestão da unidade produtiva e o investimento nela realizados são feitos por indivíduos que mantêm entrelaçamento sanguíneo ou casamento; b) a maior parte do trabalho é igualmente fornecido pelos membros da família; c) a propriedade dos meios de produção (embora nem sempre da terra) pertence à família e é em seu interior que se realiza a transmissão em caso de falecimento ou aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva (INCRA e FAO (1996) apud ALTAFIN (2007)).

Ainda no esforço de categorizar a agricultura familiar, Altafin (2007) discorre sobre a tipologia proposta por Amílcar Baiardi (1999), que estabelece cinco categorias:

Tipo A: tecnificado, com forte inserção mercantil. É predominante na região de cerrado, geralmente ligado à produção de grãos.

Tipo B: integrado verticalmente em Complexos Agroindustriais – aves e suínos, por exemplo – e mais recentemente em perímetros irrigados voltados à produção de frutas.

Tipo C: agricultura familiar tipicamente colonial – Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais – ligados à policultura combinando lavouras, pomares com a pecuária e a criação de pequenos animais.

Tipo D: agricultura familiar semi-mercantil – predominante no Nordeste e no Sudeste.

Tipo E: de origem semelhante ao tipo D, porém caracterizada pela marginalização do processo econômico e pela falta de horizontes.

De acordo com as análises de Altafin (2007), essa tipificação proposta por Baiardi (1999) considera como fator preponderante para definir cada tipo de agricultura familiar a forma de acesso (ou de não acesso) ao mercado. Portanto, a escolha das maneiras de escoamento da produção é de suma importância para o fortalecimento da agricultura familiar.

Dessa forma, buscando a compreensão sobre uma “recharacterização” ou um novo olhar sobre o conceito e estrutura de uma agricultura de base familiar, Ricardo Abramovay (1997) relata que:

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. É perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiar) estão presentes em todas elas (ABRAMOVAY, 1997, p.3).

Tendo em vista as transformações ocorridas na Agricultura Familiar em termos de organização produtiva e econômica, iniciadas a partir do início da modernização da agricultura, sabemos que uma grande parcela da população rural, como disse

Graziano da Silva (1999) em sua discussão sobre o “novo” mundo rural, passou a ter que dividir sua atenção entre atividades agrícolas e não agrícolas para complementação da renda familiar.

Aliado ao Plano Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PLANAF), que em meados de 1990 surgiu como uma iniciativa para estimular e impulsionar as atividades do setor e mais adiante com a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), em busca de um desenvolvimento de forma sustentável e agregador de valor, no caminho contrário ao êxodo rural, as possibilidades de melhorias na qualidade de vida das populações do campo se inserem a importância das relações com a Agroecologia, como ciência agregadora de valor e que possibilite o resgate de conhecimentos locais e familiares de forma sustentável.

2.1.3. A ciência agroecologia e sua interligação com a agricultura familiar

A agroecologia não existe isoladamente, podendo ela ser considerada como uma ciência que busca entender as dinâmicas existentes nos sistemas agrícolas de maneira a considerar saberes tradicionais e populares das populações rurais, em especial exercido pela agricultura de base familiar e comunidades indígenas e camponesas (BENTHIEN, 2007). Sendo assim, a Agroecologia busca formas de melhorias nos sistemas de produção aliado a consciência e preocupação com o ecossistema onde se encontra inserida.

Além disto, de acordo com Assis & Romeiro (2005, p. 157):

na medida que expressa em seus princípios, que para sua prática é necessário um ser humano desenvolvido e consciente, com atitudes de coexistência e não de exploração para com a natureza (Altieri, 1989), a agroecologia se apresenta no Brasil como uma forma de resistência contra a devastadora onda modernizadora e contra a expropriação completa dos agricultores (Canuto, 1998). O que integra propostas agroecológicas com outras voltadas a desenvolver a agricultura familiar.

No início do século XX em diversas partes do mundo começa-se a desenvolver práticas de agricultura com preocupações ecológicas, o que foi chamado de “Agricultura Orgânica”, com a reflexão sobre os caminhos que a agricultura era dirigida pelo processo de modernização, com o uso intensivo de mecanização e utilização de insumos sintéticos (agrotóxicos) prejudiciais à saúde humana, animal e ambiental (HAMERSCHIMIDT, et al., 2005). Surge então o termo “Agroecologia” que foi utilizado

pela primeira vez pelo agrônomo russo Basil Bensing em 1928 (Wezel et al., 2009). Dessa forma, reafirmando e complementando o exposto acima, Assis (2006, p. 77) compilando pensamentos de outros autores traz que:

A agroecologia é uma ciência surgida na década de 1970 (Hecht, 1989, p. 25), como forma de estabelecer uma base teórica para esses diferentes movimentos de agricultura não convencional (Hecht, 1989, p. 33). É uma ciência que busca o entendimento do funcionamento de agroecossistemas (Gliessman, 2000, p. 61) complexos, bem como das diferentes interações presentes nestes, tendo como princípio a conservação e a ampliação da biodiversidade dos sistemas agrícolas como base para produzir auto-regulação e, conseqüentemente, sustentabilidade.

Assis e Romeiro (2005, p.157) observam ainda que:

A organização social da produção agrícola baseada no trabalho familiar favorece a conciliação entre a complexificação desejada e a supervisão e controle do processo de trabalho necessário, de tal forma que Carmo (1998) a considera como o *locus* ideal ao desenvolvimento de uma agricultura ambientalmente sustentável, em função de suas características de produção diversificada, integrando atividades vegetais e animais, e por trabalhar em menores escalas.

Dessa forma, o conceito presente na Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER, 2007) do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) é de que a Agroecologia

é entendida como um enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agricultura sustentáveis (Caporal e Costabeber, 2000; 2001; 2002). Partindo, especialmente, de Miguel Altieri, observa-se que a Agroecologia constitui-se um enfoque teórico e metodológico que, lançando mão de diversas disciplinas científicas, pretende estudar a atividade agrária sob uma perspectiva ecológica.

Assim a Agroecologia como ciência integradora e agregadora de saberes e valores pode ser entendida como mais um mecanismo que caminha ao encontro de uma forma de produção de alimentos ecologicamente sustentáveis, com viabilidade econômica e que seja socialmente justa, reunindo “reflexões teóricas e avanços científicos, oriundos de distintas disciplinas”, segundo Guzmán et al. (2000).

2.2. Um breve contexto histórico e o surgimento das organizações coletivas no Brasil

Como visto em tópicos anteriores, a modernização da agricultura desempenha um papel de transformação, em busca do alcance de maiores produções e produtividades no setor agropecuário brasileiro. Porém, este processo alterou

algumas dimensões, como a crescente escala e conseqüentemente exclusão dos que não conseguiam atender ao modelo predominante. Neste processo, houve o crescimento de empresas no segmento agroindustrial e também o surgimento da oportunidade para que os produtores/agricultores se aglomerassem, formando organizações coletivas, como as cooperativas e associações, ou seja, um mecanismo onde os “pequenos” em conjunto se tornam “grandes”, ganhando visibilidade, poder de compra e atuação mais forte no mercado.

A partir de então, como forma de tentar buscar alternativas que lhes permitissem se tornar mais eficientes, aumentando sua resistência e competitividade frente ao mercado, que se mostrava cada vez mais exigente e seletivo, os pequenos produtores reunindo forças entre si, através do desenvolvimento de trabalho coletivo, deram origem as formas associativas e cooperativistas para executar suas atividades e impulsionar seus negócios de maneira mais eficiente e rentável.

Nesse sentido, cabe trazer, de acordo com Junqueira e Moretti (2018) que as organizações coletivas formadas através das CSA's compreendem modos consideravelmente autônomos de organização associativa, onde os agentes de mercado se movimentam, relacionam-se e trocam valores materiais e simbólicos distantes da lógica e regras seguidas pelos mercados tradicionais em seu funcionamento e operação.

Sendo assim, cabe enfatizar que não só a agricultura, mas as atividades agropecuárias como um todo, fazem parte de uma das práticas mais antigas existentes no mundo, onde o homem busca evoluir para obter melhores maneiras de executar suas funções, suprir seus anseios e prover seu sustento e de sua família. Com isso, a origem das atividades no campo pode ser entendida como camponesa, visto o caráter de subsistência observado, o que mais à frente caracterizou a formação do que chamamos hoje de fazendas familiares, agricultura camponesa ou no caso específico do Brasil, a agricultura familiar. Sobre isso, Ribeiro da Silva e de Jesus (2010, p.1) relatam que:

O processo de formação do campesinato dentro de um contexto histórico de formação do Brasil rural, junto ao processo de modernização da agricultura a partir da década de 1950, e mais recentemente o processo de globalização deflagrado nos anos 1990, tem trazido ao cenário atual mudanças nos padrões de funcionamento das unidades produtivas de base familiar, assim como a relação dessas unidades com a economia e com a sociedade.

A partir disso, cabe destacar que com o início do processo de modernização da agricultura, ocorrido no Brasil a partir da década de 1950, profundas mudanças começaram a acontecer no setor agrícola em âmbitos econômicos, políticos, sociais e até mesmo culturais no campo, na medida em que se buscava aprimoramento do modo de produção para obter aumento de produtividade e conseguir atender as exigências impostas pelo mercado.

Nesse momento, o foco dos esforços eram, para o Estado. Segundo Moyano-Estrada e dos Anjos (2001), a preocupação era maximizar e aumentar a produção, e as exportações das commodities agrícolas, o que no período compreendido entre 1968 e 1973, devido seu grau de intensificação, ficou conhecido como o “Milagre Brasileiro” e tido como fase mais intensa do processo de modernização da agricultura, onde o projeto seletivo acabava também por excluir certas culturas ligadas a agricultura familiar.

Assim, nas palavras de Delgado (2012, p.87) a modernização da agricultura “trouxo resultados bastante penosos para os trabalhadores e pequenos produtores rurais e muito favoráveis às elites agrárias, agrícolas e agroindustriais”.

Pode-se entender a partir disso, que, na época, o Estado passa a desempenhar um importante papel, dando estímulos ao setor para impulsionar a produção agrícola no país. No entanto, o efeito colateral das iniciativas foi o privilegiamento das grandes propriedades e grandes fazendeiros, ficando os pequenos produtores, de base familiar, cada vez mais à margem das atividades no setor, o que por sua vez os forçou a buscar alternativas para que conseguissem alcançar melhores condições de vida.

E dessa forma Lamarche (1997, p.184) afirma que “evidentemente a exploração familiar tem passado também por profundas transformações nestas últimas décadas, todavia foi bastante afetada pelo caráter ‘conservador’ da modernização agrícola: discriminatório, parcial e incompleto”.

Ao longo desse processo a população do campo, principalmente no final dos anos de 1980, como dito por Graziano da Silva (1993), passou a buscar formas de garantir seu sustento e lhes proporcionar melhorias na qualidade de vida exercendo outras atividades agrícolas, distintas das suas originais, e também atividades não agrícolas, fossem elas no campo ou se dirigindo em direção as cidades, onde as principais atividades giravam em torno da indústria, onde sua mão-de-obra subqualificada era vendida por baixa remuneração.

Tendo isso em vista, cabe explicitar o pensamento de autores que afirmam que:

Do lado do mundo do trabalho no meio rural, as profundas transformações ocorridas nas décadas de 1970 e 1980 – não apenas nas relações econômicas e sociais, mas na própria reflexão sobre o significado da modernização agrícola e da multidimensionalidade de seus efeitos – provocaram uma significativa diferenciação das categorias sociais existentes, que passaram a reivindicar identidades próprias e a se constituir como atores políticos diversificados no cenário nacional. Com isso, “ocorreu uma “implosão” da categoria “trabalhador rural”, tal como constituída nos anos 1970, acompanhada pela emergência de diversas possibilidades organizativas que romperam com a tradição unitária de representação do sindicalismo rural” (MEDEIROS p. 109, 2011 apud DELGADO, 2012, p. 100, 2012).

Dessa forma uma das possibilidades organizativas que emergiram como tentativa de proporcionar o fortalecimento de uma categoria que se via desprivilegiada pelo processo de modernização da agricultura em questão, foram os modelos de negócios no formato de cooperativas e associações que surgem na busca por reunir forças entre pequenos produtores para conseguir se tornar mais eficientes, e assim sobreviver em suas atividades, e se manter no mercado de forma mais competitiva. Com esse pensamento, Bialoskorski (1997) relata que seriam as cooperativas uma maneira de diminuir riscos e agregar valor na produção para os produtores, os quais sozinhos não conseguiriam estabelecer relacionamentos mais fortes com os mercados que se viam concentrados.

Costa (2007, p.58), por sua vez, traz a seguinte reflexão sobre cooperativismo:

(...) não se pode confundir o ato de cooperar com o cooperativismo, pois, enquanto o primeiro pode ser entendido como qualquer ato ou ação de colaborar com outras pessoas em qualquer formação socioeconômica, o segundo só pode ser entendido como um movimento social que procurou, através da associação, fugir de uma opressão social resultante de um determinado período histórico e de um determinado sistema, ou seja, o capitalismo concorrencial do século XIX.

O início desse modelo de negócios de acordo com a Fundação Banco do Brasil - FBB (2009, p.15) foi expresso da seguinte maneira:

O iniciador do cooperativismo foi o inglês Robert Owen (1771-1858), cujas ideias deram origem à primeira cooperativa da Europa. Em 1844, ano considerado o marco do movimento cooperativista, em Rochdale, perto de Manchester, Inglaterra, um pequeno número de trabalhadores industriais fundou uma cooperativa de consumo que eles chamaram de “A Sociedade dos Pioneiros Equitativos”.

No Brasil, a primeira experiência cooperativista, ainda segundo a FBB (2009) ocorreu no final do século XIX, mais especificamente em 1889, no município de Ouro Preto/MG, onde na zona rural foi fundada a Sociedade Cooperativa Econômica dos

Funcionários Públicos de Ouro Preto, a qual da mesma forma que a cooperativa fundada por Robert Owen era uma cooperativa de consumo. A FBB (2009) relata ainda que houve a fundação da Colônia Alemã em Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul, em 1902, a qual também é referência, sendo considerada como o marco do início desse modelo de negócios no Brasil e que, segundo Fialho (1996), surge no início do século XX como a primeira experiência cooperativista no Rio Grande do Sul, estado considerado até os dias atuais como o berço do cooperativismo brasileiro.

De acordo com Moyano-Estrada e Sacco dos Anjos (2001), a Reiffeisenkasse (bancos de poupança) foi fundada no Rio Grande do Sul pela igreja católica e imigrantes, principalmente alemães e suíços, e funcionava basicamente como uma cooperativa de crédito, que servia de auxílio para que os diversos imigrantes comprassem terras, equipamentos, insumos e dessa forma conseguissem se estabelecer no país. Ainda, segundo Moyano-Estrada e Sacco dos Anjos (2001), “esses bancos de poupança buscaram promover o desenvolvimento das fazendas familiares através de uma estrutura comum e autônoma que foi integrada às comunidades rurais”.

Sendo assim, Kliemann, (1986, p. 119) diz que “além de criar religiosos, centros culturais e educacionais, a Igreja incentivou as associações econômicas, meios de incentivos e organizou as primeiras cooperativas”.

Essa forma de organização econômica e produtiva que surge no século XVIII tinha como premissa os anseios de seu fundador, Owen, “sobre uma sociedade onde a finalidade do trabalho em cooperação fosse o bem-estar dos homens e mulheres e não uma mera atividade de competição pelo lucro” (FBB, 2009, p. 15).

No entanto, como uma contraposição das ideias fundadoras de Owen, Pinho (1982), em sua análise sobre os caminhos que foram percorridos ao longo do processo de modernização não só pela agricultura, mas também pelas organizações cooperativistas, afirma que:

Como associado-empresário-usuário racional, o cooperado renuncia a uma parte de sua autonomia e de seu poder para se unir cooperativamente a outros empresários, submetendo-se aos princípios de igualdade e da gestão democrática, bem como à formação de um patrimônio ou acervo de utilidade coletiva, mas impartilhável entre os associados. Aceita limitações, à sua decisão pessoal, impostas pelas assembleias gerais de cooperados, em troca de determinadas vantagens, tais como: redução de custos, economia de escala, ampliação do mercado, defesa de sua produção ou de sua atividade profissional, realização solidária de empreendimentos que transcendem o âmbito de sua capacidade técnica e financeira e aumento de serviços econômicos e sociais, à sua disposição, etc. Em todas essas situações,

entretanto, o cooperado não está com a reforma moral do homem, a correção de distorções ou a mudança do sistema em que vive. Está apenas interessado em realizar sua atividade econômica com mais eficácia, e, é neste sentido que busca a ação cooperativa. Esse enfoque da cooperativa como técnica organizatória eficaz na promoção do desenvolvimento socioeconômico passa a se tornar significativo, sobretudo nos últimos anos. Então, paralelamente ao cooperativismo de inspiração rochdalena, desenvolve-se um “cooperativismo sem Rochdale” na acepção doutrinária, que utiliza a cooperativa como técnica empresarial (PINHO, 1982, p.66).

Giddens (1978); Ranson et al. (1980), acreditam que a estrutura das organizações se constitui pelas relações de reciprocidade entre atributos formais e os padrões de interação, intermediados por esquemas interpretativos que visam conduzir o entendimento e a atuação das organizações diante das pressões das instituições.

Levando em consideração as colocações feitas no presente tópico, torna possível inferir que as CSA's podem ser consideradas uma tecnologia social inovadora, no estabelecimento de relações entre produtores e consumidores, se tratando não só das vendas diretas realizadas, mas na promoção do resgate e fortalecimento de práticas coletivas de cooperação e atuação política favorável na defesa do desenvolvimento econômico local, das culturas alimentares regionais, da prática do comércio justo e à defesa dos bens comuns, principalmente no que se refere ao meio ambiente (AUBRI; CHIFFOLEAU, 2009; CHAFFOTE; CHIFFOLEAU, 2007; ERTMANSKA, 2015).

2.3. Caracterização da Cadeia de Abastecimento

Visto o caráter familiar das atividades desenvolvidas pelos pequenos agricultores ligados ao movimento de CSA's, nota-se uma produção diversificada e em pequena escala, destinada a abastecer consumidores que residam em áreas rurais ou urbanas próximas.

Preiss (2017), em seu estudo sobre a dinâmica do abastecimento alimentar via CSA's no Estado de São Paulo, acredita que mesmo em cadeias de abastecimento muito específicas que sejam focadas na oferta local, em que a comida vem de áreas rurais próximas, dentro do município ou de pequenos negócios em áreas urbanas, economicamente, os recursos investidos na compra desses produtos, pelos consumidores, acabam alimentando as economias locais e contribuem para a reprodução dos atores envolvidos.

Sendo assim, o escoamento de produtos via CSA é caracterizado pela produção e abastecimento local, sendo uma das formas mais recentes e inovadoras de cadeia curta de produtos alimentícios inventada.

Segundo autores, existem três tipos de cadeias curtas, sendo a primeira chamada de “face a face”, caracterizada pela venda direta entre o produtor e o consumidor, onde a autenticidade e a confiabilidade são estabelecidas através do contato interpessoal. As características específicas do local de produção e/ou do processo de produção empregado emergem como parâmetros indispensáveis para a percepção da qualidade do produto (MARSDEN et al., 2000; RENTING et al., 2003).

O segundo tipo refere-se a proximidade geográfica, em que os produtos produzidos são distribuídos em uma região específica de produção, e os consumidores tem conhecimento do caráter local do produto (MARSDEN et al., 2000).

E por fim, o terceiro tipo de cadeia curta se trata da cadeia curta expandida, na qual o consumidor tem conhecimento sobre como o alimento foi e com isso confiança em sua procedência para o consumir (HUGHES e ISENGILDINA-MASSA, 2015). No terceiro tipo os produtos chegam a ser vendidos fora de sua região de produção e não é levada em consideração a distância percorrida pelo produto entre o local de produção e o consumidor final. (MARSDEN et al., 2000; BELLIVEAU, 2005).

Cabe trazer que “em termos ecológicos, a proximidade da cadeia de abastecimento significa que os produtos viajam curtas distâncias entre produção e consumo, em média, menos de 100 km em todos os casos” (PREISS, 2017, p.96).

E em termos sociais, pode-se dizer que a preferência por produtos locais, ao mesmo tempo que cria um canal de comercialização para os pequenos produtores, promove a valorização, proteção e preservação de conhecimentos locais, além das culturas alimentares e a biodiversidade regional (FONTE, 2010).

Brunori et al. (2016) indicam que as dinâmicas nos abastecimentos localizados e nas cadeias curtas não devem ser comparadas aos sistemas alimentares sustentáveis, apesar, de como dito por Preiss (2017, p.97) haver esforços em “criar estratégias para alcançar a sustentabilidade em termos de uma relação mais equitativa e harmônica em relação às dimensões econômicas, sociais e ambientais da produção de alimentos e consumo”.

2.4. Surgimento das CSA's

É possível dizer que a agricultura compreende uma das atividades mais antigas do mundo, a qual permitiu a humanidade evoluir seus hábitos alimentares, ao passo que, de meros coletores, o homem passou a cultivar seus próprios alimentos e desenvolver maior interação com o ecossistema onde se encontrava inserido, o modificando e extraíndo dele o que lhe era de interesse.

Na medida em que o homem estabeleceu e desenvolveu relações de convivência, formas de trocas e posteriormente comercialização de objetos e alimentos, segundo Molina et al. (2017) “algumas localidades ocupadas pela presença humana se tornaram grandes polos de convivência social, o que levou a busca por formas de organização social e produtiva em torno do abastecimento de alimentos”.

Foi visto em tópicos anteriores, que a modernização da agricultura, citado o caso do setor agrícola brasileiro, provocou profundas modificações nos modos de produção, com a intensificação do uso de máquinas, implementos e insumos sintéticos na agricultura, onde ao mesmo tempo que se buscava o aumento da produção agrícola de commodities voltadas a exportação, para que assim se impulsionasse a economia do país, tais práticas vem até os dias atuais causando enormes impactos ao meio ambiente e a saúde, seja humana ou animal.

Tendo isso em vista, a partir da percepção e preocupação, não só sobre questões relacionadas à segurança alimentar, em seu amplo sentido, mas também sobre a qualidade dos alimentos consumidos e sua procedência, as pessoas caminham em busca de alternativas que lhes proporcionem melhor qualidade de vida e o consumo de alimentos “limpos”, ou seja, livres de resíduos de agrotóxicos.

No entanto, como tudo integrado ao mundo capitalista, a produção de alimentos se tornou também uma atividade geradora de renda, e os alimentos oriundos dessa prática são simplesmente monetarizados, escoados e vendidos através de diversos meios de distribuição, sejam cadeias longas ou curtas, por multinacionais ou em mercados locais. Com isso Molina et al. (2017), traz o pensamento de outros autores, ao dizer que:

A monetarização dos bens de consumo ligados a agricultura transformou o alimento de um recurso natural e fruto do trabalho humano em uma mercadoria. Essa transformação contribuiu para que o valor dos alimentos pudesse ser visto de maneira desvinculada dos processos naturais, favorecendo mais comerciantes que agricultores nesse contexto. Os consumidores por sua vez foram se distanciando da realidade dos

agricultores e dos processos na produção de alimentos (PEREZ, BROWN e MILES, 2015 apud MOLINA et al. 2017).

A partir do exposto acima, outras questões são trazidas a reflexão, não só em relação a habitual precificação dos alimentos, mas da constante desvalorização do trabalho do homem do campo e o distanciamento dos consumidores com a realidade em que essa classe de trabalhadores, indispensável para a manutenção da vida, se encontra inserida, desmotivada e por vezes desamparada por seus governantes e a sociedade como um todo.

Melo et al. (2018) salientam que as CSA's compreendem um modelo diferente, quando comparado as relações tradicionais de vendas, onde os consumidores passam a compartilhar, junto a seus agricultores, os riscos da produção, proporcionando o suporte para se concentrar nas atividades de cultivo, e com a qualidade da produção e cuidado da terra, de maneira a não agredi-la. Os consumidores (co-agricultores) passam a conhecer de onde vêm seus alimentos, como são cultivados e quem os produz, estabelecendo-se assim, uma conexão entre os agricultores e os membros da comunidade.

E assim, da mesma forma que, como tratado em tópicos anteriores, a classe dos agricultores familiares marginalizados durante o processo de modernização da agricultura buscaram reunir forças formando as organizações associativas e cooperativas, para que conseguissem ganhar poder de mercado, barganha e se manter nas atividades no campo, surge como uma nova maneira de interagir com a sociedade, o mercado e escoar a produção, as organizações coletivas associativas que denominamos atualmente no Brasil como Comunidades que Sustentam a Agricultura – CSA.

Observa-se, nas últimas três décadas, em diversos países industrializados e com diferentes graus de urbanização, um crescente número de movimentos de consumidores e de produtores que buscam reconectar os elos da cadeia alimentar, processo social que abrange a exponencial expansão de núcleos de projetos CSA (MARTINS, 2017).

Cabe então definir o termo “CSA”, que vem do termo em inglês Community-supported Agriculture ou Community-shared Agriculture (entre outros, ANDREATTA e RHYNE, 2008; BROWN e MILLER, 2008; COOLEY E LASS, 1998; CONNER, 2003; ENDRES e ARMSTRONG, 2012; HENDERSON e VAN EN, 2007; MCFADDEN, 2004; URGENCI, 2016), mas que também recebe outras denominações, como o Teikei no Japão (CSA BRASIL, 2015; HENDERSON e VAN EN, 2007; MCFADDEN, 2004;

URGENCI, 2016), Agriculture Soutenue par la Communauté nomenclatura utilizada no Canadá, Groupes d'achat solidaires de l'agriculture paysanne, como é chamado na Bélgica, Gruppi di Acquisto Solidale, denominação recebida na Itália, Associations pour le maintien d'une agriculture paysanne, como é dito pela França (LAVILLE, 2009), e Gemeinschaftlich getragene Landwirtschaft, como é referido pelos agricultores e consumidores da Alemanha (CSA BRASIL, 2015).

E com essa premissa Molina et al. (2017) trazem que foi somente durante o decorrer do século XX que através do desenvolvimento científico e econômico da agricultura, e dos sucessivos eventos bélicos e a insegurança alimentar que passou a ser vivida por parte da crescente população no mundo, que tais questões, ligadas a qualidade dos alimentos, começaram a se tornaram mais evidentes e debatidas. E apesar das ideias semelhantes difundidas em diferentes países alguns autores sugerem que as origens do movimento CSA se processaram de maneira independente no Japão e na Europa ao decorrer do século XX.

2.4.1. O movimento Teikei

Tratando então sobre o Teikei percebe-se que globalmente o movimento, que aqui no Brasil chamamos de CSA, é relativamente recente, tendo sido formado através da associação entre agricultores e consumidores em 1971 no Japão (HENDERSON e VAN EN, 2007), na busca pela qualidade dos alimentos produzidos e preocupação com o rápido aumento da população.

De acordo com vários autores são encontradas versões diferentes sobre a origem e propósito do movimento Teikei, mas que na verdade convergem sempre para o objetivo de garantir e manter as atividades agrícolas e obter alimentos mais “limpos” e de qualidade (Figura 1).

A primeira hipótese é de que o movimento Teikei “se originou a partir da preocupação da população com rápido aumento da demanda por alimentos produzidos no mercado nacional e a queda na qualidade dos ingredientes utilizados na cozinha tradicional japonesa durante o século XX” (Molina et al., 2017); outra hipótese é de que o movimento teve “como pano de fundo o cenário de desastres ambientais que alarmaram esta década - como a contaminação do lago de Minamata e os impactos dos usos de pesticidas denunciado na obra de Rachel Carson”

(MARTINS, 2017, p. 233); e por fim de que teria sido formado pela iniciativa de um grupo de mulheres, as quais tinham preocupação com o intenso uso de pesticidas utilizados nas lavouras, com o crescimento da industrialização e dos produtos para a alimentação importados, e sobre a diminuição do número de agricultores locais, e dessa forma fizeram acordos de cooperação com um agricultor local e dessa maneira então formou-se o movimento Teikei (HENDERSON e VAN EN, 2007).

Autores dizem que a expressão Teikei “se refere ao fonema do ideograma da língua nipônica que representa unidade e união” (Molina et al., 2017) ou então que a tradução deste termo se refere a parceria ou cooperação (HENDERSON e VAN EN, 2007). Seja de uma forma ou de outra, o que percebe-se é que Teikei se trata não só de uma forma de produzir e escoar a alimentos, mas envolve a comunidade como um todo, com respeito e consideração com todas as relações, entre os homens e dos mesmos com o meio ambiente.

Eckert (2016) apresenta os dez princípios do Teikei que foram formulados em 1978 e foram estabelecidos como sendo a base da ideologia da CSA (Quadro 1), onde traz que a essência dessas comunidades não é por si só a negociação, mas sim a relação amigável praticada entre as pessoas (HENDERSON e VAN EN, 2007; URGENCI, 2016).

Quadro 1: Teikei – Os 10 princípios

Princípio	Significado
Assistência Mútua	Agricultores e consumidores devem buscar se ajudar com base no entendimento mútuo de que a essência reside em uma relação de amizade previamente construída.
Produção Planejada	Mediante prévio acordo com os consumidores, os produtores devem buscar produzir o máximo de variedade de alimentos no espaço destinado ao plantio.
Aceitação da Produção Obtida	Mediante prévio acordo, o que foi obtido na terra deve ser aceito e a dieta deve depender o máximo possível desta fonte.
Concessão Mútua na Decisão do Preço	Ao decidir os preços da produção, os agricultores devem levar em conta as economias que foram realizadas pelo encurtamento da cadeia, pela aceitação de todos os produtos e pela redução de embalagem. Os consumidores devem considerar que estão obtendo produtos de qualidade, seguros, frescos e saborosos.
Aprofundamento das Relações de Amizade	Deve-se buscar o máximo de contato entre produtor e consumidor, pois disso depende a relação de amizade.
Autodistribuição	Visa diminuir ou excluir a dependência de transporte externo: a logística deve ser encargo do produtor ou consumidor.
Gestão Democrática	As responsabilidades são compartilhadas entre todos.
Busca pelo Aprendizado	É importante fomentar práticas de compartilhamento de saberes entre os membros.
Manutenção da Escala do Grupo Apropriada	Deve-se evitar que um grupo fique muito grande. Para isso, recomenda-se ampliar a quantidade de grupos de modo a manter constante a colaboração mútua.
Desenvolvimento Estável	Nem sempre as condições serão adequadas e favoráveis a todos, deve-se fazer um esforço para melhorar e avançar com colaboração mútua.

Fonte: ECKERT (2016) adaptado de HENDERSON e VAN EN (2007) e URGENCI (2016).

Yoshinori Kaneko, um agricultor familiar do Japão, ao perceber que conseguia em sua propriedade produzir a subsistência para sua família e um excedente capaz de suprir famílias a mais, através de rodas de conversa com seus vizinhos sobre "Unidade de Corpo e Meio Ambiente", ou seja, saúde, meio ambiente e alimentação, propôs junto aos vizinhos um contrato onde se comprometia em abastecer as famílias e em troca receberia ajuda com o financiamento de sua produção e auxílio no manejo com a horta (MOLINA et al., 2017; MARTINS, 2017). E dessa forma, “em pouco tempo o movimento Teikei, cuja expressão significa ‘parceria’, é amplamente difundido neste país, em especial entre mulheres japonesas das cidades preocupadas com alimentação de seus filhos” (MARTINS, 2017, p. 234).

2.4.1.1. Representações gráficas do conjunto de ideias e estratégias do Teikei

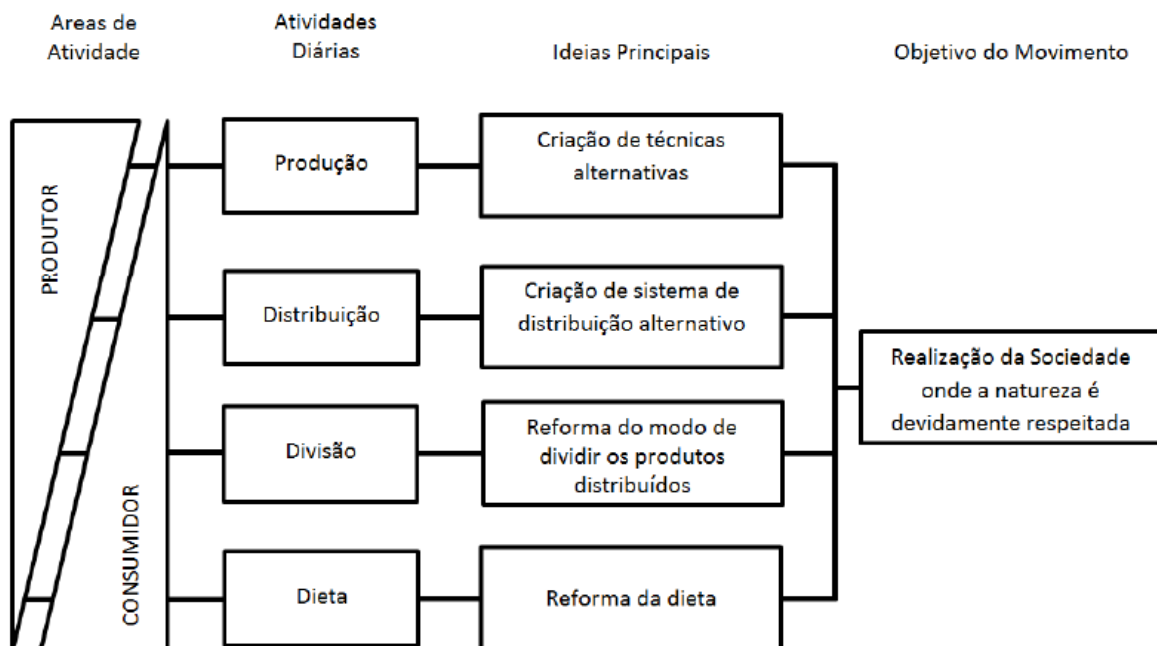
Molina et al. (2017) trazem que o surgimento do movimento Teikei representa uma resposta a um período de crescimento econômico sem precedentes, acelerada industrialização e questionamentos sobre os impactos que a agricultura moderna tem

causado na saúde humana e na qualidade ambiental no Japão. Entretanto, sabe-se que esses problemas não eram somente enfrentados pelos japoneses.

Ainda segundo Molina et al. (2017), ao mesmo tempo que os movimentos Teikeis no Japão aconteciam, diversas iniciativas parecidas começaram a se organizar na Europa (Figuras 1, 2 e 3).

O movimento Teikei, embora tenha começado em paralelo e sem vínculos ao CSA na Europa, é possível afirmar que ambos tinham os mesmos princípios e diretrizes (PERRY e FRANZBLAU, 2010).

Apesar de geograficamente próximo ao Japão, na China só ocorreu o surgimento da CSA no ano de 2008, que apesar de tardio, apresenta atualmente cerca de 800 núcleos organizados, com 800 mil consumidores (HITCHMAN, 2015).



De "Agricultura Orgânica no Japão" por Shigeru Yasuda

Figura 1: Conjunto de estratégias utilizadas no movimento Teikei.

Fonte: <http://www.joaa.net/english/teikei.htm#ch5>, acessado em 21 de outubro de 2018.

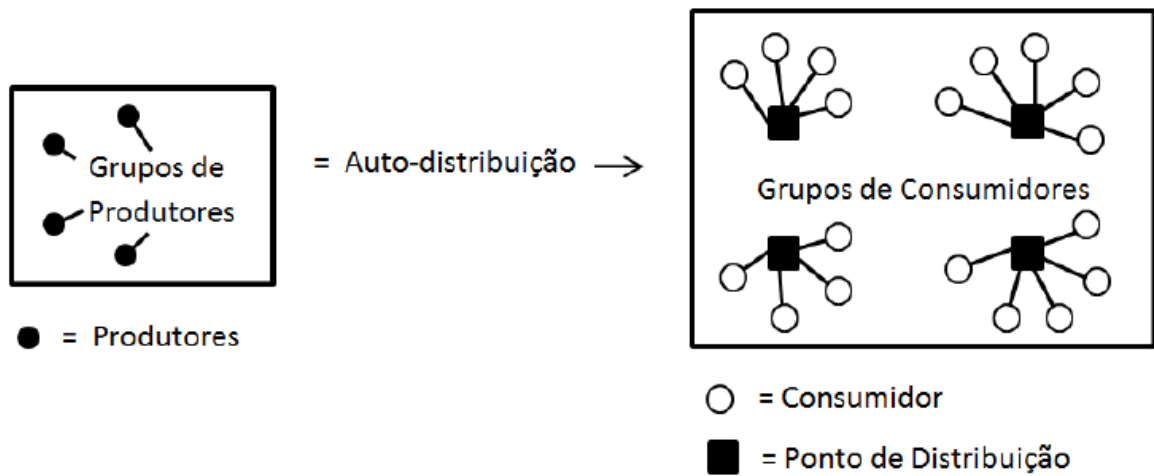


Figura 2: Sistema de produção/distribuição no Teikei.

Fonte: <http://www.joaa.net/english/teikei.htm#ch5>, acessado em 21 de outubro de 2018.

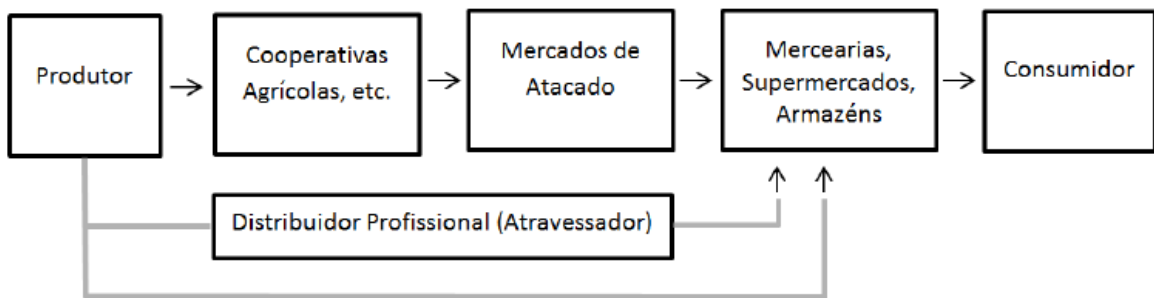


Figura 3: Exemplo de mecanismo de comercialização convencional.

Fonte: <http://www.joaa.net/english/teikei.htm#ch5>, acessado em 21 de outubro de 2018.

2.4.2. Surgimento da CSA na Europa

Existe uma certa divergência, também observada por Martins (2017), sobre a exatidão de como os conceitos de CSA alcançaram a Europa, fato este que também foi relatado por Elisabeth Henderson e Robyn Van Em, em sua publicação "Sharing the harvest: a citizen's guide to community supported agriculture" de 2007. Não foi observada uma relação direta da influência do modelo japonês Teikei na constituição da CSA na Europa, conforme relatado por Urgenci (2016).

Dessa maneira, buscando organizar informações, seguindo a cronologia dos relatos, destaca-se em uma primeira hipótese, que a origem das ideias que aparecem de maneira antecipada ao movimento CSA na Europa se desenvolveu mediante múltiplos modelos e com influências ligadas ao pensamento do filósofo austríaco

Rudolf Steiner (1861-1925), principalmente, sobre questões ligadas a agricultura e a economia (Figura 4).

O “cientista austro-húngaro, sistematizou a gnosiologia contida em Goethe como base científica para o desenvolvimento da ciência do espírito ou antroposofia”, a qual não deve ser confundida com “uma religião, é uma ciência que permite a construção de um conhecimento que integra matéria e espírito. Para Steiner, o pensar é o elo entre o homem e a realidade espiritual, berço da liberdade (MIKLÓS, 2017, p.108).

Entre as contribuições que Steiner deixou para a agricultura estão as bases do que é conhecido como Agricultura Biodinâmica, movimento o qual foi iniciado em 1924, depois de uma sequência de palestras oferecidas a produtores rurais na cidade de Koberwitz, na Polônia (MOLINA et al. (2017).

Miklós (2017, p.108) a respeito do manejo biodinâmico traz que:

As fazendas biodinâmicas são diversificadas de acordo com o local. Os sistemas de cultivo visam à fertilidade duradoura. Adubar consiste em vitalizar o solo. O efeito do composto sobre solos e plantas é aperfeiçoado por meio de preparados biodinâmicos, de modo a favorecer a vida do solo e o aproveitamento da luz pelas plantas. O método eleva a qualidade do ecossistema e, por conseguinte, a qualidade nutritiva dos alimentos (selo Demeter), o que resulta, por sua vez, da ótima relação entre os fatores de crescimento (solo, biosfera, atmosfera, Cosmos).

Em uma segunda hipótese, Eckert (2016, p. 25) relata o pensamento de outros autores:

Há indícios de que tenha sofrido influência chilena e do movimento camponês de trabalho na França (URGENCI, 2016). O que se sabe é que a base ideológica do modelo europeu teve origem no ano de 1920, por meio do filósofo austríaco Rudolf Steiner, e foi disseminada após a Segunda Guerra Mundial, especificamente, entre as décadas de 1950 a 1970 (MCFADDEN, 2004).

E em uma terceira e última hipótese, a se ater no presente texto, Martins (2017, p. 236), também embasada no pensamento de outros autores traz que:

O nascimento de uma organização de abastecimento alimentar similar ao Teikei é identificado, no mesmo ano de 1971, na Suíça, mas a ligação entre estas duas experiências é pouco nítida, não se sabe ao certo se haveriam influências da experiência japonesa no caso suíço. Apresentando um formato mais assemelhado a uma produção cooperativista planejada, os 50 (cinquenta) membros-parceiros fundadores desta primeira iniciativa de CSA na Europa, localizada na fazenda Les Jardins de Cocagne, em uma região próxima a Genebra, teriam se inspirado na experiência de um coletivo de camponeses chilenos ativo no período do governo de Allende, e em outros movimentos camponeses franceses e ingleses. Os Jardins de Cocagne, ainda hoje em funcionamento, incentivou na época de sua inauguração a criação de outros dez 10 (dez) grupos suíços, todos ainda hoje existentes (HERDERSON e VAN EN, 2011).

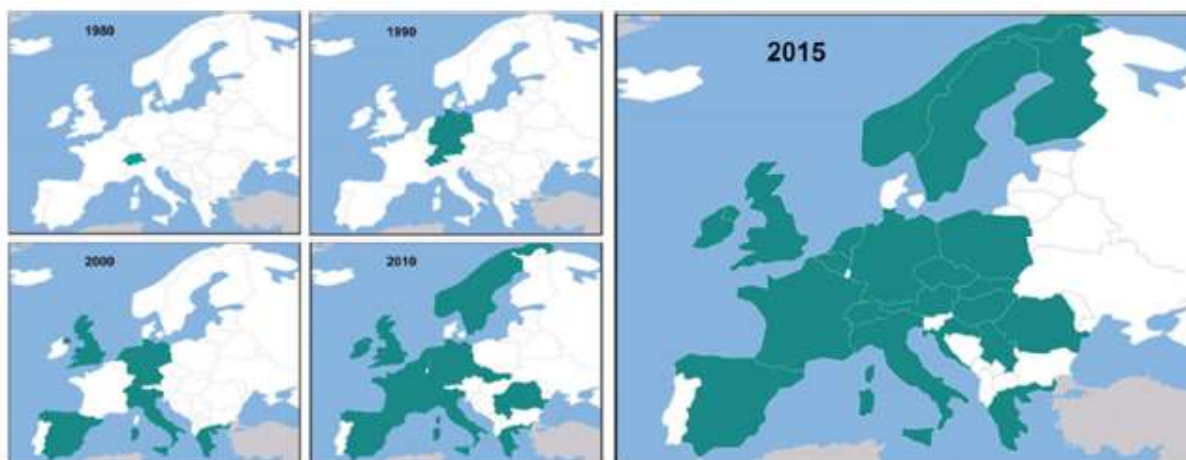


Figura 4: Disseminação das CSA's pela Europa entre 1980 e 2015.

Fonte: European CSA Research Group (2016).

Torres (2017, p.30) relata que na Alemanha ainda existem as Community Connected Agriculture — CCA, seguindo um conceito próximo ao de CSA, onde:

CCA promove ações educativas a nível local contemplando serviços de preservação da natureza, passeios ecológicos guiados e apoio à agricultura sustentável de forma a facilitar processos de investimento e acesso a propriedades potencialmente produtivas. Ponto em comum com a CSA, a CCA também se coloca a parte do mercado global, direcionando-se a atender necessidades da produção local.

Mesmo com todas as divergências sobre suas origens, os princípios e ideologia da CSA se espalharam rapidamente por vários países da Europa e em 1986 atravessou o continente e alcançou os Estados Unidos da América, onde tem tido um de seus mais rápidos e expressivos crescimentos, conforme relatado por Martins (2017).

2.4.3. A migração das CSA's para os Estados Unidos da América (EUA)

Como citado no tópico anterior, as ideias que se disseminaram pela Europa alcançaram o continente americano em 1986, onde, paralelamente, em dois locais distintos, foram colocadas em prática. Molina et al. (2017) relatam que um desses locais foi a fazenda Indian Line, que fica em Massachusetts e o outro na fazenda Temple-Wilton Community que se encontra em New Hampshire, nas quais, até os dias atuais, se encontram em funcionamento via organismo de CSA. Ainda segundo Molina et al. (2017), essas fazendas estabeleceram legados duradouros mesmo tendo

enfrentado muitos desafios ao longo dos anos. As histórias ilustram até hoje muitos dos desafios que são enfrentados pelas CSA's como um todo.

Sobre a CSA formada na Fazenda Indian Line, Molina et al. (2017) dizem que foi o agricultor Jan Vander Tuin que criou e lançou o termo CSA (em inglês - Community Supported Agriculture) ao apresentar suas ideias e experiências para o agricultor Robyn Van En na fazenda Indian Line em South Egremont, Massachusetts e à Susan Witt, que em 1984 era a diretora da Sociedade Ernst Friedrich Schumacher.

De acordo com Mcfadden (2004), o agricultor Jan Vander Tuin ao ler um artigo sobre orgânicos que foi publicado em uma revista que trata especificamente sobre o tema, em 1985, se viu atraído sobre o assunto. Ele observou a proximidade e interação entre produtores e consumidores em Genebra, aliança essa que havia sido inspirada pelo movimento chileno onde se buscava a cooperação mútua, o que motivou a levar tais pensamentos para os EUA. Tuin, em rodas de conversa com integrantes da comunidade local - os quais já tinham conhecimentos sobre agricultura biodinâmica e a antroposofia, herança deixada pelo suíço Rudolf Steiner, homem que lançou os pilares da associação entre produtor e consumidor - juntamente com seus vizinhos decidiram colocar em prática uma iniciativa que reunisse essas ideias, dando origem à CSA formada na Fazenda Indian Line Farm.

Ainda segundo Mcfadden (2004), no mesmo ano da formação da CSA da fazenda Indian Line Farm, em 1986 no noroeste de New Hampshire outro grupo dá início a outra CSA intitulada Temple-Wilton Community Farm. Fundada por Anthony Graham, Trauger Groh e Lincoln Geiger, onde a esposa de Trauger era de New Hampshire e ao irem para os Estados Unidos começaram conversas em relação a formação de um grupo em 1985 tomando como preceitos três ideias de Rudolph Steiner, as quais são descritas a seguir:

(1) novas maneiras de propriedade, onde a mesma é mantida por um grupo comunitário, que suporta os custos da propriedade a longo prazo para que os agricultores utilizem a terra para cultivar alimentos para a própria comunidade;

(2) novas maneiras de cooperação, em que um grupo de pessoas se relacionam e substituem os sistemas antigos com a relação de empregadores/empregados por sua cooperação na divisão do trabalho;

(3) novas maneiras de economia, onde o objetivo não é de obter lucro, mas sim suprir as reais necessidades apresentadas pela terra e pelas pessoas envolvidas no relacionamento.

De acordo com Urgenci (2016), entre as décadas de 80 e 90, CSA's se formaram principalmente pelos EUA e alcançaram mais de mil iniciativas, onde em sua grande maioria eram em propriedades familiares de pequeno porte, com cerca de 1,2 a 2 hectares. Se cultivava hortaliças em manejo orgânico e/ou biodinâmico para o abastecimento de famílias na área rural e urbana próximas. Pode-se dizer que as formas de cultivo empregadas atribuem um diferencial às comunidades, fazendo com que a procura por elas cresça.

E com isso, Molina et al. (2017) relatam que depois do crescimento do movimento CSA nos Estados Unidos, ao tomar conhecimento sobre o movimento TEIKEI no Japão e outras iniciativas semelhantes na Europa, foram estabelecidos alguns princípios e diretrizes, os quais até os dias atuais são partilhados por todos. Atualmente, o movimento social Community Supported Agriculture – CSA – se encontra disseminado por todo o mundo, e a federação internacional de CSAs, que se chama URGENCI (urgenci.net), vem realizando conferências internacionais, onde os integrantes de diversos países se reúnem e interagem trocando experiências e conhecendo outras realidades.

É possível perceber então que o movimento CSA vem crescendo e tomando proporções mundiais, estando presente em quase todos os continentes e países, inclusive no Brasil, na busca por uma nova forma de interação entre as pessoas, com a percepção, respeito e valorização dos indivíduos, da terra e de todo o ecossistema envolvido.

2.4.4. Surgimento da CSA no Brasil

Antes de tratar especificamente sobre o surgimento da CSA no Brasil, cabe trazer um norte sobre a migração das ideias antes difundidas no Japão, pela Europa, nos Estados Unidos e tantos outros países, onde, Martins (2017, p. 239), reunindo informações divulgadas pela revista Super Interessante, relata que:

Na América Latina, o CSA tem início na década de 1990 em um núcleo instalado na cidade de Recife, Brasil. Posteriormente, em meados de 2009, novos núcleos são inaugurados no Chile, no Equador e na Argentina. Aproximadamente 20 anos após o surgimento do primeiro CSA no Brasil, o

movimento ganha impulso em terras brasileiras com a vinda do artista plástico alemão Hermann Pohlmann, importante agente social na divulgação da proposta CSA neste país nos últimos anos.

De acordo com Molina et al. (2017), nos anos 90, em Fortaleza-CE, por meio da iniciativa trazida pelo engenheiro agrônomo brasileiro chamado Richard Charity, houve a criação da Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Orgânica (ADAO), onde a partir dos princípios da CSA adquiridos quando morou no exterior, ao regressar para o Brasil, ele apoiou, com seus conhecimentos profissionais e sobre as ideologias da CSA, a criação da ADAO, buscando o fortalecimento da agricultura de base orgânica na região. Dessa forma, quando houve o começo da colheita dos cultivos no local, foi necessário buscar maneiras para uma comercialização justa, a qual remunerasse o trabalho do agricultor de maneira digna e ao mesmo tempo que fosse capaz de proporcionar o acesso de consumidores aos alimentos orgânicos. Essa organização via CSA foi uma tentativa implantada naquela região. No entanto, não foram obtidos os resultados esperados, não criando raízes e não prosperou.

Após algum tempo, ainda segundo Molina et al. (2017), no ano de 2010, o alemão Hermann Pohlmann, que veio para o Brasil acompanhado de sua esposa brasileira, Claudia Vivacqua de Figueiredo e seu filho Lucas Pohlmann, trouxe as experiências como membro e co-agricultor (nomenclatura atribuída a um membro consumidor) de uma CSA na Alemanha (Figura 5).



Figura 5: 1ª reunião para criação CSA Brasil realizada na sede da VP no início de 2013.
Fonte: Livro - Nutrição Funcional & Sustentabilidade: alimentando um mundo saudável.

Molina et al. (2017) trazem, ainda, que em maio de 2011, depois de vários encontros e rodas de conversas, foi efetivamente iniciada a primeira CSA no Brasil, a partir do agricultor Marcelo Veríssimo da Costa, no bairro agrícola Demétria, localizado no município de Botucatu/SP (Figura 6). A partir deste momento, muitas pessoas começaram a colaborar com a iniciativa para que a CSA Demétria conseguisse ganhar força e se estabelecer e crescer. A CSA Brasil considera que sem a união das pessoas não teria sido bem-sucedida a iniciativa, pois a CSA tem que ser entendida como um impulso de comunidade, ou seja, a base está na comunidade. A ideia pode partir de um indivíduo, mas precisa dos outros membros da comunidade para que se torne realidade.



Figura 6: Marcelo e sua família, os primeiros agricultores de uma CSA no Brasil - CSA Demétria.
Fonte: Livro - Nutrição Funcional e Sustentabilidade: alimentando um mundo saudável.

Com o passar do tempo e com o aumento da visibilidade houve o reconhecimento da CSA Demétria como marco importante e de início do movimento CSA no Brasil. Molina et al. (2017) faz referência a CSA Demétria como um movimento que contrapõe a cultura do preço, existente no mercado tradicional, para a cultura do APREÇO. Definida como uma cultura que valoriza o ser humano acima de qualquer coisa, com real afeição e consideração pelas e nas relações interpessoais e com o meio ambiente.

Atualmente o movimento das CSA's no Brasil está em acelerada e próspera expansão (Figura 7), contando com iniciativas por diversos estados da federação. Como citado por Martins (2017), até o momento o movimento não possui um levantamento exato sobre o número de CSA's existentes no país. No entanto, é notória a crescente adesão por essa prática de produção e escoamento de produção, que promove a valorização e permanência do homem no campo, além do acesso a produtos orgânicos para as populações, com maior interação entre os atores envolvidos e o ecossistema a sua volta.

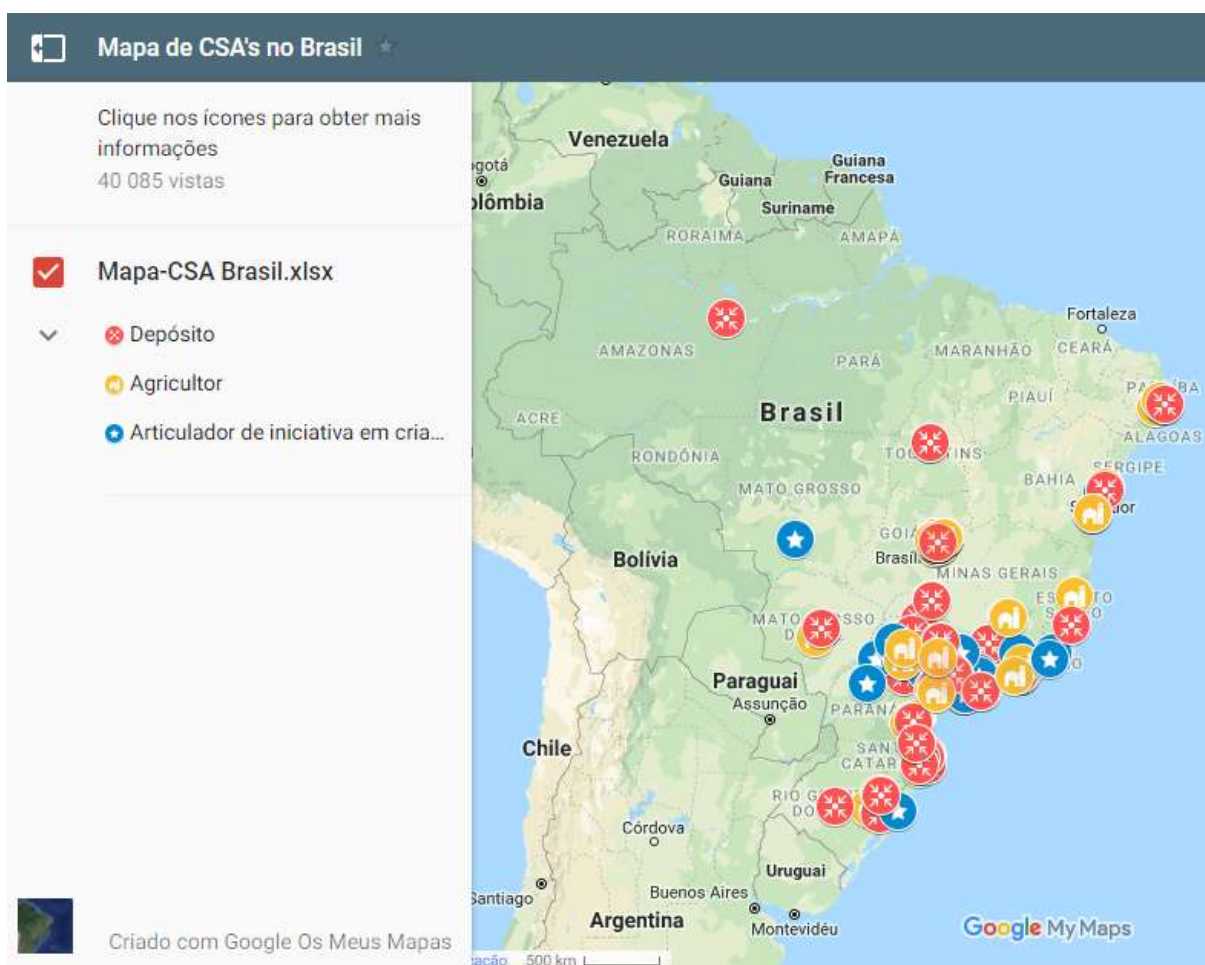


Figura 7: Distribuição de CSA's pelo Brasil.

Fonte: Site CSA Brasil <<http://www.csabrasil.org/csa/>> Acesso: 23/10/2018.

2.5. Estrutura, objetivos e princípios das CSA's

O grupo CSA Brasil (2015) faz referência ao movimento como “uma prática de sucesso para um desenvolvimento agrário sustentável e o escoamento de produtos orgânicos de uma forma direta ao consumidor, criando uma relação próxima entre quem produz e quem consome os produtos”. Oliveira et al. (2019, p.372) retratam tal aproximação, proporcionada pelo estreitamento das relações interpessoais entre produtores e consumidores, ao dizer que:

Ao contrário das tradicionais publicidades, a principal via de informação sobre os alimentos se dá por meio da relação de proximidade entre agricultor e consumidor. Entre os objetivos dessa relação está o de informar como, quando, onde e por quem os alimentos são produzidos, bem como conscientizar os consumidores da realidade dos agricultores, dos espaços sociais e do meio ambiente.

Hayden e Buck (2012) acreditam que é através da relação de proximidade estabelecida via CSA, entre o produtor familiar e o consumidor, que a adesão e

envolvimento se torna possível, mesmo que, em alguns casos, o consumidor assimile um custo mais alto e menor controle sobre a variedade e quantidade dos alimentos que irá receber.

Sendo assim, CSA Brasil (2015) informa que a estrutura básica para o funcionamento de uma CSA, mesmo havendo variações, busca atender as necessidades e anseios dos atores envolvidos, em determinada região, mantendo a característica de ser:

Um modelo de um trabalho conjunto entre produtores de alimentos orgânicos e consumidores: um grupo fixo de consumidores se compromete por um ano (em geral) a cobrir o orçamento anual da produção agrícola. Em contrapartida os consumidores recebem os alimentos produzidos pelo sítio ou fazenda sem outros custos adicionais. Desta forma o produtor sem a pressão do mercado e do preço, pode se dedicar de forma livre a sua produção. E os consumidores recebem produtos de qualidade, sabendo quem os produz e aonde são produzidos (CSA BRASIL, 2015).

Com isso, um princípio fundamental é promover um modelo de produção que não seja prejudicial ao ser humano e seu entorno, sendo a essa a “condição inflexível” para fazer parte de um desses modelos orgânicos e/ou agroecológicos de produção de alimentos. Os demais princípios da CSA no Brasil são: colaboração mútua, diversificação da produção, aceitação de produtos da época (respeito a sazonalidade), comercialização com preços justos, criação e manutenção de relações de amizade entre os membros, distribuição independente dos alimentos, a qual é organizada pelos próprios consumidores (co-produtores), gestão democrática, aprendizagem mútua, produção e consumo local e a estabilidade (CSA BRASIL, 2015).

Devido ao rápido desenvolvimento, com a criação de diversas CSA's pelo Brasil, as quais constantemente buscam auxílio na pioneira CSA Demétria, foi criada a CSA Brasil em 2011 com o intuito de “proteger as pequenas estruturas agrícolas através da formação de sítios da CSA em diferentes localidades” contribuindo de maneira efetiva para melhorar a situação alimentar de crianças e adultos, existindo hoje projetos em vários Estados brasileiros (CSA BRASIL, 2015).

Dessa forma CSA Brasil (2015) resume sua função como sendo:

Promover o desenvolvimento da economia associativa por meio da agricultura comunitária entre agricultores e consumidores, em âmbito nacional, para se chegar a uma Escultura Social (Arte Social), com ações de apoio e educativas para que o agricultor deixe de vender seus produtos por meio de intermediários e conte, para organização e financiamento de sua produção, com a participação dos membros consumidores, colaborando para o desenvolvimento sustentável, comércio justo e fraterno, assegurando a oferta de produtos orgânicos/biodinâmicos, sem prejuízo ao meio ambiente

(utilização do solo e recursos naturais), proporcionando, por fim, uma alimentação saudável para todos os envolvidos na comunidade.

Molina et al. (2017) subdividem os objetivos da CSA Brasil como sendo dois centrais, onde:

1º objetivo - Promover o desenvolvimento da economia associativa, na prática, através do fomento de novas unidades de CSA's (Community Supported Agriculture – Comunidade que Sustenta a Agricultura) locais, organizadas por agricultores e consumidores (co-agricultores) associados a um organismo agrícola promovendo uma comunhão entre planta e animal, ser humano e terra em busca de uma relação maior com a agricultura e reconhecer a sua importância para a melhoria da qualidade de vida de todo o entorno da localidade;

2º objetivo - Criação de uma rede de unidades de CSA a fim de enriquecer o movimento CSA, através de vínculo vivo com as unidades de CSA's locais, em alinhamento com seus princípios e propósitos, em todo território brasileiro, divulgando e apoiando seus interesses, suas experiências, aprendizados e sucessos em fóruns nacionais e internacionais, governamentais e não-governamentais.

A partir desses objetivos gerais, expostos por Molina, cabe levar em consideração e criar profundidade a partir dos 10 conceitos formulados por Groh e Mcfadden (1997) e compilado por Eckert (2016, p.31-32), apresentados no quadro 2, abaixo, onde são apresentados os 10 princípios que devem ser obedecidos.

Quadro 2: 10 Conceitos formulados por Groh e Mcfadden aos quais as CSA's deverão se submeter.

Conceitos que toda CSA deve se submeter	
1º	Não utilizar substâncias sintéticas no solo, nas plantas e nos animais, sejam estas fertilizantes minerais, pesticidas sintéticos, herbicidas e fungicidas ou suplementos minerais na alimentação animal.
2º	Conseguir o estrume necessário para as plantas crescerem saudáveis, mantendo um número suficiente de animais em combinação harmoniosa com outras espécies. Destes, o gado merece destaque pela qualidade do seu excremento, apesar de o ideal ser uma combinação que inclua galinhas, cavalos, porcos, ovelhas e cabras, pois cada um gera um estrume com qualidade e funções diferentes. E quanto mais livres eles pastarem, melhor será a qualidade do excremento.
3º	Nutrir esses animais com a alimentação produzida na própria fazenda.
4º	Buscar uma grande diversidade de plantas em combinação e como parte de uma rotação de culturas.
5º	Reconhecer que a circulação do carbono ou das substâncias orgânicas, através do solo, das plantas e do ar, é a base para uma fertilidade permanente, expresso por meio do "húmus", que é um forte nutriente para o solo construído por excremento de animais e resíduos de plantas.
6º	Fortalecer a circulação de sílica no solo encorajando o processo microbiótico, que tem estreita relação com os processos da natureza vinculados à luz e ao calor. A grande importância da sílica por vezes é diminuída na agricultura tradicional, mas sem ela há perda de resistência e força, permitindo a infecção da planta por fungos, por exemplo.
7º	Criar condições harmoniosas e balanceadas no solo, nas plantas, nos animais e na paisagem como uma base necessária para a produtividade, pois dessa harmonia depende a saúde do ambiente natural.
8º	A natureza destruída deve ser restaurada, pois além da questão moral, ela serve como barreira natural contra a erosão, mantendo a umidade do solo e servindo de habitat para animais e insetos que detêm importantes funções e são inclusive benéficos para o estabelecimento do equilíbrio e de uma planta saudável.
9º	Implementar um controle biológico de ervas daninhas e de pestes, que é auxiliado por todos os passos anteriores, com destaque para a natureza restaurada, o uso de excrementos de qualidade e a rotação de plantas.
10º	Estabelecer uma ordem rítmica conectada com a natureza, respeitando os ciclos de produção, do sol e da lua. Essa cadência é essencial para a sobrevivência atrelada à preservação.

Fonte: Adaptado de Eckert (2016).

Considerando o quadro acima, cabe trazer o pensamento de Bloemmen et al. (2015) que defendem teorias de que o movimento CSA compreende um novo modelo de produção onde as metas racionais de eficiência e maximização, previstas nos modelos tradicionais, não dominam a racionalidade social, além de trazer à tona a discussão sobre formas não convencionais e instrumentais de se organizar.

Em suma, mesmo existindo variações nas estruturas de uma CSA quando comparadas a outra, se adequando as condições, necessidades e acordos estabelecidos nos locais, são preservados preceitos comuns entre todas as comunidades que sustentam a agricultura, com respeito a sazonalidade, produção dos alimentos, valorização e reconhecimento do trabalho dos agricultores e ajuda aos mesmos, lhes proporcionando condições dignas e mais justas de trabalho. A

integração entre agricultores e seus co-agricultores confere segurança e garantia sobre a qualidade e origem dos alimentos que estão consumindo, livres de resíduos tóxicos, que causem danos a sua saúde e ao meio ambiente, no caminho de uma comunidade consciente e verdadeiramente sustentável.

2.6. CSA's do Distrito Federal (DF)

Da mesma maneira que todas as CSA's espalhadas por todo o Brasil, as que se encontram no Distrito Federal tem como missão “promover uma cultura solidária, saudável e sustentável de produção e consumo de alimentos” e cultivam os valores de uma produção orgânica, local, sem intermediários, da valorização da agricultura familiar, a promoção do fortalecimento da agroecologia, o incentivo e promoção da gestão participativa, democrática e rotativa, o cultivo de interações harmônicas entre espécies e o ambiente, busca o exercício da postura de corresponsabilidade, promove o contato dos co-agricultores com os agricultores e com a terra e incentiva a prática da economia associativa, segundo CSA Brasília (2018).

De acordo com a CSA Brasília (2018), no ano de 2012 começaram a acontecer experiências iniciais com grupos de amigos permacultores na Chácara Toca da Coruja, onde foram feitos os primeiros plantios e também encontros para diálogos sobre como poderia ser implantada uma CSA em Brasília. Dois anos depois, mais especificamente no dia 22 de julho de 2014, ocorreu na Universidade de Brasília uma palestra aberta no Centro de Desenvolvimento Sustentável – UnB, onde foi tratado o tema “Exemplos de CSA na Europa: para além da lógica de mercado”, a qual foi oferecida por Cathy Boufartique (França) e Philipp Weckenbrock (Alemanha), e promovido pela organização Mutirão Agroflorestal.

Ainda segundo a CSA Brasília (2018), surgiu a oportunidade de três moradoras de Brasília, Fabiana Peneireiro, Renata Navega e Andrea Zimmermann participarem do Curso de Implantação de CSA: Módulo Filosófico e Módulo Prático na CSA Demétria, Botucatu/SP, ofertado duas vezes por ano pela CSA Brasil. As três mulheres foram a São Paulo com a intenção de aprender e entender mais sobre os conceitos e ideias trazidos para o Brasil pelo suíço Herman. Logo após, elas trouxeram o movimento CSA para o Distrito Federal.

O curso ocorreu de 26 a 30 de novembro de 2014. Após o curso e pouco adiante, no dia 8 de dezembro de 2014, ocorreu outra palestra aberta no Centro de Desenvolvimento Sustentável – UnB, onde foi tratado o tema: “Roda de Conversa sobre CSA: Partilha do Curso no CSA Demétria”, promovido pela organização do Mutirão Agroflorestal em parceria com Matres Socioambiental. Espaço esse que foi considerado o início das articulações para se formar as primeiras CSA’s no DF (Figura 8). Em março de 2015 ocorreu a formação das CSA Barbetta e Toca da Coruja (CSA BRASÍLIA, 2018).

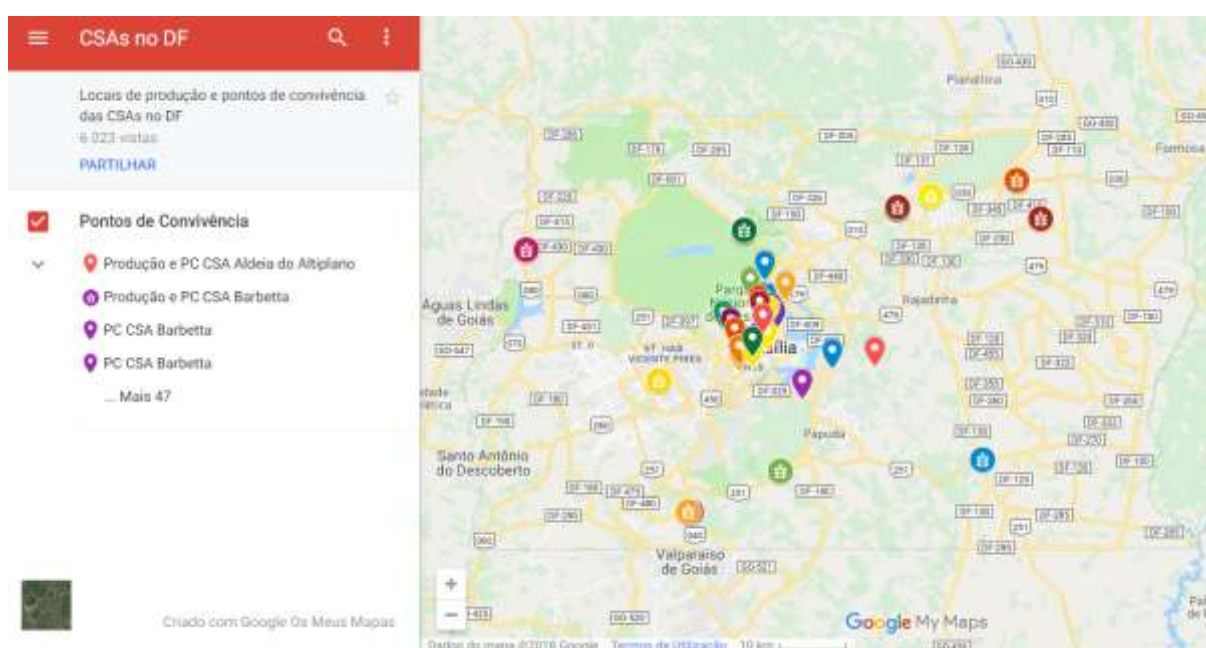


Figura 8: Distribuição de CSA's pelo Distrito Federal.

Fonte: Site CSA Brasília <<https://csabrasilia.wordpress.com/>> Acesso: 23/10/2018.

Seguindo a ordem cronológica, de acordo com a CSA Brasília (2018), em agosto de 2015 houve a formação da CSA Aldeia do Altiplano, em setembro de 2015 a criação do ponto de convivência do CSA Barbetta na FEPECS, em fevereiro de 2016 a formação da CSA Batata Doce, em março de 2016 a formação da CSA Girassol e da CSA Cultivada, em maio de 2016 a formação da CSA da Floresta, em junho de 2016 a formação da CSA Jardim de Gaia, que é a 1ª CSA com produção biodinâmica em Brasília, em setembro de 2016 a formação da CSA Bindu, em outubro de 2016 a formação da CSA Doce Vida – APROSPERA (Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu) e em novembro de 2016 a formação da CSA Esperança, da CSA Brotos d'Água e da CSA Bela Vista.

Rapidamente o Distrito Federal tem ganhado visibilidade e se tornado uma das referências sobre organizações de CSA's no Brasil, não somente pela rapidez com que as ideias têm sido disseminadas, mas pela coesão das comunidades associativas, que tem batalhado em prol dessa causa.

Atualmente o Distrito Federal é composto oficialmente, e constando no site da CSA Brasília, por 22 CSA's espalhadas por todo o Distrito (CSA BRASÍLIA, 2018). No entanto, há relatos e informações dos membros da CSA Brasil, que o Distrito Federal conta com 29 Comunidades que Sustentam a Agricultura em funcionamento, promovendo não só a produção de alimentos "limpos" e mais saudáveis, mas a integração e interação entre todos os atores envolvidos, além de profunda transformação e reeducação sobre consumo, economia e escoamento de produção, caminhando no contrafluxo do 'preço', cultivando o caminho e o carinho pelo 'apreço'.

3. MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA

No presente capítulo é apresentado o método usado para proceder a coleta e análise dos dados, com o intuito de alcançar os objetivos propostos na pesquisa. O objetivo proposto na pesquisa foi realizar um levantamento sobre as Comunidades que Sustentam a Agricultura no Distrito Federal, verificando os impactos econômicos e sociais e a percepção de agricultores e co-agricultores sobre o Grupo CSA.

3.1. Caracterização do estudo

Sobre a presente proposta metodológica, quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, para que se possa entender e investigar a dinâmica e as relações desenvolvidas por produtores familiares e as comunidades ao seu entorno a partir das relações estabelecidas nas CSA's, além dos principais entraves e medidas necessárias para o desenvolvimento dessa prática associativa entre produtores e consumidores.

De acordo com Goldenberg (1997, p. 34):

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os

pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

De maneira complementar aos pensamentos de Goldenberg, Deslandes et al. (1994, p.21-22) afirmam que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Quanto à natureza da pesquisa, ela se enquadra como sendo uma pesquisa aplicada, visto que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p.35).

Baseando-se nos procedimentos técnicos adotados para delinear o modelo conceitual e operacional da pesquisa, o delineamento (planejamento da pesquisa e do modelo) que melhor enquadra-se na proposta de pesquisa do presente estudo é o estudo de caso, uma vez que busca aprofundar-se nas questões propostas, conforme Gil (2002).

E quanto aos objetivos do estudo, se classifica como um estudo exploratório. Segundo Sellitz et al. (1965) em tal categoria estão todos os estudos que almejam inferir ideias e intuições, adquirindo, assim, maior familiaridade com o fenômeno pesquisado. O planejamento da pesquisa deve ser flexível e deve permitir analisar os vários aspectos relacionados ao fenômeno em estudo.

Malhotra (2001) afirma que o objetivo desse tipo de pesquisa é de prover critérios e compreensão ao fenômeno, carregando consigo as seguintes características: contém informações definidas ao acaso e o processo de pesquisa é flexível e não-estruturado. Geralmente a amostra é pequena e não-representativa e a análise dos dados têm caráter qualitativo. Suas conclusões são experimentais e seu resultado, geralmente, é seguido por outras pesquisas exploratórias ou conclusivas.

Para investigação da CSA no Distrito Federal será realizado um conjunto de entrevistas semiestruturadas com suporte de um roteiro de entrevista. A análise dos dados de entrevista será realizada com o apoio da técnica Análise de Conteúdo descrita por Bardin (1977), onde se define a análise dos conteúdos como sendo: “a análise das comunicações visando alcançar, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que possibilitem a

inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] das mensagens”. E dessa forma, cabe destacar que a técnica de análise de conteúdo será na modalidade de Análise Temática, devido as suas características marcantes que buscam objetividade, sistematização e inferência, onde será possível clarear noções sobre o tema e compreender as relações entre os fenômenos estudados.

3.2. Amostra e Coleta de dados

A amostra do presente trabalho compreende os agricultores e consumidores (co-agricultores), que fazem parte dessa nova modalidade de economia associativa e promotora da valorização da produção local, contemplando as CSA's do Distrito Federal. Para tanto, as CSA's foram previamente identificadas por meio do site oficial da CSA Brasília e posteriormente foram feitos contatos diretos e pessoais com seus membros.

O processo de identificação dos agricultores e dos consumidores foi feito nas visitas às CSA's.

Para o cumprimento dos objetivos do trabalho, utilizou-se pesquisa bibliográfica e coleta de dados primários com o auxílio de entrevistas apoiadas por roteiros semiestruturados.

O período da coleta de dados, aconteceu entre os dias 18/09 e 30/11 de 2019, resultando em 14 entrevistas com agricultores no DF e 34 entrevistas com consumidores (co-agricultores) de CSA's.

A coleta de dados foi realizada por meio do agendamento de entrevistas e utilização de roteiros semiestruturados como instrumento de pesquisa.

Os roteiros utilizados para a entrevista com agricultores e consumidores (co-agricultores) (Apêndices I e II), foram subdivididos em seis dimensões, onde buscou-se compreender a interação entre os membros do grupo; de que maneira se organizam; o fluxo de informações dentro da CSA, entre seus integrantes, e entre as CSA's; percepção de como são planejadas e executadas as ações socioambientais; quais as mudanças econômicas e sociais ocorreram na vida de seus integrantes a partir do ingresso do indivíduo nessa nova configuração de economia associativa, bem como lançar luz sobre a relação existente entre as atividades desenvolvidas no âmbito da CSA e os princípios da

agroecologia, os requisitos do sistema orgânico de produção animal e vegetal e as diretrizes do movimento CSA no Mundo e no Brasil.

Os dois roteiros de entrevista utilizados, agricultor e co-agricultor, possuem abordagem similar. No entanto, contém perguntas distintas, considerando o público distinto e a busca da percepção dos dois grupos de entrevistados. Optou-se pela não identificação dos entrevistados, sendo separados apenas em agricultor ou consumidor (co-agricultor).

Realizou-se um pré-teste (validação), para garantir a validade das variáveis analisadas, e assegurar a clareza, objetividade e facilidade de entendimento das perguntas pelos entrevistados. A partir dos resultados do pré-teste, as sugestões e apontamentos foram assimilados e novos roteiros foram elaborados, os quais foram aplicados nos locais de entrega das cestas de produtos (chamados no Distrito Federal de “pontos de convivência”) das CSA's.

3.3. Análise dos Dados

Para Marconi e Lakatos (1996), a análise dos dados pode ser considerada uma das fases mais importantes da pesquisa, sendo a partir desta apresentados os resultados e a conclusão da pesquisa, podendo ser esta conclusão final ou apenas parcial, a qual dará margem para pesquisas futuras.

Para a presente pesquisa optou-se por utilizar a análise de conteúdo, uma das principais técnicas de análises de dados (OLIVEIRA, 2011), a qual será descrita nos tópicos seguintes.

Os dados foram transcritos para o *Word Microsoft Office*® e transferidos para o software *IraMuteQ* (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), onde foi processada a análise de conteúdo.

O software *IRaMuTeQ* foi criado em 2009 na França por Pierre Ratinaud (SALVIAT, 2017). Autores como Reinert (1990) e Camargo e Justo (2013) relatam que o software possui atualmente dicionários completos em diversas línguas, sendo desenvolvido na linguagem Python e fazendo uso de funcionalidades do software estatístico R. Os autores trazem ainda que no Brasil, o *IRaMuTeQ* começou a ser utilizado no ano de 2013, auxiliando na análise de pesquisas qualitativas, como as de representações sociais, e traz contribuições para a divulgação de possibilidades de processamento de dados qualitativos, permitindo diferentes formas de análises

estatísticas de textos, com dados coletados por meio de diferentes fontes, como compilações de documentos, questionários e entrevistas.

De maneira complementar Salviati (2017) diz que:

Ele é utilizado no estudo das Ciências Humanas e Sociais e utiliza o mesmo algoritmo do *software Alceste* para realizar análises estatísticas de textos, porém, incorpora, além da CHD - Classificação Hierárquica Descendente, outras análises lexicais que auxiliam na análise e interpretação de textos.

Como a pesquisa buscou investigar como este tipo de organização associativa, denominada Comunidade que Sustenta a Agricultura, tem-se caracterizado e desenvolvido no Distrito Federal e quais os impactos sociais e econômicos têm sido observados nos sujeitos partícipes do processo, optou-se pela utilização do sistema IRaMuTeQ para auxiliar na análise do conteúdo das falas.

3.3.1. *Análise de Conteúdo*

A técnica de pesquisa análise de conteúdo tem origem no final dos anos de 1600, onde na Inquisição a igreja católica preocupava-se com a disseminação de materiais impressos que não fossem de natureza religiosa, os quais poderiam representar alguma ameaça a sua autoridade (KRIPPENDORFF, 2004). No início do século XX tal método foi identificado nos Estados Unidos, por meio da comunicação que ocorria em massa através de jornais (KRIPPENDORFF, 2004), no qual se empregava a análise quantitativa do conteúdo, feito através da “contagem da frequência da aparição de características nos conteúdo das mensagens veiculadas” (DESLANDES et al., 1994, p. 74).

Bardin (1977, p. 42) conceitua a análise de conteúdo como sendo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A análise de conteúdo é tida como um dos principais métodos qualitativos de análise das informações (GERHARDT, 2009). Dessa maneira Quivy e Campenhoudt (1995, p. 222) salientam sobre o desenvolvimento da análise que:

(...) cada hipótese elaborada na fase de construção expressa as relações que pensamos serem corretas e que devem ser confirmadas pela coleta de dados. Os resultados encontrados são os que resultam das operações precedentes. É comparando os resultados encontrados com os resultados esperados pela hipótese que poderemos tirar as conclusões. Se houver divergência entre os resultados observados e os resultados esperados, será

necessário examinar de onde provém esse distanciamento e em que a realidade é diferente do que se presumia no início, elaborando novas hipóteses e, a partir de uma nova análise dos dados disponíveis, examinar em que medida elas se confirmam.

Sendo assim, a análise de conteúdo possui determinadas características metodológicas, como a objetividade, a sistematização e a inferência. Para Bardin (1979), ela representa não só uma, mas um conjunto de técnicas para a análise das comunicações, as quais buscam obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, indicadores que possibilitem a dedução de conhecimentos que façam referência às condições de produção e recepção das referidas mensagens.

A partir do exposto, percebe-se que existem várias formas de se proceder a análise de conteúdo, dentre as quais destacam-se: a análise lexical, a análise de expressão, a análise de relações, a análise temática e a análise de enunciação (GERHARDT et al., 2009).

A análise temática, a qual pode ser considerada uma das mais simples, será utilizada neste estudo por ser apropriada às investigações qualitativas. Gerhardt et al. (2009, p.84) afirma que a “análise temática trabalha com a noção de tema, o qual está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto; comporta um feixe de relações e pode ser graficamente representada por meio de uma palavra, frase ou resumo”.

De acordo com Minayo (2007, p. 316), “a análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado”.

Operacionalmente pode-se dizer que a análise de conteúdo se inicia pela leitura das falas, através das transcrições dos dados coletados em entrevistas, depoimentos e/ou documentos. Basicamente, todos os procedimentos relacionam as estruturas semânticas (significantes) com as estruturas sociológicas (significados) dos enunciados e articulam a superfície dos enunciados dos textos com os fatores que determinam as suas características, as quais podem ser variáveis psicossociais, contexto cultural e os processos de produção das mensagens. Através desse conjunto analítico objetiva-se proporcionar consistência interna para as operações (MINAYO, 2007).

Ainda de acordo com Minayo (2007), a análise temática transcorre em três fases, as quais compreendem:

1ª - Pré-análise: consiste na organização do material que será analisado e na exploração do mesmo a partir de várias leituras, o que também é chamado de “leitura flutuante”.

2ª - Exploração do material: momento de codificação do material, onde inicialmente faz-se um recorte do texto, e posteriormente são escolhidas as regras de contagem, e, por último, os dados são classificados e agregados, os organizando em categorias teóricas ou empíricas.

3ª - Tratamento dos resultados: é nesta fase que os dados brutos são trabalhados, possibilitando destacar as informações obtidas, as quais serão interpretadas. Salienta-se que nesta fase pode ser utilizado algum *software* para auxiliar na análise do material qualitativo, codificando e armazenando os textos em categorias específicas (GUIZZO et al., 2003).

De acordo com Bardin (1977), a técnica análise de conteúdo possui duas funções básicas, sendo uma delas a função heurística, que aumenta a prospecção à descoberta e enriquece a tentativa exploratória, e a função de administrar a prova, onde através da análise se procura provas para a afirmação de uma hipótese.

Com isso, a análise de conteúdo traz à tona o que se encontra em segundo plano nas mensagens que estão sendo estudadas, buscando outros significados intrínsecos na mensagem (OLIVEIRA, 2011), o que é esquematizado na figura 9 abaixo.

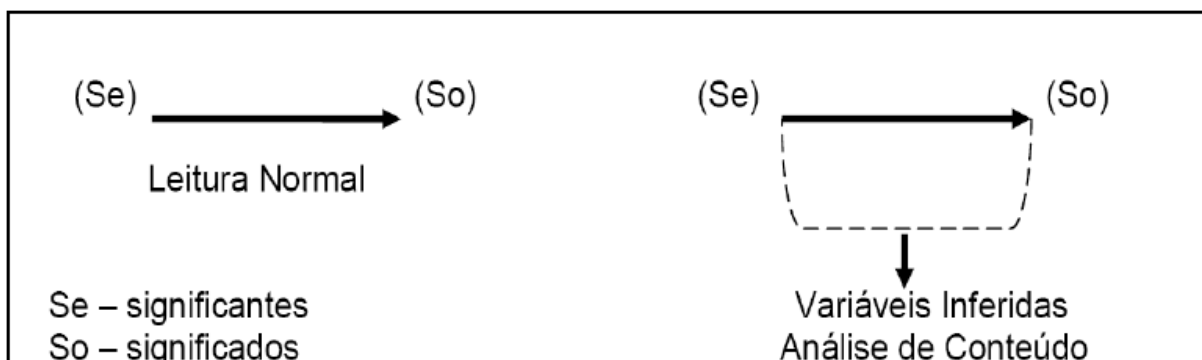


Figura 9: Análise de Conteúdo

Fonte: Bardin (1977, p. 42).

Refletindo sobre a figura acima Bardin (1977, p. 41) cita que:

“A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura “à letra”, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes

para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros “significados [...]”.

Para um maior entendimento sobre as fases da análise de conteúdo aplicadas ao presente estudo, traz-se com maior detalhamento a descrição delas, de acordo com o modelo seguido.

3.3.1.1. Pré-análise

Na primeira fase da Análise de Conteúdo identificou-se o tema de pesquisa. Realizou-se a leitura flutuante em matérias disponibilizadas nas bases de pesquisa acadêmica, buscando encontrar gargalos e lacunas sobre o tema. A partir dessa leitura preliminar, foram encontradas poucas pesquisas acadêmicas ou de outra origem sobre as Comunidades que Sustentam a Agricultura, o que aumentou o interesse já existente do pesquisador em relação ao assunto, evidenciando a enorme carência de ampliação do conhecimento científico sobre o assunto, e a necessidade de contribuir para a visibilidade desse movimento econômico e social, tão novo no Brasil, que tem contribuído para a melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares e difusão da agroecologia.

Em seguida realizou-se uma revisão longitudinal da literatura para a elaboração do referencial teórico do presente trabalho, identificação do objeto de pesquisa e definição dos objetivos a serem alcançados. Dessa forma, pode-se dizer que o referencial teórico do trabalho é composto por assuntos que permeiam o objeto de pesquisa escolhido, as Comunidades que Sustentam a Agricultura, e para tanto os documentos analisados foram: livros, manuais, teses e dissertações, artigos nacionais e internacionais publicados em revistas científicas.

Foram utilizadas as regras propostas por Bardin (1977) para a constituição do conjunto de documentos submetidos à análise (*corpus*), a quais foram: exaustividade, exclusividade, homogeneidade, objetividade e pertinência.

O estudo foi conduzido com a explanação sobre o processo de desenvolvimento da agricultura brasileira, e de que maneira impactou as atividades desenvolvidas pela agricultura familiar, até alcançar-se o tema principal da pesquisa, as Comunidades que Sustentam a Agricultura, e como essa nova forma de escoamento de produção tem contribuído para a promoção de melhorias da qualidade

de vida das populações envolvidas, onde ganham destaque, com agregação e aumento da percepção de valor no trabalho desenvolvido no campo.

O referencial teórico contribui para a explanação do tema central do trabalho, onde foi traçado o histórico das CSA's e são abordados seus fundamentos e princípios, o que traz embasamento para a formulação dos roteiros de entrevistas (fichas de verificação) semiestruturadas utilizadas, tanto para os agricultores (Apêndice I), quanto para as entrevistas semiestruturadas realizadas com os co-agricultores (consumidores) (Apêndice II) das CSA's que compuseram a amostra.

A partir da construção do referencial teórico foram criadas hipóteses, e mediante essas formulados os indicadores que nortearam a organização dos roteiros de entrevista, utilizados na condução das entrevistas semiestruturadas. As dimensões investigadas foram: (i) Organizacional; (ii) Cultura de organização do trabalho; (iii) Comunicação; (iv) Socioambiental; (v) Logística; (vi) Econômica.

Após a elaboração dos roteiros de entrevista, com questões iguais e específicas para os agricultores e co-agricultores, foram localizados os pontos de convivência e áreas de produção das CSA's do Distrito Federal por meio do site do grupo CSA Brasília e por contatos pessoais. As entrevistas foram realizadas com o auxílio dos roteiros, gravadas em áudio, para a otimização das entrevistas, e posteriormente degravadas, para melhor tratamento dos dados.

Inicialmente os entrevistados foram contatados por telefone, onde foi falado sobre os objetivos da pesquisa e feito o convite de contribuição com a amostra de dados. Dessa forma foram marcadas as visitas aos pontos de convivência e à algumas áreas de produção, onde ocorreu o contato direto com os entrevistados.

Antes da exploração dos dados coletados, as entrevistas foram degravadas na íntegra para o *Word Microsoft Office*®, conforme explicitado no item 3.3, e codificadas no *WordPad*® para inserção no *software IRaMuTeQ*. A figura 10 traz o fluxograma que esquematiza a descrição da primeira fase da presente análise de conteúdo.

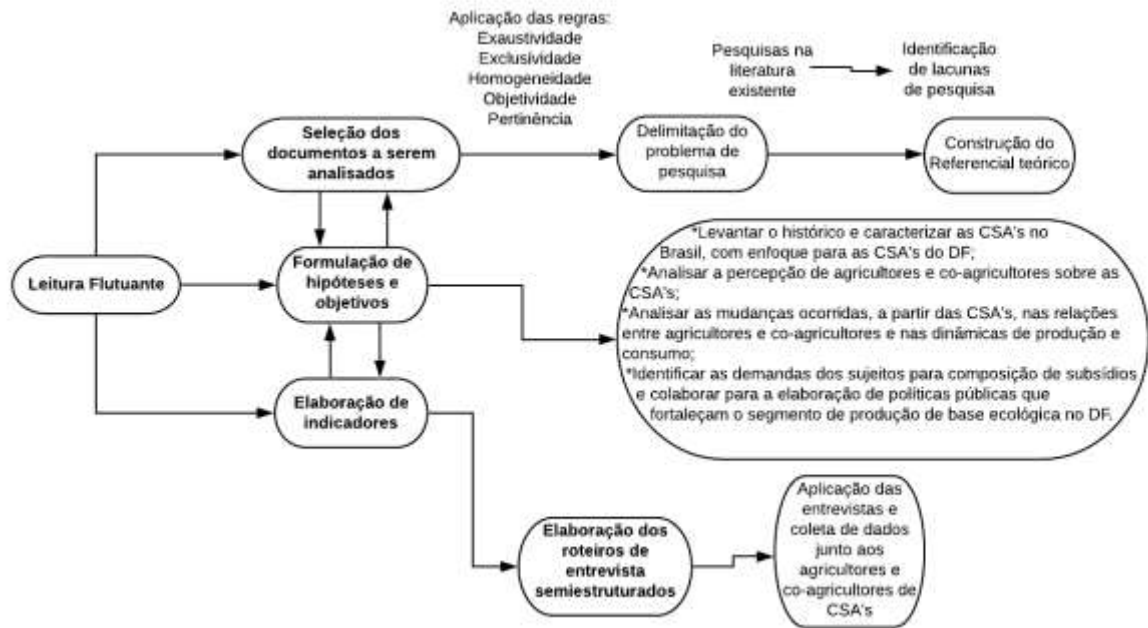


Figura 10: Fase de Pré-análise

Fonte: Adaptado pelo autor (2020) do modelo de Bardin (1977).

3.3.1.2. Exploração do material

A presente fase constituiu-se da exploração das entrevistas semiestruturadas feitas com os agricultores e co-agricultores das CSA's que compuseram a amostra. Com isso as unidades de registro e de contexto foram determinadas para os agricultores e co-agricultores das CSA's baseando-se nas dimensões (categorias) a serem exploradas nas entrevistas.

O grupo de agricultores e co-agricultores tiveram como unidades de registro os conjuntos de falas reunidas através das entrevistas, as quais foram subdivididas em seis dimensões nos roteiros de entrevista. Sendo as unidades de contexto, as percepções dos agricultores e co-agricultores sobre o movimento em si e das práticas e relações desenvolvidas com a sua comunidade.

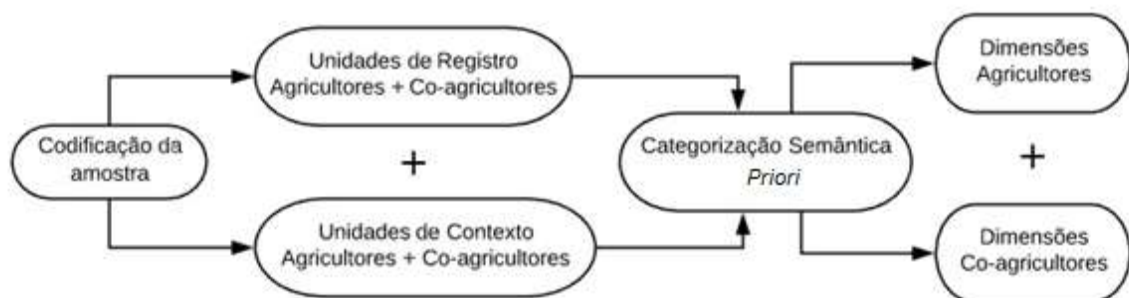
As categorias (dimensões) semânticas de ambos os grupos orientaram as variáveis a serem analisadas no *software I RaMuteQ*, de acordo com o quadro 3:

Quadro 3: Variáveis e Categorias Agricultores e Co-agricultores

Quadro de Variáveis e categorias Agricultores e Co-agricultores		
Tipo de variável	Variação	Categorias (Dimensões)
Variáveis de controle	Agricultores	Estrutura Organizacional Cultura de Organização do trabalho Comunicação
	Co-agricultores	Questões Socioambientais Logística Questões Econômicas

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A figura 11 traz o fluxograma que esquematiza a descrição da segunda fase da presente análise de conteúdo, tomando como base o descrito por Bardin (1977).

**Figura 11:** Fase de Exploração do Material

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

3.3.1.3. Tratamento dos Resultados

A terceira etapa da Análise de Conteúdo compreende ao Tratamento dos Resultados obtidos a partir da fase anterior (Exploração do Material), de maneira válida e significativa.

Cabe expor, que para a utilização do *software IRaMuTeQ*, anteriormente as entrevistas, em áudio, foram degravadas para o *Word Microsoft Office*®, buscando uma melhor organização dos dados e codificadas no *WordPad*®. Dessa forma, o *software IRaMuTeQ* serviu de ferramenta de auxílio para a inferência dos resultados a serem apresentados nos próximos tópicos, a partir das análises estatísticas feitas nas variáveis de controle.

Abaixo segue esquema demonstrativo na terceira e última etapa da presente Análise de Conteúdo (AC).

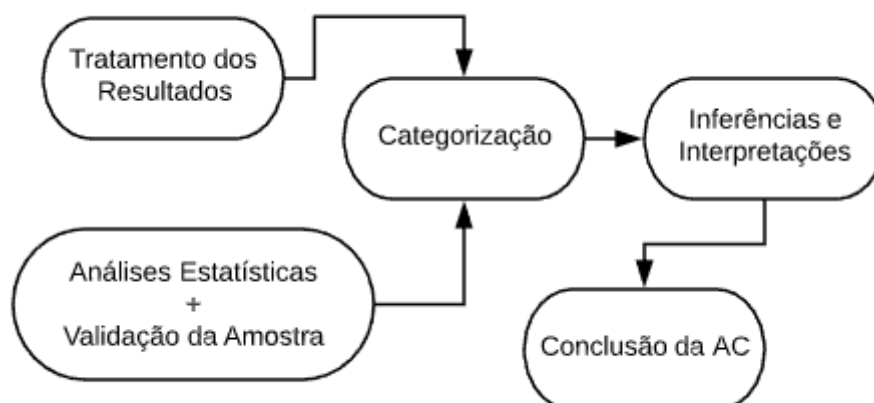


Figura 12: Fase de Tratamento dos Resultados

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Os entrevistados não serão identificados na presente análise de conteúdo, buscando preservar a integridade deles ao contribuírem com a amostra de dados. Junto a isso, optou-se por analisar os dados sem fazer referência, em grupo ou individualmente, a nenhuma CSA de maneira direta, visto que o intuito do estudo é identificar percepções e fazer inferências sobre o movimento como um todo. Ressalta-se que para assegurar a validade dos resultados, foram feitos testes de validação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente capítulo são apresentados os resultados e a discussão a partir dos dados obtidos mediante observações e entrevistas, assim como pelos resultados obtidos com a Análise de Conteúdo. As análises são apresentadas em dois módulos. O primeiro módulo trata dos agricultores das CSA's, enquanto o segundo versa sobre os co-agricultores.

Os subtópicos seguintes visam responder ao segundo, terceiro e quarto objetivos específicos da pesquisa, que são: analisar a percepção dos agricultores e co-agricultores sobre as CSA's; analisar as mudanças ocorridas na vida dos atores envolvidos e relações estabelecidas entre os agricultores e seus co-agricultores e nas dinâmicas de produção e consumo; além de identificar as demandas dos sujeitos para

a composição de subsídios e colaborar para a elaboração de políticas públicas que fortaleçam o segmento de produção de base ecológica no Distrito Federal.

4.1. Agricultores vinculados às CSA's

No presente tópico são abordadas as análises acerca das categorias estabelecidas para orientação das informações. Cabe trazer, brevemente, a análise semântica das respostas obtidas por meio de todas as perguntas feitas aos agricultores das CSA's do Distrito Federal, que compõem a amostra.

A figura 13 traz a frequência, expressa em logaritmo (Log das frequências), ou seja, o número de vezes que uma palavra aparece ao longo do *corpus* textual analisado. Pode-se perceber que o *corpus* textual possui um total de 1098 palavras (chamadas de “formas” pelo *software IRaMuTeQ*), essas aparecem 8.117 vezes ao longo do *corpus* (o que é chamado pelo *software IRaMuTeQ* de ocorrência). Do total de formas existentes nota-se uma frequência mediana de hápax (palavras que aparecem somente uma vez ao longo do texto) (502), compreendendo 6,18% do *corpus* textual (ocorrências) e 45,72% do total de palavras (formas).

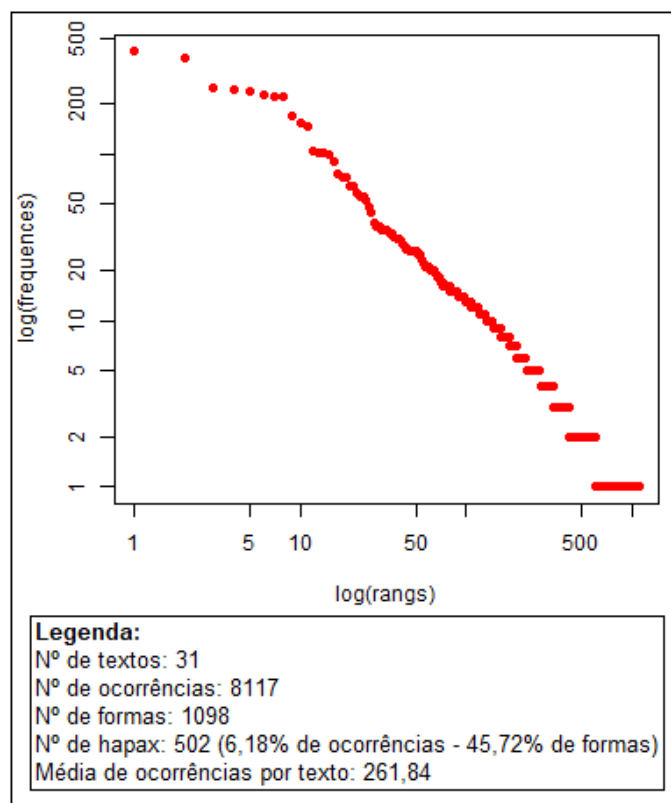


Figura 13: Frequência de palavras ao longo dos textos das falas dos agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.1. Dimensão – Estrutura Organizacional

A estrutura organizacional de um grupo ou organização, como o próprio nome diz, descreve a maneira com que as atividades são organizadas, distribuídas e coordenadas. Ranson et al. (1980, p. 3) afirmam que a estrutura organizacional deve ser vista “como um veículo construído para refletir e facilitar significados, que descreve tanto o arcabouço prescrito, quanto as configurações de interação realizadas, e a extensão na qual eles são mutuamente constituídos e constitutivos”.

A figura 14 traz a análise de similitude observada sobre a forma com que as atividades nas CSA's do DF têm sido organizadas, distribuídas e coordenadas, de acordo com a amostra de dados.

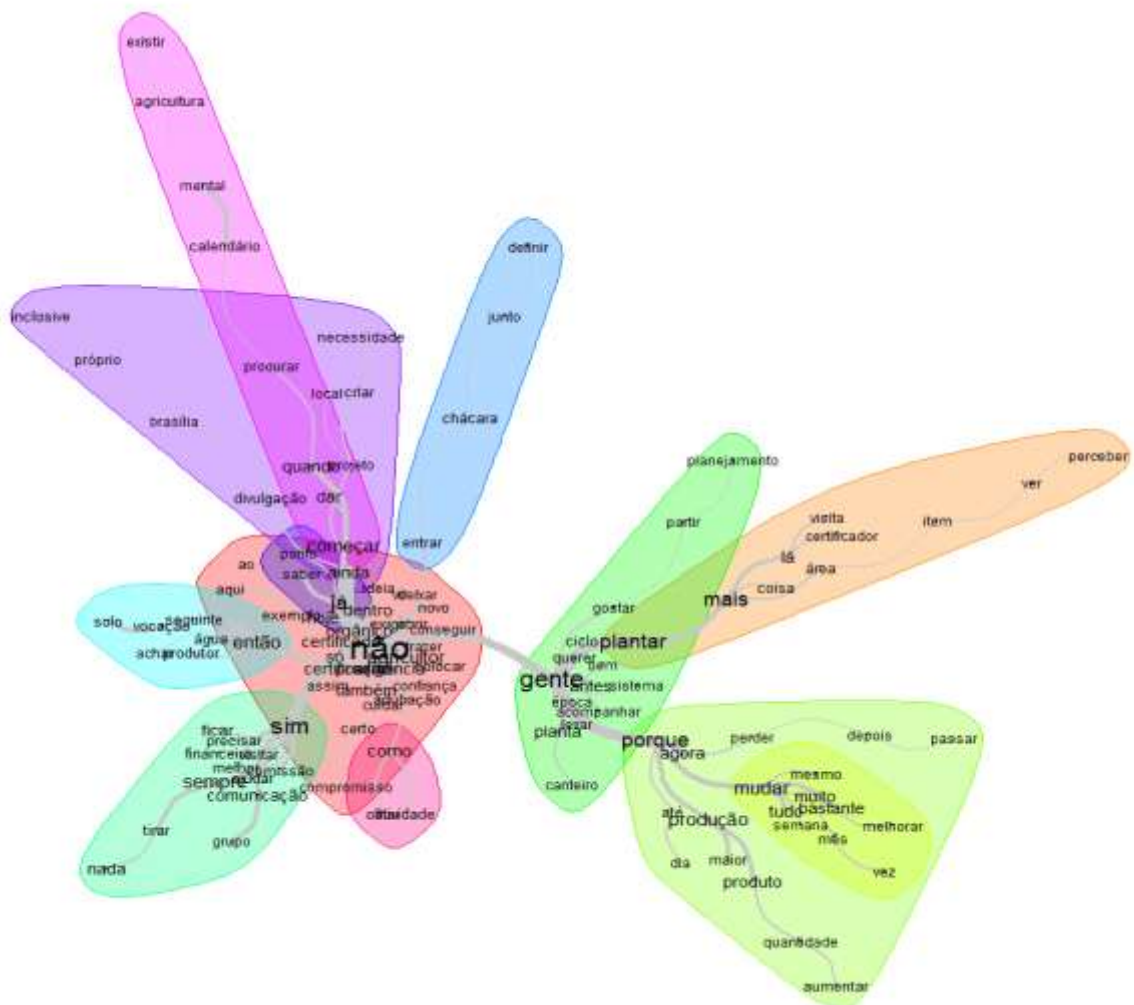


Figura 14: Análise de Similitude da Estrutura Organizacional na visão dos Agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A partir da análise de similitude acima é possível observar o conjunto de formas (palavras) ligadas, ou seja, o conjunto de vocabulários com maior proximidade e interligação ao longo das entrevistas analisadas na presente análise de conteúdo. Nos subtópicos a seguir, cada conjunto de vocabulários será abordado com maior detalhamento, analisando a frequência das formas acima observadas.

4.1.1.1. Rotatividade/alternância de gestão

A análise dos dados teve início com a identificação do tipo de auxílio desempenhado pelos co-agricultores na visão dos agricultores de CSA's do Distrito Federal, assim como a forma de gestão utilizada pelos grupos. Para tanto levou-se em consideração as falas obtidas pelos agricultores com base na seguinte pergunta: “Existe algum mecanismo de rotatividade/alternância de função na gestão da CSA? Se sim, como ocorre?”

Observando as respostas obtidas, destacam-se as formas ativas “não”, “sim”, “agricultor”, “financeiro” e “comissão”, enquanto palavras como “ajudar” e “alternância” aparecem somente uma vez ao longo de todas as respostas.

Mediante os dados apresentados pelo software e o que foi observado nas visitas as propriedades e pontos de convivência constatou-se que existem mecanismos de rotatividade/alternância entre algumas funções de gestão das CSA's, o que ocorre através da formação de comissões/grupos de trabalho, onde os co-agricultores se organizam para ajudar os agricultores em diferentes atividades.

No entanto, uma característica marcante nas CSA's do DF é a centralização de atividades nos agricultores, os quais acreditam que o movimento deve permitir que os co-agricultores tenham a liberdade para auxiliar o grupo da maneira que for possível e desejável, ao invés da delegação de obrigatoriedade, o que acaba condicionando na maioria das CSA's visitadas que a maior parte do trabalho ao longo da cadeia produtiva seja executado pelos agricultores e suas famílias.

Os grupos de trabalho que recebem destaque, com maior engajamento dos co-agricultores, são os voltados para controle financeiro, em que o agricultor é auxiliado com o acompanhamento do pagamento das cotas pelos co-agricultores; a comissão responsável pela comunicação, a qual faz a divulgação das informações dentro do grupo, e o grupo chamado, em algumas CSA's, de acolhimento, o qual tem a função

de recepcionar novos ingressantes e orientá-los sobre o funcionamento e princípios seguidos pela CSA, além de um revezamento para auxiliar na entrega das cestas de alimentos no ponto de convivência, o que em algumas CSA's ocorre de maneira voluntária, mas que acaba girando em torno das mesmas pessoas ou através de uma escala estabelecida pelo agricultor.

Oliveira et al. (2019) observaram em suas pesquisas sobre CSA um marcante entrave existente também nas comunidades do DF, em que o baixo envolvimento de mais co-agricultores nas atividades de gestão pode significar uma sobrecarga maior para o pequeno grupo, que acaba se responsabilizando pelas atividades, o que poderia ser compartilhado por todos. Da mesma maneira outros estudos sobre CSA relataram a dificuldade de promover a participação dos co-agricultores, que acabam contribuindo apenas com o pagamento da cota mensal (HAYDEN; BUCK, 2012; BLOEMMEN et al., 2015; MELO et al., 2018).

4.1.1.2. Acompanhamento da produção

Segundo os agricultores o acompanhamento da produção pelos co-agricultores nas CSA's não é muito praticado, ocorrendo, no entanto, visitas pré-agendadas às propriedades, ocasião em que são promovidos eventos de integração e mutirões, onde são praticadas atividades de plantio, tratamentos culturais, limpeza de áreas e colheita.

Confirmando o dito anteriormente, ao observar as falas, onde constam as formas ativas presentes no *corpus*, constatou-se na análise das formas ativas, que com maior frequência ocorrem as palavras “estar” e “não”, da mesma forma que as palavras “acompanhar”, “gente” e “visita/visitar” aparecem com menor frequência ao longo do *corpus* textual.

Na visão dos agricultores não ocorre de forma frequente o acompanhamento da produção pelos co-agricultores. No entanto, esse acompanhamento está fortemente ligado às visitas promovidas nas propriedades, aos eventos, se tornando esse momento fundamental para a melhor compreensão dos co-agricultores sobre a realidade vivida pelo agricultor de sua CSA, e que deve ser mais e melhor explorada, buscando maneiras de chamar a atenção dos integrantes do grupo, para que assim o acompanhamento seja feito com maior engajamento.

4.1.1.3. Planejamento da produção

Segundo os agricultores o planejamento da produção mudou ao fazerem parte da CSA. Abaixo observa-se a frequência na ocorrência de palavras, a partir das falas dos agricultores.

Foi possível notar com frequências mais elevadas palavras como: “mudar”, “produto”, “plantar” e “sim”, mostrando que a atividade agora exige uma melhor organização para a produção em escala com foco na entrega semanal de uma gama mais diversificada de produtos.

A exemplo disso, um dos agricultores afirma que:

“Mudou muito, tivemos que organizar a produção para conseguirmos ter uma diversidade maior de produtos toda semana”.

Essa mudança se justifica pela maioria das CSA's serem formadas por uma única família de agricultores, com exceções em que a CSA é formada por 2 ou 3 famílias de agricultores, que trabalham em conjunto.

Os agricultores perceberam ao ingressar na CSA a necessidade de promover mudanças para conseguir atender a demanda de uma gama de produtos mais diversificados.

4.1.1.4. Desenho da paisagem da propriedade após CSA

De acordo com os agricultores o desenho da propriedade após entrar na CSA sofreu profundas transformações, onde a disposição da área de produção passou a buscar a otimização do espaço para o cultivo diversificado. A respeito disso um agricultor afirma que:

“A disposição antes era só canteiros à céu aberto, com a CSA a gente foi direcionado a plantar frutas e árvores, além dos canteiros”.

O dito acima se justifica com o observado na análise semântica das palavras, onde com enorme frequência ocorre a forma “mudar” ao longo das falas.

A partir das falas é possível perceber a necessidade de mudanças no desenho das propriedades, para que os agricultores consigam produzir em quantidade satisfatória e suprir uma maior quantidade de pessoas, o que não seria possível sem reorganizar a configuração da área de produção, e para isso os agricultores buscam constantemente adquirir conhecimentos para promoção de melhorias, como conhecimentos sobre solo e disponibilidade de água para os cultivos, ampliando a área plantada para produzir mais.

4.1.1.5. Definição dos alimentos a serem cultivados

Ao longo do corpus textual sobre como são definidos os alimentos a serem cultivados, a palavra “gente” (frequência - 6), que no contexto se refere aos próprios agricultores, possui a mesma frequência que a palavra plantar (6), seguida das palavras “calendário” (4), “planta” (4) e “definir” (3), o que retrata o observado ao longo das entrevistas, em que os alimentos a serem cultivados são definidos basicamente pelos próprios agricultores.

Mesmo havendo a centralização na figura do agricultor quanto à liderança do grupo, ele busca flexibilidade, levando em consideração a opinião de seus co-agricultores e a marcante sazonalidade de uma gama de alimentos, os quais sofrem grande influência do clima e disponibilidade de água para seu desenvolvimento.

Em algumas CSA's são feitas pesquisas entre os co-agricultores, a cada ciclo, sobre quais alimentos gostariam de consumir, enquanto outras coletam informações mediante o formulário de adesão preenchido pelos ingressantes ao grupo, além de CSA's que buscam seguir um calendário de plantio construído com o auxílio da Emater-DF, ou o calendário segue de cultivo biodinâmico.

Cabe aqui informar que a agricultura biodinâmica se refere a um método de manejo, onde busca-se, como nos demais métodos alternativos, manejar o espaço com espécies de cultivo diversificadas. Sobre o qual Miklós (2017, p.108) relata que:

Os sistemas de cultivo visam à fertilidade duradoura. Adubar consiste em vitalizar o solo. O efeito do composto sobre solos e plantas é aperfeiçoado por meio de preparados biodinâmicos, de modo a favorecer a vida do solo e o aproveitamento da luz pelas plantas. O método eleva a qualidade do ecossistema e, por conseguinte, a qualidade nutritiva dos alimentos (selo Demeter), o que resulta, por sua vez, da ótima relação entre os fatores de crescimento (solo, biosfera, atmosfera, Cosmos).

4.1.1.6. Certificação Orgânica

As propriedades de quase todas as CSA's possuem ou já possuíram certificação orgânica, o que é confirmado pela análise estatística, que mostra as formas "já" (8), "sim" (8) e "certificação" (7), com maiores frequência. Certificação essa que em sua maioria foi concedida via certificação participativa – OPAC (Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade), onde ganha destaque a OPAC-Cerrado, mas também foram encontradas CSA's que possuem o selo de produtos orgânicos via certificação por auditoria – Certificadora, sendo citada a certificadora IBD (Instituto Biodinâmico). No entanto, os agricultores dizem que possuir certificação não foi uma exigência para formar uma CSA quando buscaram fazer parte do movimento, o que é confirmado pela análise estatística, onde as formas com maiores frequências são "não" (15), "certificado" (9) e "exigência" (8).

Os agricultores relatam que a busca pela certificação parte deles, por ser proporcionado o acompanhamento da produção e instrução na conformidade da produção através do Plano de Manejo Orgânico – PMO, além de proporcionar mais credibilidade aos produtos.

4.1.1.7. Principais achados sobre a estrutura organizacional segundo os agricultores

Quadro 4: Achados dos agricultores na Dimensão – Estrutura Organizacional

Categorias (Dimensões)	Varição
	Agricultores
Estrutura Organizacional	<ul style="list-style-type: none"> • Existem os grupos de trabalho, porém uma característica marcante é a centralização das atividades nos agricultores; • O acompanhamento da produção pelos co-agricultores não é frequente e está fortemente ligado às visitas promovidas nas propriedades; • O planejamento passou a exigir melhor organização para a produção em escala visando as entregas semanais e com maior diversificação de produtos; • O desenho da propriedade e a disposição da área passou a buscar otimização e diversificação; • São os agricultores que decidem os alimentos que vão compor a cesta, levando em consideração a opinião co-agricultores e a sazonalidade dos alimentos; • Quase todas as CSA's visitadas tem certificação, porém não foi exigência para fazerem parte do movimento.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.2. Dimensão - Cultura de Organização do Trabalho

Através das respostas obtidas dos agricultores referentes as ações praticadas e esperadas em grupo sobre situações imprevistas e como se organizam na busca por soluções a problemas foi possível perceber como são tomadas decisões e executados procedimentos.

A figura 15 traz a análise de similitude observada sobre a cultura de organização do trabalho nas CSA's do Distrito Federal, como são tomadas decisões, quais procedimentos adotados para solucionar problemas e garantir a produção e de que maneira a CSA impactou o ritmo de trabalho do agricultor, de acordo com a amostra de dados.

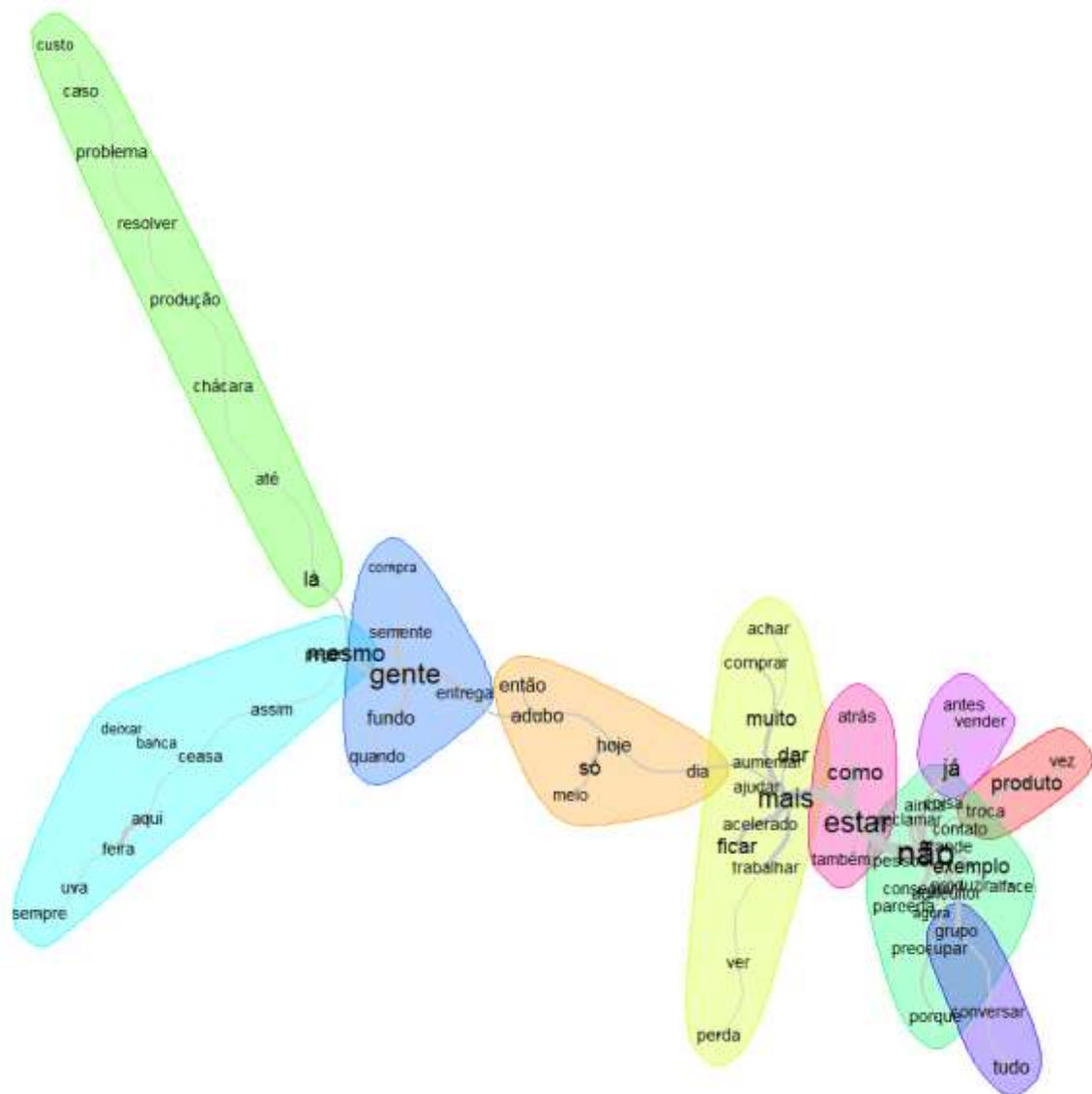


Figura 15: Análise de Similitude da Cultura de Organização do Trabalho na visão dos Agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.2.1. Tomada de decisões em situações imprevistas

Relatam os agricultores, que na maioria dos casos, diante de situações imprevistas, como exemplo a necessidade de conserto de algum equipamento, os co-agricultores são comunicados do ocorrido ou da necessidade surgida e as decisões são tomadas em conjunto com o grupo, onde, quando necessário, os prejuízos são compartilhados.

Levando o exposto em consideração, cabe dizer, que mesmo o grupo trabalhando a transparência e fazendo com que as informações sejam transmitidas, a

principal forma de se precaver e sanar problemas mais identificada é a formação de um fundo de reserva, criado pelo grupo, onde a forma “fundo” (5) aparece com uma das maiores frequências, seguida das formas “gente” (5) e “dar” (4) relacionadas com o compartilhamento dos prejuízos com o grupo.

Torres (2017, p. 89) em sua pesquisa evidenciou o mesmo mecanismo utilizado para solucionar situações imprevistas, onde “...contribuição para um fundo de reserva, prática divulgada pelo curso de formação de CSA’s para solucionar imprevistos que dependam de um investimento extra”.

Penereiro e Silva (2018) em seu relato de experiência sobre a CSA Aldeia do Altiplano, localizada no DF (não fez parte da amostra desta dissertação) constataram que a partir do momento em que os co-agricultores passam a participar de atividades que os aproximem dos meios de produção, como os mutirões de plantio e colheita, conseguem entender e ter maior compreensão quando há problemas, onde o grupo assume as consequências e se articula para sanar o que for preciso, demonstrando semelhança com o observado na presente pesquisa, onde há a comunicação dos integrantes do grupo para a tomada de decisões.

4.1.2.2. Procedimentos em caso de produção insuficiente

Em casos de eventualmente o agricultor não conseguir produzir a quantidade esperada para a entrega semanal de alimentos o procedimento mais adotado é a complementação dos produtos através de parcerias e trocas com outros agricultores próximos, para que assim tenham maior segurança de que não irão falhar na entrega semanal a seus co-agricultores.

O exposto acima é comprovado pela análise semântica das falas, onde as formas “não”, “produto” e “parceria” aparecem com as frequências mais elevadas, respectivamente 10, 8 e 5, quando comparadas com as demais. Ganha destaque a proximidade e parceria estabelecida entre as CSA’s formadas a partir do incentivo da Associação APROSPERA, a qual compreende 12 CSA’s do Distrito Federal. Além disso, os agricultores relatam contar com a compreensão de seus co-agricultores, o que corrobora com os princípios universais do movimento.

Assim como observado na presente pesquisa, Penereiro e Silva (2018) relatam que a estratégia de efetuar troca de alimentos entre CSA’s, sem a preocupação com

a diferenciação de preços entre os produtos, tem servido de mecanismo de resiliência, onde a mesma é orientada pela diversidade de alimentos de qualidade e a promoção de apoio mútuo entre membros do movimento.

4.1.2.3. Compra e transporte de insumos

As compras e transporte dos insumos necessários para a produção, em todas as CSA's, são feitos pelos agricultores, que se organizam e preferem ter a liberdade para optar e se organizar de maneira mais independente, onde as formas "mesmo", "gente" e "comprar" aparecem com as frequências mais elevadas, respectivamente 9, 6 e 4.

Sobre o exposto acima, um dos entrevistados relata:

“Então, simplesmente eu vou atrás. O que eu tenho feito para diminuir custos é processar todo o adubo dentro da chácara. Antes eu comprava de terceiros”.

4.1.2.4. Ritmo de trabalho após a entrada na CSA

O ritmo de trabalho em todos os casos foi impactado após o agricultor se tornar membro de uma CSA, havendo a intensificação das atividades e acréscimo na carga horária, onde as formas "mais", "ficar", "acelerado" e "estar" corroboram com a intensificação da rotina dos agricultores, tendo as maiores frequências ao longo das entrevistas, sendo respectivamente 12, 7, 5 e 5.

A maioria dos agricultores acredita que, mesmo trabalhando mais, adquiriram maior liberdade e independência nas relações de trabalho via CSA, pois fazem seus horários.

A exemplo do exposto acima outro agricultor afirma que:

“Ficou ótimo, hoje eu me levanto 5:00 da manhã, paro 12:00 e retorno às 16:00. Isso é só pra mostrar pra você o tanto que está tranquilo... eu faço o meu horário, sei o horário que minhas plantas necessitam da minha presença lá”. De maneira complementar, outro agricultor, que diz não ter sofrido modificações em seu ritmo de trabalho, traz que: “O ritmo não mudou, continua acelerado, o que mudou é que agora

conseguimos planejar as coisas... não estamos perdidos como era no começo... assim você consegue trabalhar com mais tranquilidade”.

4.1.2.5. Principais achados sobre a cultura de organização do trabalho segundo os agricultores

Quadro 5: Achados dos agricultores na dimensão – Cultura de Organização do Trabalho

Categorias (Dimensões)	Variação
	Agricultores
Cultura de Organização do Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Diante de situações imprevistas o grupo é comunicado para tomada de decisões e há um fundo de reserva; • Em momentos de produção insuficiente ocorre a complementação através de parcerias e trocas com outros agricultores; • A compra e transporte de insumos é feita pelos agricultores; • O ritmo de trabalho após entrar na CSA foi intensificado.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.3. Dimensão - Comunicação

Através das respostas obtidas dos agricultores sobre como tomaram conhecimento sobre o movimento e de que maneira se comunicam com outros grupos e também internamente, em suas CSA's, foi possível entender as formas de interações praticadas.

A figura 16 abaixo traz a análise de similitude observada sobre a comunicação nas CSA's do DF, quais os principais mecanismos utilizados e locais onde promovem o contato direto entre os membros do grupo, de acordo com a amostra de dados analisada.

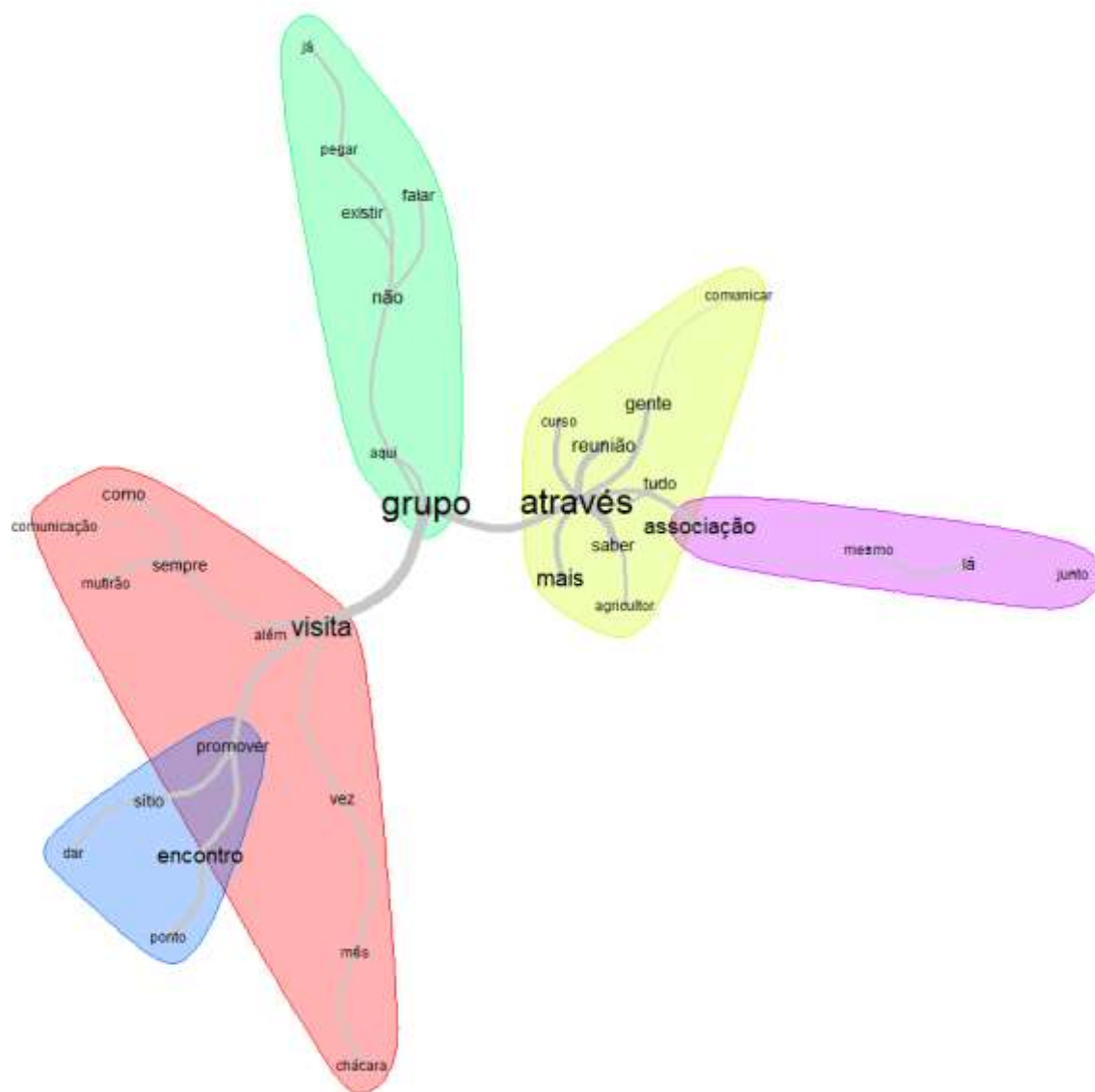


Figura 16: Análise de Similitude da Comunicação na visão dos Agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.3.1. Como os agricultores tomaram conhecimento sobre o movimento CSA

Uma forte característica do movimento é ser propagado através do contato pessoal, o popularmente chamado “boca-a-boca”, onde quem faz parte de alguma comunidade passa informações sobre seus princípios e funcionamentos. Não diferente, foi a forma como os agricultores entrevistados tomaram conhecimento sobre o movimento das CSA’s, ocorrendo predominantemente através de conversas com amigos ou amigos de amigos, os quais com contato direto com o movimento ou com alguém ligado a ele. Tal contato direto encontra-se representado ao longo das falas pela forma “gente” (5), a qual apresenta a segunda maior frequência, logo após a

forma “através” (9), advérbio de modo (tipo), que se liga as formas de disseminação das informações sobre o movimento CSA.

Percebeu-se que a Associação APROSPERA (forma: “associação” - 4) desempenha enorme papel como difusora dos preceitos que norteiam o movimento, e tem contribuído de maneira significativa para a disseminação e fortalecimento da agricultura de base ecológica via CSA's, existindo relatos de agricultores pertencentes a associação, de que somam no momento 12 CSA's formadas a partir da mesma.

Segundo os agricultores, a disseminação de informações sobre CSA teve início a partir de reuniões e palestras promovidas pela Associação, em parceria com o grupo CSA Brasília sobre o tema que permeia o método de economia associativa criada pelo austríaco Rudolf Steiner, contatos os quais culminou no curso de formação de CSA's dentro da Associação, impulsionando assim a formação das comunidades via APROSPERA.

4.1.3.2. Comunicação entre as CSA's segundo os agricultores

A comunicação entre as CSA's é pouco praticada, o que se comprova pela forma com maior frequência, “não” (6). O fato pode ser entendido devido à grande liberdade e independência que o movimento possibilita a cada CSA de constituir sua organização de maneira única, desde que respeitem e sigam os princípios universais do movimento, descritos em capítulos anteriores, para serem entendidas como Comunidade que Sustenta a Agricultura.

São promovidos eventos em que ocorrem encontros entre as diferentes CSA's do DF, momento de interação e troca de experiências entre agricultores e co-agricultores, o que ocorre geralmente de seis em seis meses. Somado a isso, o grupo CSA Brasília organiza reuniões entre membros de CSA's, o que gira mais especificamente entre os agricultores das CSA's e poucos co-agricultores interessados, com a finalidade de levantamento e troca de informações relevantes ao movimento. E de maneira mais corriqueira, existem grupos de *whatsapp* onde ocorre a comunicação de líderes e influenciadores do movimento.

De maneira peculiar, as CSA's formadas através da Associação APROSPERA demonstram ter um contato mais estreito, tanto pelas reuniões mais frequentes

ocorridas na associação, quanto pela proximidade geográfica. Todas as CSA's tem suas propriedades no mesmo assentamento de reforma agrária, fato este comprovado nas análises através das formas ativas “grupo”, “agricultor” e “associação”, respectivamente com frequências 5, 4 e 4.

4.1.3.3. Comunicação interna, entre membros, das CSA's

Tratando sobre a forma como as informações são repassadas internamente, entre os membros de uma CSA, observa-se o predomínio de duas formas de comunicação, onde se inserem o contato direto entre os integrantes da comunidade, (representado pela forma “pessoalmente” e “ponto”, no dia da retirada das cestas de alimentos no ponto de convivência, e através de redes sociais, onde a mais utilizada é o aplicativo de troca de mensagens *whatsapp*, representada pela forma “grupo”, a qual ocorre com a maior frequência (9), onde são feitos anúncios, informes e a troca de ideias, conhecimento e anseios entre os integrantes do grupo.

Reuniões periódicas também ocorrem, porém com menor frequência. Em alguns grupos é promovida mensalmente e em outros somente quando surge a necessidade de resolução de problemas ou fazer algum comunicado em específico.

Torres (2017, p.90), da mesma maneira que na presente pesquisa, enfatiza “o uso intenso do aplicativo *whatsapp* como canal de comunicação interno das comunidades”, acreditando tornar os membros dependentes do funcionamento do aplicativo para que a disseminação das informações alcance a todos com transparência.

4.1.3.4. Onde a convivência entre membros é mais praticada

Para um entendimento mais claro sobre as falas dos agricultores foi necessário, neste caso, também serem consideradas as formas complementares, as quais auxiliaram em uma melhor interpretação dos dados.

Basicamente, o espaço onde é desenvolvida a interação entre os integrantes das CSA's, de maneira mais frequente, ocorre em torno do próprio ponto de convivência (PC) o que é confirmado pelas formas “mais” (3), “encontro” (2) e “ponto de convivência” (8), uma vez por semana, ao longo das entregas das cestas de

alimentos pelos agricultores aos co-agricultores, momento para troca de informações, experiências e solução de questões relacionadas ao grupo.

Dizem os agricultores que o ponto de convivência é o local chave para suas CSA's, caso contrário se tornaria apenas um ponto de entrega de cestas e não justificaria o nome que leva.

Resultados semelhantes foram encontrados por Torres (2017, p.88), avaliando as CSA's pioneiras do DF:

a configuração dos Pontos de Convivência das CSAs pesquisadas, enquanto formação de espaço comunitário, se faz mediante relações de tempo (período de entrega diário e repetição semanal) dentro de um mesmo território. Todas as CSAs buscam que o PC seja compreendido como oportunidade de integração, no anseio de que co-agricultores se reconheçam para além de uma passagem rápida para retirada das cestas.

No entanto, e não menos importante, ocorrem encontros marcados em outros locais e nas propriedades dos agricultores, oportunidade onde são visitados os locais de cultivo e são promovidos mutirões, com os co-agricultores participando das atividades agrícolas, como plantio, colheita e práticas de manejo. Os agricultores acreditam que na interação com os membros de sua CSA o que mais possibilita a real percepção sobre as dificuldades enfrentadas para a produção de alimentos ocorre a partir das visitas às propriedades, quando os co-agricultores vivenciam, *in loco*, parte de sua rotina, o que também é relatado por Torres (2017, p.88) ao verificar em suas pesquisas “que todas as comunidades estudadas se atentam ao contato de co-agricultores com a horta, incentivando visitas com presença de crianças e a organização de mutirões”.

Assim como observado nas análises do presente trabalho, Oliveira et al. (2019) relatam ser de grande importância as visitas técnicas promovidas, onde ocorre a abertura de suas propriedades aos co-agricultores, os quais passam a conhecer melhor o sítio e ajudam o agricultor de forma prática em atividades, como plantio de mudas e colheita.

4.1.3.5. Principais achados sobre a comunicação segundo os agricultores

Quadro 6: Achados dos agricultores na dimensão – Comunicação

Categorias (Dimensões)	Varição
	Agricultores
Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Tomaram conhecimento sobre o movimento através de amigos; • A comunicação com outras CSA's é pouco praticada; • A comunicação entre os membros é feita principalmente no ponto de convivência e via whatsapp; • A convivência entre os membros é exercida mais constantemente no ponto de convivência (visto como “ponto chave”), além dos eventos e mutirões promovidos pelo grupo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.4. Dimensão - Questões Socioambientais

No presente tópico serão apresentadas e discutidas as análises em torno das respostas obtidas dos agricultores sobre o que os fez decidir por integrar o movimento CSA. Busca-se identificar mudanças e como a CSA impactou suas vidas e os principais benefícios percebidos. Outras questões, como o estímulo à capacitação, a noção sobre perdas e a gestão de resíduos são abordados.

A figura 17 traz a análise de similitude sobre o quadro socioambiental nas CSA's do DF, na visão dos agricultores, de acordo com a amostra de dados.

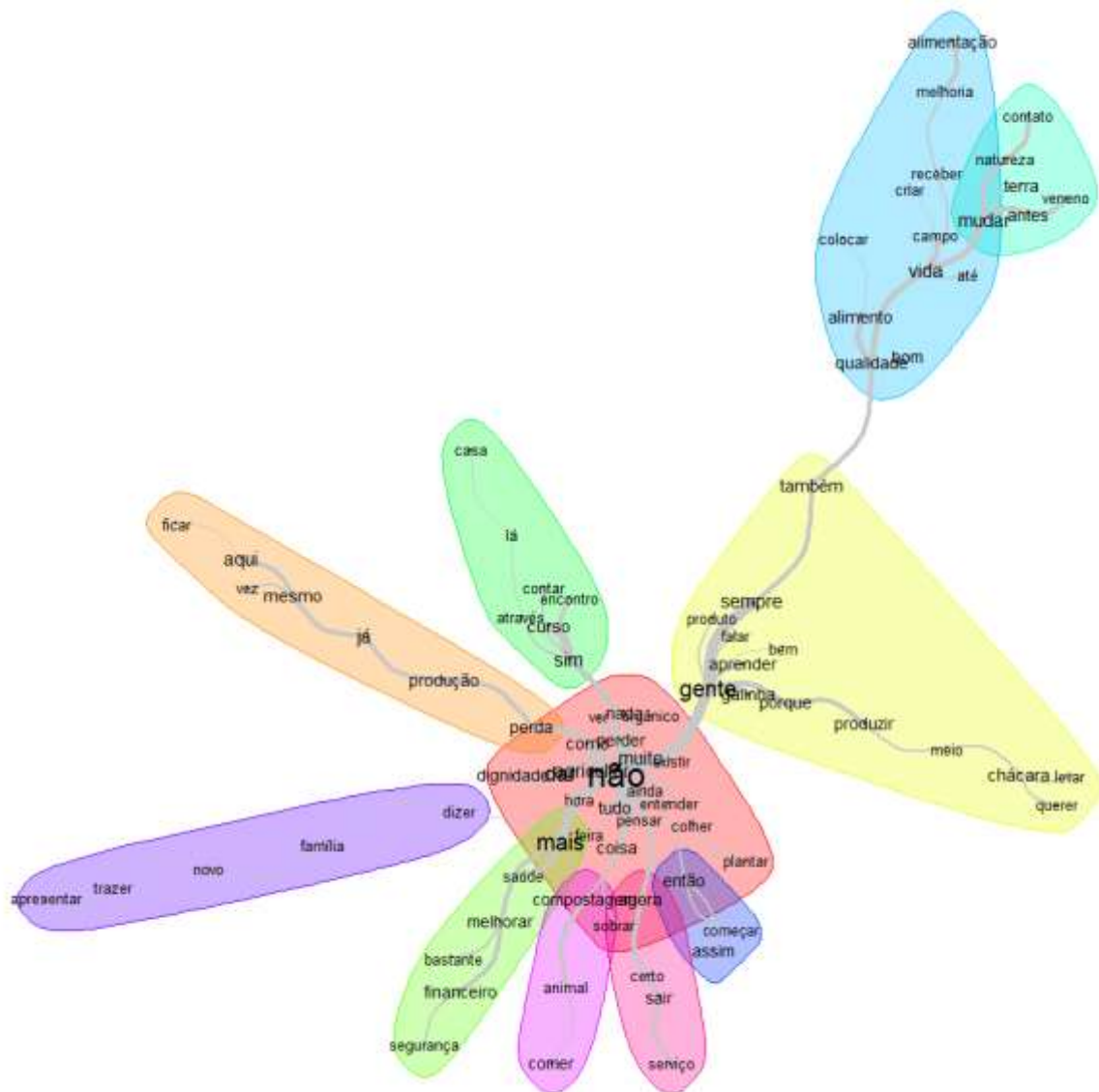


Figura 17: Análise de Similitude de Questões Socioambientais na visão dos Agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Antes de dar início a análise socioambiental, importante ressaltar a ligação com ações que transmitam respeito ao meio ambiente e se relacionam a políticas voltadas ao fortalecimento da sustentabilidade, em seu amplo sentido. Assim, a partir das falas dos agricultores buscou-se identificar o que os impulsionou a fazer parte do movimento, as transformações ocorridas em suas vidas e de que maneira o movimento modificou as relações com o meio de produção.

4.1.4.1. Por que fazer parte de uma CSA

Os agricultores, quando perguntados sobre o que os fez decidir fazer parte de uma CSA, relataram que conseguem trabalhar de forma mais tranquila e com maior estímulo para inovar, o que não era possível antes. Tal relato que se torna marcante com a alta frequência da forma “não” (7) ao longo das falas, quando os agricultores comparam o que conseguiam alcançar antes de fazer parte de uma CSA.

Sabendo que sua produção foi paga antecipadamente e os produtos tem destino certo, um cenário muito diferente do observado antes da CSA, quando lembram da incerteza na efetivação de vendas, disponibilizando seus produtos em feiras, dizem conseguir pensar melhor em suas atividades e em suas vidas como um todo, o que fica evidenciado através da proximidade e frequência das formas “estar” (5), “pensar” (4) e “vida” (4).

Os agricultores sentem maior segurança financeira para desempenhar suas atividades via CSA, e têm satisfação de perceber que estão tendo uma oportunidade de trabalho, antes considerada precária.

Somado às questões acima, os agricultores dizem que se sentem privilegiados por poderem praticar uma agricultura que não agrida o meio ambiente, que as práticas ecológicas têm trazido melhorias na qualidade de vida, e se sentem bem por saber estar consumindo alimentos livres de agrotóxicos.

Um dos agricultores relatando do porque decidiu integrar ao movimento diz que:

“Pela segurança financeira e poder melhorar minha qualidade de vida. Ter a segurança no alimento que estou consumindo e proporcionar isso a outras pessoas”.

4.1.4.2. Percepção sobre mudanças de vida após ingresso na CSA

Os agricultores acreditam que fazer parte de uma CSA mudou (forma “mudar”, frequência 9) suas vidas (forma “vida”, frequência 6) como um todo. Percebem melhorias (forma “melhorar”, frequência 3) na saúde, por não (forma “não”, frequência 6) terem mais o contato contínuo com produtos nocivos à saúde, como era corriqueiro no manejo convencional. Dizem agora perceber e entender a terra de uma outra maneira, o que é proporcionado pelo aprofundamento em conhecimentos técnicos para o cultivo orgânico e/ou agroecológico, onde cada componente do ecossistema é

tido como um organismo vivo em constante modificação e relacionamento, ecossistema este que necessita estar em equilíbrio.

Corroborando com o exposto acima, em depoimento, um agricultor conta que sua alimentação sofreu modificações, pois mesmo sendo agricultor antes de ingressar em uma CSA, não produzia com tanta diversidade de espécies, onde passou a conhecer as PANC's (Plantas Alimentícias Não Convencionais) e aprender a prepará-las. Diz ele que:

“Mudou a alimentação totalmente, por que como você vai apresentar um produto se você não consome ele? Como você vai ensinar uma pessoa a comer bem se você não come?”

Ao entender que o movimento trata não só da criação de mais uma forma de comercialização e escoamento de produtos, mas sim como de uma ferramenta agregadora de valor aos alimentos e ao trabalho agrícola, outra agricultora chama a atenção, pelo entusiasmo com o sentido contrário ao êxodo rural provocado pelo movimento em sua vida:

“Tanto eu quanto o meu marido nascemos e fomos criados na cidade. Resolvemos mudar de vida e criar nossos filhos no campo, no trabalho com a terra e maior interação com a natureza. A CSA tem proporcionado essa oportunidade. A volta às raízes está presente na história de vida de muitos dos “novos” produtores e ocupantes do campo. Em particular, daqueles produtores relacionados às CSA's. Esse aspecto deve ser aprofundado em estudos posteriores”.

4.1.4.3. Estímulo à capacitação no âmbito das CSA's

Os agricultores relatam que há estímulo à capacitação, o que ocorre de maneiras diversas, ganhando destaque órgãos como o Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e a Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) como incentivadores e promotores de conhecimento, pois constantemente promovem formas de capacitação aos agricultores, sejam por meio de cursos, oficinas, palestras ou reuniões, além da assistência técnica oferecida e visitas às propriedades, de

maneira a amparar os agricultores quanto as técnicas de cultivo ligadas a agricultura orgânica e/ou de base agroecológica.

A exemplo do exposto, um dos agricultores afirma:

“A Emater e o Senar estão sempre acompanhado”.

4.1.4.4. Sobre desperdício/perdas de produtos

Os agricultores consideram as perdas de produtos em suas CSA's (no campo, na colheita, ou no transporte até o ponto de convivência) insignificantes, o que se confirma pela maior frequência da forma “não” (15) ao longo das falas. Dizem não haver perdas no transporte, pois colhem e organizam para levar ao ponto de convivência exatamente a quantidade necessária para compor cada cesta de alimentos.

Penereiro e Silva (2018), dizem que não há perdas, a partir do momento que as pessoas aprendem a se alimentar melhor e passam a conhecer novos alimentos e novos modos de preparo.

De maneira a complementar, Junqueira e Moretti (2018, p.530) afirmam que:

São eliminados, diminuídos ou minimizados os desperdícios alimentares, uma vez que a manipulação dos gêneros é reduzida, os produtos são aceitos sem as exigências de padronização e de aparência estética comuns aos mercados massivos tradicionais ...e as colheitas são melhor adaptadas às condições ecológicas ditadas a cada diferente temporada agrícola”.

4.1.4.5. Gestão de resíduos

Sobre o que é feito com os resíduos do processo produtivo, o mais relatado foi que através do manejo orgânico e/ou agroecológico o entendimento sobre como cada componente pode contribuir com o meio tem sido cada vez mais praticado, fazendo a palavra “resíduo” se tornar relativa.

Considerando os relatos dos agricultores, pôde ser constatado com maior frequência nas falas analisadas que, quando ainda no campo, tais “resíduos”, os quais se resumem a resquícios dos insumos utilizados para o cultivo ou aos restos culturais não aproveitados na colheita, são incorporados ao solo, onde são mineralizados, disponibilizando os nutrientes para a absorção das plantas. Outra finalidade observada foi a utilização como componentes para o processo de compostagem ou

até mesmo na fabricação de vermicomposto. Aliado, ou de maneira isolada (quando da não fabricação do composto ou vermicomposto), os agricultores destinam os restos de vegetais aos animais.

4.1.4.6. Principais benefícios proporcionados pela CSA

De acordo com os relatos dos agricultores e os dados apresentados na análise estatística, um dos principais benefícios percebidos em fazer parte de uma CSA é a segurança financeira da atividade agrícola, desempenhando suas funções com tranquilidade, pois sabem que estão plantando algo com destino certo e, dessa maneira, conseguem inovar e buscar métodos de cultivo menos agressivos ao meio ambiente e aumentando a diversidade de produtos cultivados.

Há similaridades entre o relatado pelos agricultores do DF nesta pesquisa e o observado por Junqueira e Moretti (2018) que por meio de entrevistas em CSA's por todo o Brasil, elencaram as principais vantagens em fazer parte de uma CSA, sendo obtenção de renda fixa e estável, minimização dos riscos da comercialização, eliminação das perdas e a maior liberdade na tomada de decisões sobre o que e como plantar, os principais benefícios relatados.

Outra questão que ganha destaque é o sentimento dos agricultores sobre o ganho de dignidade nas atividades do campo, onde acreditam que o valor de seu trabalho é percebido pelo grupo, além de se sentirem privilegiados por consumir e proporcionar a outras pessoas o acesso a alimentos de qualidade e seguros, do ponto de vista da não utilização de agrotóxicos.

Sobre o exposto acima, um dos agricultores destaca:

“Segurança no trabalho e na remuneração, proteção ao meio ambiente e produzir com saúde”.

Da mesma forma, outro agricultor relata ser notória a melhoria em sua qualidade de vida ao expor que:

“Melhorou a situação financeira, a gente andava a pé agora andamos de carro. Tudo que eu tenho, inclusive o meu alimento lá em casa, eu consigo através da CSA. Tenho acesso agora a um alimento de qualidade e faço bem ao próximo também”.

Refletindo sobre os benefícios proporcionados pela CSA, Junqueira e Moretti (2018) ressaltam o bem coletivo. A possibilidade de consolidar uma visão de fidelidade e de estreitamento dos laços, do aumento de confiança nos indivíduos. Esses fatores podem inibir as tentações momentâneas da exploração oportunista de vantagens ocasionais, comuns no mercado tradicional.

4.1.4.7. Principais achados sobre questões socioambientais segundo os agricultores

Quadro 7: Achados dos agricultores na dimensão – Questões Socioambientais

Categorias (Dimensões)	Variação
	Agricultores
Questões Socioambientais	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalham mais tranquilos e com maior estímulo a inovar por saberem que sua produção está paga e com destino certo; • Se sentem privilegiados por praticar uma agricultura que não agrida o meio ambiente, e por trazer melhorias na qualidade de vida de todos os envolvidos; • Percebem melhorias em sua saúde, por não terem mais o contato constante com produtos nocivos nas áreas de produção; • Existe estímulo à capacitação, impulsionado principalmente por organizações como o Senar e a Emater; • Consideram que não há perdas de produtos; • Resíduos do processo produtivo são destinados a compostagem e alimentação animal.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.5. Dimensão - Logística

No presente tópico serão apresentadas e discutidas as análises em torno das respostas obtidas dos agricultores referentes a como são feitas as entregas das cestas de alimentos aos co-agricultores e de que maneira sua logística de escoamento de produtos foi impactada mediante sua entrada na CSA.

A figura 18 traz a análise de similitude sobre a logística de escoamento de produtos via CSA's do DF de acordo com a amostra de dados.

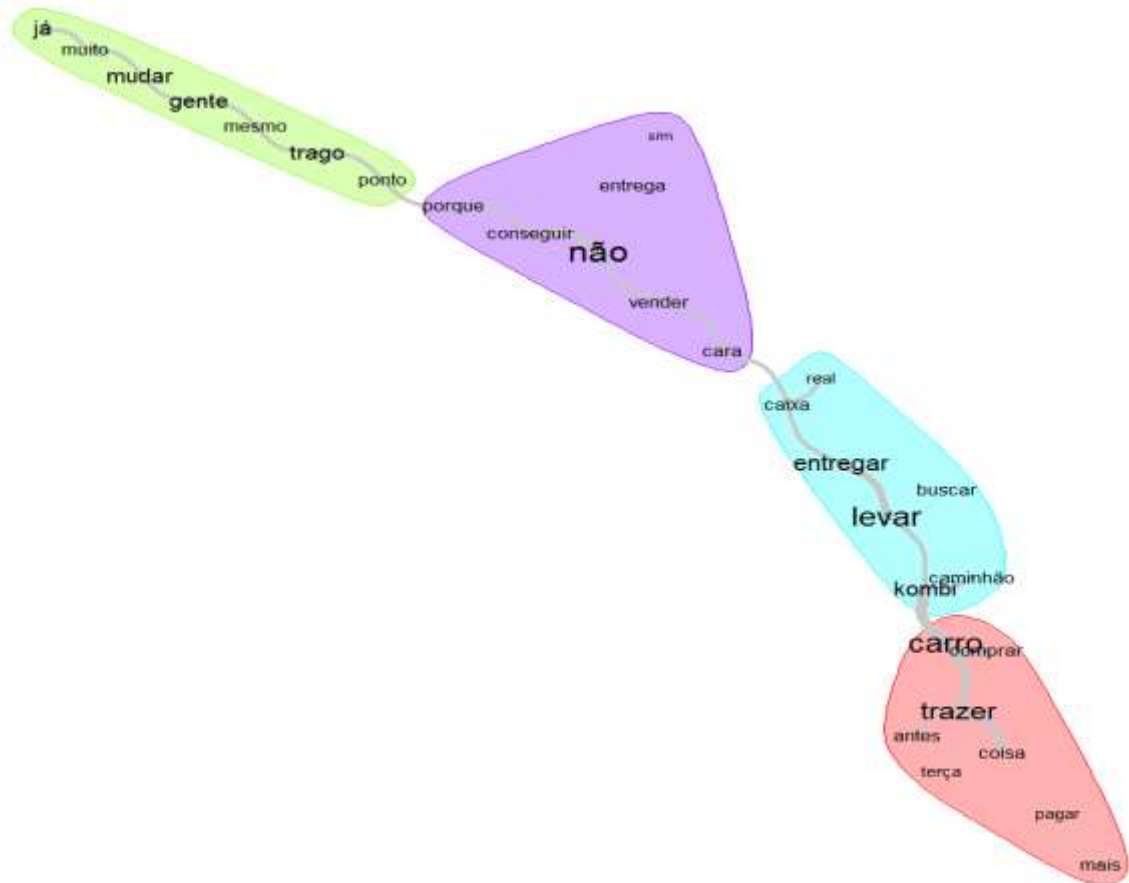


Figura 18: Análise de Similitude da logística de escoamento na visão dos Agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.5.1. Transporte das cestas ao ponto de convivência

Os agricultores, quando perguntados se os co-agricultores auxiliam na organização e efetuam o transporte das cestas de alimentos ao ponto de convivência, informaram, predominantemente, que não, o que se comprova através da forma “não” com maior frequência, da mesma maneira que as formas “trago”, “mesmo” e “gente”, que se referem a atividade sendo desempenhada pelos próprios agricultores.

No entanto, foi relatado que caso haja necessidade o grupo é comunicado e encontrada a solução para sanar a indisponibilidade do agricultor. Em alguns casos agricultores informaram que os custos para o transporte dos produtos até o ponto de convivência foram anteriormente estimados e incluídos na cota mensal paga pelos co-agricultores.

O presente trabalho observa questões semelhantes aos resultados obtidos nas pesquisas de Junqueira e Moretti (2018), onde as entregas das cestas de alimentos competem aos agricultores das CSA's que fazem o transporte e organização das cestas. Os autores relatam que para 56% das CSA's, as entregas das cestas alimentares semanais competem exclusivamente aos agricultores, enquanto para os restantes 44% a função é compartilhada entre produtores e consumidores.

Oliveira et al. (2019) constataram em uma CSA em Belo Horizonte, um cenário distinto do verificado no DF, em que a organização e transporte das cestas de produtos ficam a cargo da comissão de logística, a qual é responsável por cuidar da rota de entrega, se relacionar com os entregadores e promover a mobilização de voluntários para o ponto de entrega. Além disso, os co-agricultores podem optar pelo pagamento de taxas adicionais para o recebimento das cestas em domicílio.

4.1.5.2. Logística de escoamento da produção

Considerando os relatos dos agricultores, foram observadas percepções distintas sobre modificações nas logísticas de escoamento. Para alguns não houve mudanças, para outras as mudanças foram profundas. Alguns agricultores relataram que faziam feira ou possuíam banca na CEASA-DF (Central de Abastecimento do Distrito Federal), organização difícil e muito desperdício.

Nas CSA's os agricultores relatam terem conseguido adquirir veículos próprios para o transporte das cestas, o que tem contribuído de maneira positiva, não só para a otimização e menor desgaste na atividade, mas também no favorecimento da gestão de resíduos, que se tornou mais eficiente, uma vez que recolhem restos de produtos que ocasionalmente se inviabilizam ao longo das entregas das cestas. Somado a isso, existem CSA's que adotam o sistema de recolhimento de resíduos orgânicos provenientes do lixo doméstico, compostos por cascas, folhas e outros, os quais integram as composteiras ou seguem para a alimentação de animais.

4.1.5.3. Meio de transporte mais utilizado

O principal meio de transporte utilizado para levar os produtos ao ponto de convivência foi veículo próprio, Kombi ou carro de passeio, utilitário Strada ou até

mesmo carros onde são acoplados reboques, chamados pelos agricultores de “carretinhas”.

4.1.5.4. Principais achados sobre a logística segundo os agricultores

Quadro 8: Achados dos agricultores na dimensão – Logística

Categorias (Dimensões)	Varição
	Agricultores
Logística	<ul style="list-style-type: none"> • O transporte das cestas até o ponto de convivência é feito pelos agricultores; • Via CSA conseguiram adquirir veículos próprios e melhores para exercer suas atividades.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.6. Dimensão - Questões econômicas

No presente tópico serão apresentadas e discutidas as análises em torno das respostas obtidas dos agricultores sobre escoamento da produção antes de ingressarem no movimento CSA; se atualmente dividem as atividades de produção e escoamento utilizando outros canais de comercialização e de que maneira são remunerados pela atividade e se eram agricultores antes de fazer parte de uma CSA.

A figura 19 traz a análise de similitude sobre a análise econômica das CSA's do DF de acordo com a amostra de dados.

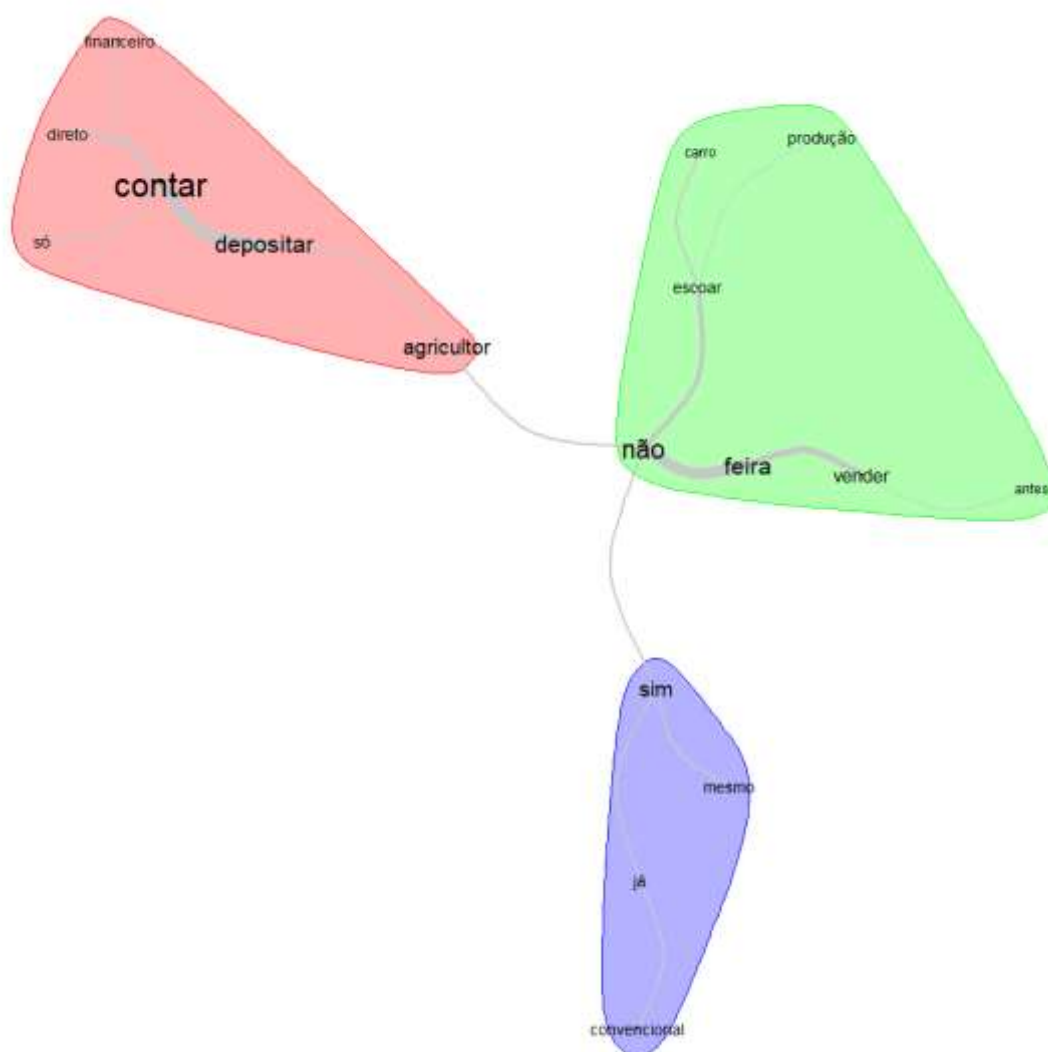


Figura 19: Análise de Similitude da Análise Econômica na visão dos Agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.6.1. Forma de escoamento de produtos antes e depois da CSA

Os agricultores escoavam sua produção em feiras antes de pertencerem a uma CSA, canal com maior frequência (5), entrega de cestas ou comercializavam seus produtos na CEASA-DF.

Atualmente, quase a totalidade dos agricultores tem suas atividades e produção destinados às CSA's, não utilizando outros canais de comercialização. Existem pequenas exceções, agricultores que ainda fazem feira ou que já possuíam relações estabelecidas com mercados, onde as formas ativas “não” (5), “feira” (4) e suplementares “CSA” (9) e “cem por cento” (4) corroboram com o dito anteriormente.

4.1.6.2. Quanto a remuneração dos produtores

Levando em consideração o dito pelos agricultores, percebe-se que a principal forma como os agricultores são remunerados por sua atividade dentro da CSA é através da quantia acordada entre os membros para pagamento de seus serviços. O somatório alcançado é depositado diretamente nas contas bancárias dos agricultores, ou em alguns casos, em conta própria da CSA, ficando a cargo do agricultor a gestão dos recursos, o que se confirma através das formas “conta” (11) e “depositar” (7).

Algumas CSA's auxiliam os agricultores com a gestão financeira (forma “financeiro” (3)), principalmente no acompanhamento do pagamento das cotas pelos co-agricultores e balanço geral de gastos para prestação de contas ao final de cada ano ou ciclo de cultivo.

4.1.6.3. Experiência dos agricultores com agricultura

A partir das análises estatísticas aparecem em destaque as formas “sim” (10) e “já” (5), trazendo o fato de que grande parte dos agricultores das CSA's já desenvolviam atividade agrícola, mesmo que não comercialmente, em caráter de subsistência. Porém foram constatados casos de pessoas, que antes de integrarem ao movimento não praticavam agricultura, o que pode ser comprovado pela forma “não”, a qual apresentou frequência 6, nas análises estatísticas, e que mediante a CSA enxergaram a possibilidade de trabalho, no caminho contrário à crise econômica enfrentada pelo país, conseguindo agora prover seu sustento e de sua família.

4.1.6.4. Principais achados sobre questões econômicas segundo os agricultores

Quadro 9: Achados dos agricultores na dimensão – Questões Econômicas

Categorias (Dimensões)	Variação
	Agricultores
Questões Econômicas	<ul style="list-style-type: none"> • Escoavam sua produção através de feiras ou CEASA e atualmente quase todos têm as CSA's como único canal de escoamento de produtos (“comercialização”); • A quantia acordada com o grupo para a remuneração de suas atividades é depositada diretamente na conta do agricultor ou em conta criada para o grupo, onde o agricultor faz a gestão dos recursos; • A maioria dos agricultores já exercia atividade agrícola antes de integrar o movimento CSA.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2. A Percepção dos Co-Agricultores

No presente tópico são abordadas as análises acerca das categorias estabelecidas para orientação das informações. Cabe trazer, brevemente, a análise semântica das respostas obtidas por meio de todas as perguntas feitas aos co-agricultores das CSA's do Distrito Federal, que compõem a amostra.

A figura 20 traz a frequência, expressa em logaritmo (Log das frequências), ou seja, o número de vezes que uma palavra aparece ao longo do *corpus* textual analisado. Pode-se perceber que o *corpus* textual possui um total de 1494 palavras (chamadas de “formas” pelo *software IRaMuTeQ*), essas aparecem 16.199 vezes ao longo do *corpus* textual (o que é chamado pelo *software IRaMuTeQ* de ocorrência). Do total de formas existentes nota-se uma frequência mediana de hápax (palavras que aparecem somente uma vez ao longo do texto) (610), compreendendo 3,77% do *corpus* textual (ocorrências) e 40,83% do total de palavras (formas).

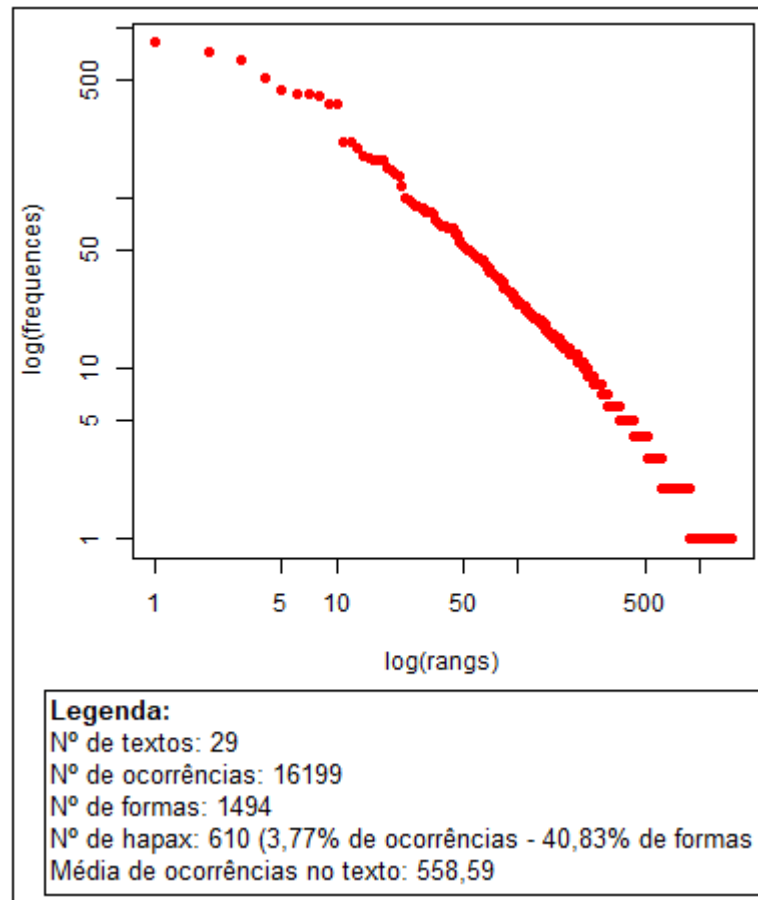


Figura 20: Frequência de palavras ao longo dos textos das falas dos co-agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.1. Dimensão - Estrutura Organizacional

Uma breve definição sobre o que se trata a estrutura organizacional de um grupo ou organização é abordada no tópico 4.1.1. do presente trabalho.

A figura 21 traz a análise de similitude observada sobre a forma com que as atividades nas CSA's do DF têm sido organizadas, distribuídas e coordenadas, de acordo com a amostra de dados, na visão dos co-agricultores.

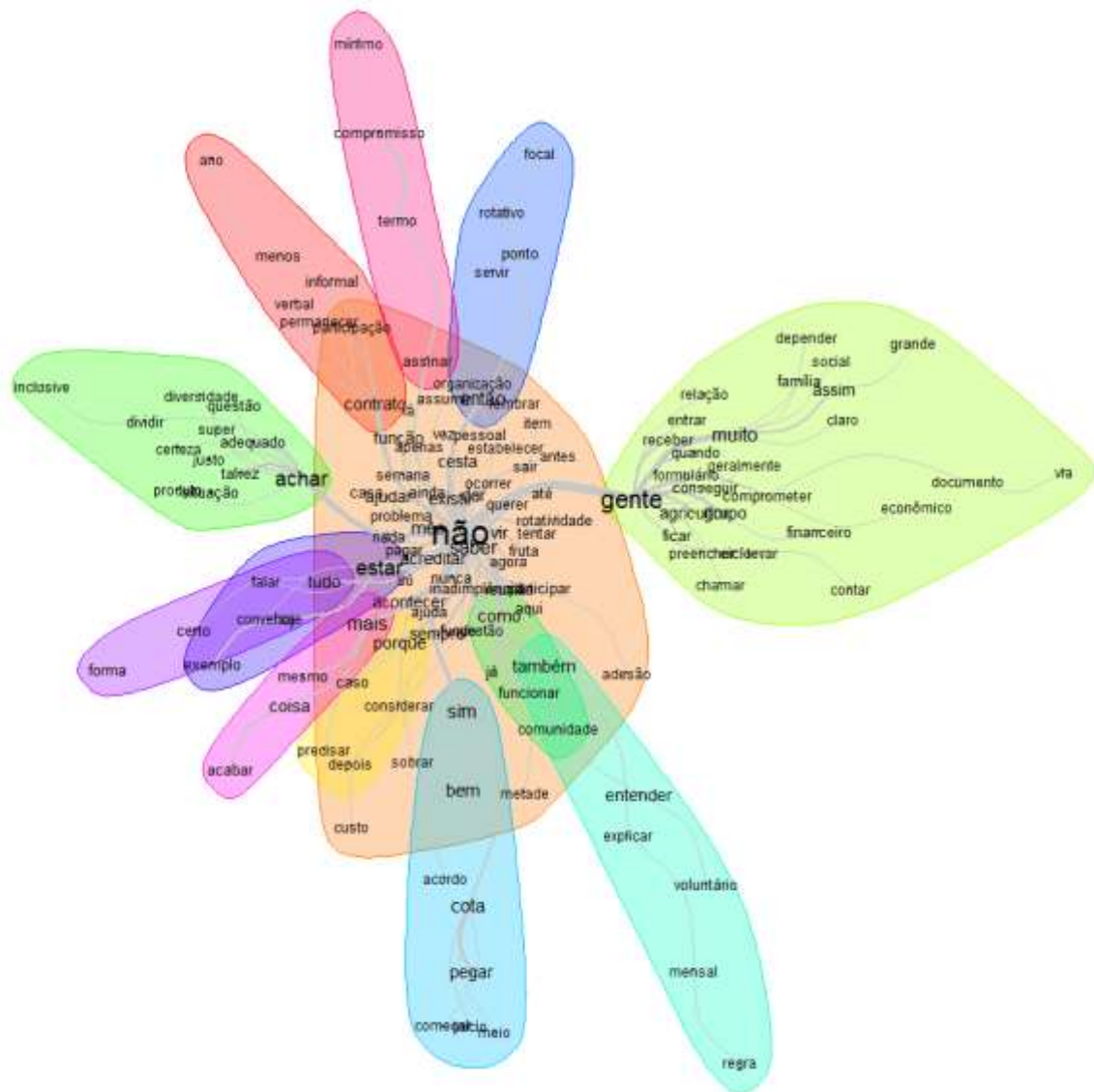


Figura 21: Análise de Semelhança da Estrutura Organizacional na visão dos Co-Agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.1.1. Rotatividade/alternância na gestão

A análise dos dados, leva em consideração as falas dos co-agricultores e busca identificar de que forma eles auxiliam seus agricultores nas atividades voltadas para a gestão do grupo. Para tanto a pergunta foi a seguinte: “Existe algum mecanismo de rotatividade/alternância de função na gestão da CSA? Se sim, como ocorre?”

Constatou-se, a partir das falas dos co-agricultores, que na maior parte das CSA's não há rotatividade entre as funções de gestão, onde a forma “não” apresenta a maior frequência (33). A respeito disso um co-agricultor relata:

“Existe, ele é mais informal. A gente tem alguns grupos, tem o grupo da comunicação, tem o grupo da convivência, grupo financeiro e aí de tempos em tempos ou quando a pessoa sai ou não tá podendo continuar a gente joga lá no grupo e aí troca. Mas não existe uma rotatividade estabelecida”.

Percebe-se que apesar de na maioria das CSA's existir a formação de grupos de trabalho ou algum outro mecanismo que vise proporcionar auxílio ao agricultor pelos co-agricultores, isso ocorre predominantemente de maneira voluntária. Tal fato colabora para que tanto nos grupos de trabalho, quando existentes, quanto o simples auxílio para a entrega das cestas no ponto de convivência aconteça em torno dos mesmos voluntários.

Os grupos de trabalho que ganham destaque, com maior atuação, são os voltados para a comunicação e o financeiro. Porém, a maior parte dos co-agricultores relata não conseguir participar efetivamente das atividades, o só acontece esporadicamente.

Sobre a gestão dos grupos de CSA, Junqueira e Moretti (2018) chegaram a conclusões semelhantes ao da presente pesquisa:

Diferente de outros formatos presentes nos circuitos alternativos de suprimento do mercado, as CSAs implicam aumento na responsabilidade e comprometimento dos consumidores para o sucesso do empreendimento social. Suas tarefas costumam incluir a logística da recepção e distribuição final dos alimentos, assim como o financiamento e o planejamento da produção e a partilha dos riscos inerentes à atividade agrícola, que podem, sob determinadas condições, limitar a oferta de gêneros.

4.2.1.2. Contrato de adesão

De acordo com os co-agricultores, não foi constatado em nenhuma CSA a existência de contrato para fazer parte do grupo, o que fica evidenciado pelas formas “não e “contrato” com maiores frequências, respectivamente 21 e 16. A relação é estabelecida de maneira informal, por vezes verbalmente. No entanto, na maioria das CSA's os co-agricultores preenchem um formulário, ou termo de compromisso, onde se comprometem a permanecer por um tempo mínimo pré-estabelecido, seja por ciclo de cultivo ou um período que varia de 6 meses a 1 ano, fato este comprovado pelas formas “compromisso” e “termo”, as quais aparecem com mesma frequências (8).

Com isso, os co-agricultores relatam ainda, que tal termo de compromisso não possui peso jurídico, funcionando mais como uma forma de controle, e que ao ingressar em uma CSA o co-agricultor deve antes conhecer os fundamentos e princípios do movimento, para que assim entenda que não se trata de um mero grupo de consumo, onde trabalhando a cultura do “apreço” devem se preocupar e ter responsabilidade com o agricultor e sua família, os quais estimam os gastos para a produção dos alimentos a lhe serem entregues durante aquele período e estarão contanto com a remuneração.

Igualmente ao observado no presente trabalho, Torres (2017, p.90) constatou em sua pesquisa a utilização dos termos de compromisso como ferramentas de registro, sobre os quais expõe que:

Surgiram da adaptação de modelos adquiridos durante o curso de formação de CSAs em Botucatu. Nota-se a presença de outros documentos de apoio com finalidades comuns, apesar de possuírem particularidades nos formatos para facilitar sua aplicabilidade conforme o perfil daqueles que os manejam. Destaca-se a apropriação de ferramentas gratuitas online como solução para o registro e troca de informações entre membros das comunidades.

Cenário diferente é relatado por Oliveira et al. (2019) na CSA Nossa Horta de Belo Horizonte onde existe um contrato para adesão à comunidade, onde são descritos o funcionamento, princípios e regras a serem seguidos.

4.2.1.3. Percepção do co-agricultor sobre a Cota

Acerca da percepção sobre a cota paga pelos co-agricultores para fazerem parte da CSA, eles acreditam que o valor é adequado, onde a forma “adequado” aparece com uma das maiores frequências (11), igualmente a forma “sim” (11). Na maioria dos relatos, os co-agricultores demonstram que a cota é mais que satisfatória, levando em consideração a diversidade e quantidade de produtos que recebem a cada semana, muitas vezes não acabam não consumidos por completo.

Pelo fato citado acima, da quantidade de produtos além da capacidade de consumo, o que é confirmado pela forma “muito”, “cesta” e “coisa” com respectivas frequências 8, 6 e 6, os co-agricultores buscam dividir a cota com outra pessoa para evitar desperdícios.

Os co-agricultores demonstram conhecimento e entendimento sobre questões que envolvem a importância da certificação e rastreabilidade, o que via CSA se torna simplificado, por terem contato direto com quem está produzindo seus alimentos,

agregando valor e proporcionando um sentimento de tranquilidade pela segurança no que estão consumindo. A respeito da cota, um dos co-agricultores afirmou:

“Eu acho que é adequada sim. Ainda mais levando em conta, digamos as questões subjetivas que a gente consegue acompanhar com relação ao que estamos consumindo, o que em outro lugar não conseguimos ter a rastreabilidade, como é feito na CSA”.

Outro co-agricultor complementa:

“A gente tem que levar em conta não só o aspecto do consumo. Considerando o valor que é cobrado, o valor que é aplicado para a contribuição mensal, provavelmente encontraria produtos equivalentes em alguma feira de orgânicos no DF, por um valor até menor. Do meu ponto de vista, pelo próprio fato de ter aderido a CSA, considero que não é só o aspecto comercial que é levado em conta, há uma remuneração do custo de produção, o custo de todos os insumos, existe uma remuneração do trabalho, que eu considero um valor digno, há um benefício indireto dessa contribuição que tem a fixação de pessoas e famílias da terra, de manutenção dessa atividade, que de certa forma isso é contabilizado, faço uma contabilidade social”.

A partir do relato acima é possível observar que a percepção sobre a cota pelos co-agricultores dificilmente será vista apenas do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista social, onde há uma real agregação de valor no capital humano, em que o agricultor se torna o ator principal, foco das ações, com seu trabalho valorizado, promovendo o resgate do homem do campo.

4.2.1.4. Sobre a Inadimplência

Os co-agricultores foram perguntados sobre que procedimento é empregado, caso ocorra, por algum motivo, de algum integrante do grupo não conseguir efetuar o pagamento da cota, se ocorre a suspensão do fornecimento da cesta.

A maioria dos co-agricultores disse não saber o que acontece ou qual o procedimento adotado pela CSA no caso de inadimplência, onde as formas “não”, “saber” e “acontecer” aparecem com as maiores frequências, 31, 18 e 14, respectivamente. Houve ainda co-agricultores que relataram nunca ter ocorrido inadimplências em sua CSA, e por esse motivo ainda não tinham refletido sobre a questão, o que é evidenciado pela forma “nunca” com frequência 8.

No entanto, como observado, o procedimento mais utilizado em caso de inadimplência é a utilização de um fundo de reserva, por um tempo combinado com o co-agricultor, para que este busque se organizar (o que é comprovado pela forma “fundo” (6)). Após superada a fase difícil o co-agricultor retorna o valor utilizado ao fundo de reserva da comunidade. Ou seja, busca-se ter compreensão, trabalhando a cultura do ‘apreço’, oportunizando que o co-agricultor se reorganize, sem necessitar deixar o grupo. Torres (2017, 89), da mesma forma que no presente trabalho, verificou nas CSA’s que visitou no DF ao longo de sua pesquisa, que casos de inadimplência “tendem a ser tratados de forma solidária, enfatizando o apoio mútuo para se resolver situações economicamente sensíveis”.

De maneira a ilustrar o que foi descrito, segue a fala de um co-agricultor:

“Já aconteceu. Uma co-agricultora estava com dificuldades e o grupo decidiu usar o valor do fundo de reserva e ela se comprometeu a repor”.

4.2.1.5. Principais achados sobre a estrutura organizacional segundo os co-agricultores

Quadro 10: Achados dos co-agricultores na dimensão – Estrutura Organizacional

Categorias (Dimensões)	Varição
	Co-agricultores
Estrutura Organizacional	<ul style="list-style-type: none"> • Existem os grupos de trabalho, mas na maioria não há muita rotatividade entre os membros para auxiliar os agricultores nas funções de gestão; • Não existe contrato formal para fazer parte de uma CSA, mas sim termo de compromisso, onde o ingressante se compromete a permanecer pelo menos por um ciclo completo; • A cota é mais que satisfatória, levando em consideração a diversidade e quantidade de produtos; • Não sabem o que acontece ou qual o procedimento adotado pela CSA em caso de inadimplência.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.2. Dimensão - Cultura de organização do Trabalho

Através das respostas obtidas dos co-agricultores, foi possível perceber como as ações são praticadas e decididas pelo grupo, como ocorre a condução do processo produtivo e como são tomadas as decisões sobre a escolha dos alimentos a serem cultivados, além da compra e o transporte de insumos para a produção, permitindo observar como são tomadas decisões e executados os procedimentos que auxiliam nas atividades desenvolvidas pela comunidade.

A figura 22 traz a análise de similitude sobre a cultura de organização do trabalho nas CSA's do DF, na visão dos co-agricultores, possibilitando ilustrar as relações estabelecidas que garantem o sucesso da produção.

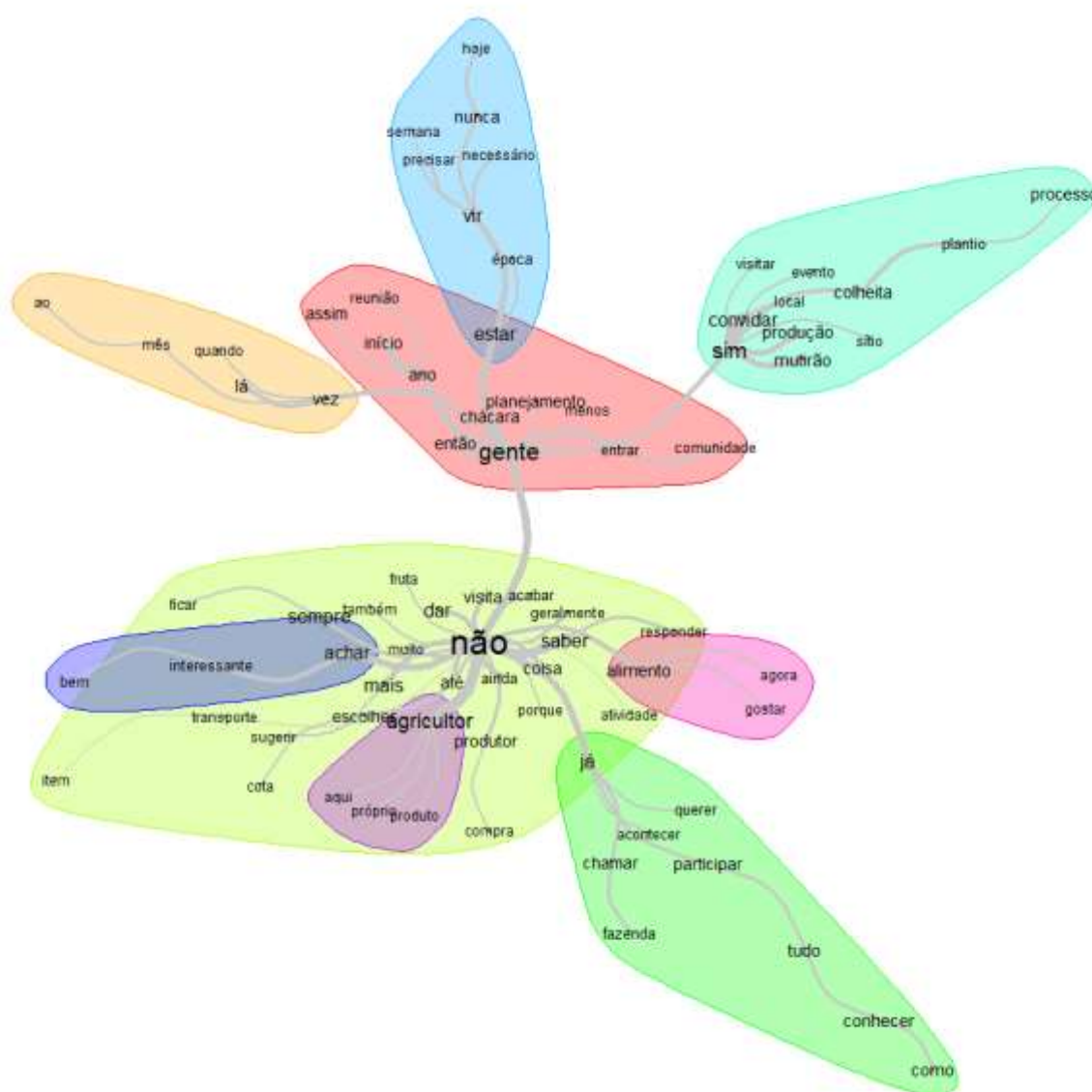


Figura 22: Análise de Similitude da Cultura de Organização do Trabalho na visão dos co-agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.2.1. Participação dos Co-agricultores nas Etapas do Processo Produtivo

A presente análise buscou identificar se existe planejamento para as etapas de produção e se existe envolvimento dos co-agricultores no processo.

A análise das falas mostra que os agricultores convidam os co-agricultores a participarem de todas as etapas do processo produtivo, o que é evidenciado pelas formas “sim” e “convidar” com maiores frequências, respectivamente 21 e 15, além das formas “visita”, “sempre” e “participar”, com frequências 7, 6 e 5, respectivamente.

Os co-agricultores entendem que a participação busca proporcionar o conhecimento sobre questões relacionadas ao cultivo dos alimentos, a sazonalidade e o método de manejo empregado como um todo, criando um vínculo mais estreito entre eles e a lida no campo.

Mesmo havendo o convite para as práticas de manejo, colheitas e plantios, o que ocorre nas visitas organizadas as propriedades dos agricultores, os co-agricultores reconhecem estar ausentes e que deveriam se esforçar em participar mais. Tal fato é representado pelas formas “mutirão”, “visita” e “chamar”, com frequências 8, 7 e 6, respectivamente. A fala a seguir exemplifica o exposto:

“Sim. Nós somos convidados a conhecer as etapas e a visitar o local de produção. Existe sempre um estímulo de envolvimento de trazer esse sentimento de pertencimento ao grupo, ao processo. E por não ter intermediários no sistema... é uma relação direta, eu acho que isso é uma oportunidade de você conhecer os alimentos, como são produzidos. Embora eu reconheça que não tenha participado muito dessas atividades. Por mais que concorde com o princípio e ache o modelo muito interessante, eu ainda não consegui dar esse passo a mais de me envolver e me engajar de uma forma mais consistente”.

Oliveira et al (2019, p.383) observaram que além do convite para participar de todas as atividades, seja na produção ou gestão da CSA, a referida CSA mineira faz uso de um mecanismo semelhante ao constatado em algumas CSA do DF, onde:

existe um acordo em que o coprodutor deve se comprometer a trabalhar pelo menos um sábado ao ano, de oito horas da manhã ao meio-dia, no ponto de entrega das cestas. Segundo a descrição, este compromisso, além de evitar a contratação de uma pessoa e diminuir custos, amplia a integração entre os membros.

4.2.2.2. Participação dos co-agricultores na escolha dos alimentos que compõem a cesta

A maior parte dos co-agricultores relata que não participa da escolha dos alimentos que irão ser cultivados para compor a cesta, o que fica evidenciado pela forma “não” com maior frequência (26). No entanto, alguns procedimentos são adotados pelas CSA's para a decisão sobre quais alimentos serão cultivados.

Considerando a transformação ocorrida nas propriedades após os agricultores ingressarem em uma CSA e como a atividade de produção foi impactada, o que foi tratado em tópicos anteriores, é feito um planejamento visando a produção em escala com entregas semanais. Outra questão considerada é a disponibilidade de água em determinadas épocas para a escolha das espécies vegetais, além do respeito a sazonalidade dos alimentos, o que é representado acima pelas formas “planejamento” e “época”, frequências 5 e 4, respectivamente.

Outro mecanismo utilizado em algumas CSA's é o levantamento de informações por meio do formulário de adesão, quando do ingresso de um novo co-agricultor no grupo, onde são colocados os alimentos de sua preferência, além da atualização de informações ao término ou início de cada ciclo por meio de enquetes entre os co-agricultores.

Preiss (2017), em sua pesquisa sobre alianças alimentares colaborativas em comunidades no Estado de São Paulo, observou que a composição da cesta é escolhida pelos produtores de acordo com a disponibilidade semanal dos produtos.

Oliveira et al. (2019) trazem em sua pesquisa, que na CSA Nossa Horta os co-agricultores da comunidade mineira são informados, mediante contrato, que não participarão da escolha dos produtos que irão vir em sua cesta semanal, havendo o levantamento de preferências no momento de ingresso e levantamento de sugestões ao longo do tempo, como também observado na presente pesquisa.

Refletindo sobre a questão da escolha dos alimentos, um co-agricultor demonstra entendimento dos princípios norteadores do movimento CSA, pois afirma que:

“Indiretamente. Eu diria que esse é um dos princípios: Você não se atenta tanto pra um tipo específico de alimento. Isso dá uma certa liberdade para o produtor escolher de acordo com a sazonalidade, com os atuais excessos que ele tem na produção. Então, eu acho que por mais que você possa sugerir novos alimentos, acho que isso é uma decisão mais autônoma do produtor”.

4.2.2.3. Sobre a compra e transporte de insumos

A maioria dos co-agricultores disse não saber quem faz e como são feitas as compras e transporte dos insumos a serem utilizados no processo produtivo, o que

fica evidenciado pelas formas “não” e “saber”, que aparecem com maiores frequências, 13 e 12, respectivamente, ao longo de todas as falas. Os co-agricultores que souberam responder sobre a questão informaram que o próprio agricultor fica responsável por tal atividade, o que é comprovado pelas formas “agricultor”, “produtor”, “próprio” e “compra”, com as respectivas frequências 10,10, 7 e 4.

Os co-agricultores entendem que o agricultor deve ter liberdade e autonomia para decidir e executar tais atividades, e assim ter controle sobre seu trabalho. No entanto, afirmam que todos os gastos são apresentados na prestação de contas feita ao final de cada ciclo de produção.

4.2.2.4. Principais achados sobre a cultura de organização do trabalho segundo os co-agricultores

Quadro 11: Achados dos co-agricultores na dimensão – Cultura de Organização do Trabalho

Categorias (Dimensões)	Variação
	Co-agricultores
Cultura de Organização do Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> Os agricultores convidam seus co-agricultores a participarem de todas as etapas do processo produtivo; eles reconhecem não ter participativa efetiva sua participação; A maior parte não participa da escolha dos alimentos que compõe a cesta, mas as CSA's adotam procedimentos para a decisão com base em pesquisas de opinião e a sazonalidade dos alimentos A maioria não sabe e não buscou saber quem faz e como são feitas as compras e transporte dos insumos utilizados na produção.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.3. Dimensão - Comunicação

Por meio das respostas obtidas dos co-agricultores sobre como tomaram conhecimento sobre o movimento, de que maneira é desenvolvida a comunicação entre sua CSA e outros grupos e como internamente em suas CSA's as informações são repassadas entre os membros, foi possível perceber as interações praticadas.

A figura 23 traz a análise de similitude observada sobre a análise da comunicação nas CSA's do DF, do ponto de vista dos co-agricultores, de acordo com a amostra de dados analisada.

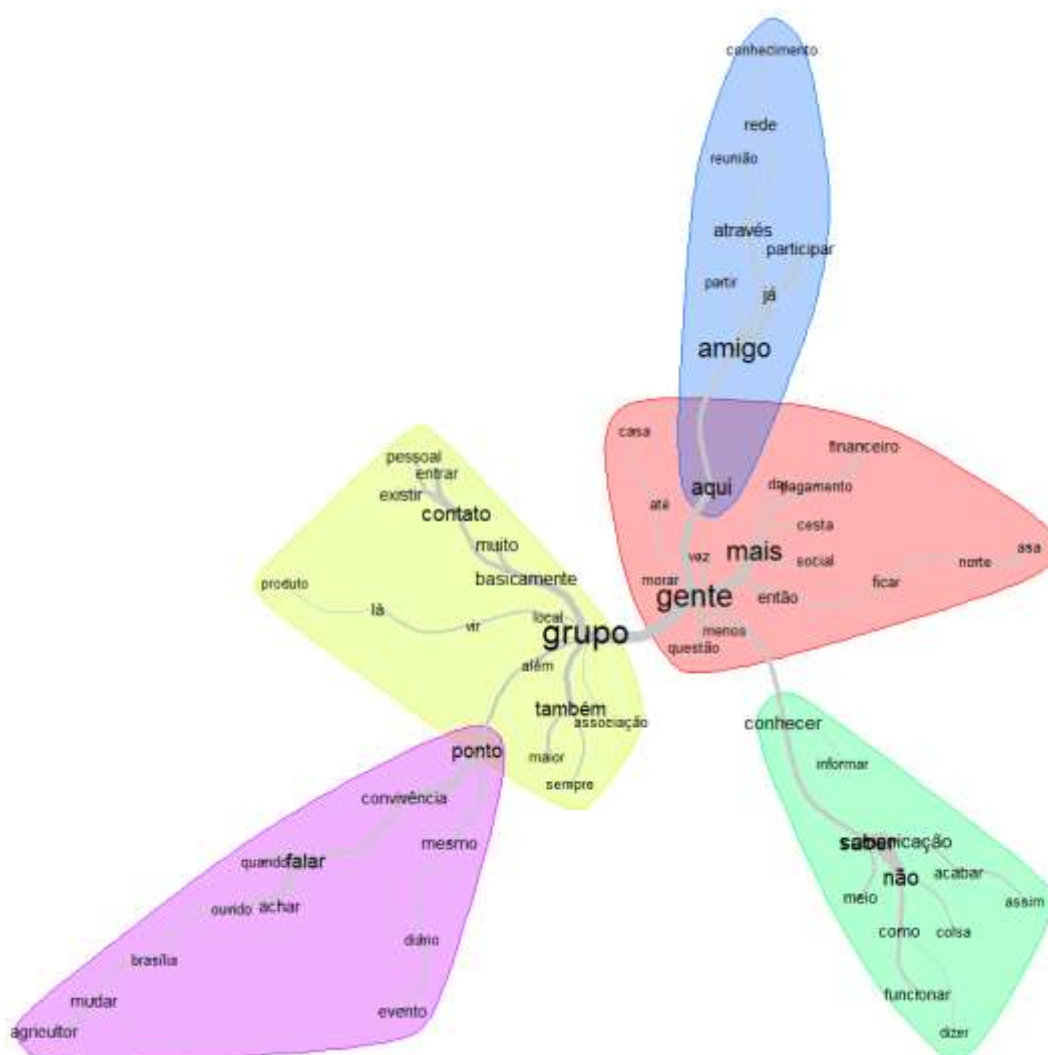


Figura 23: Análise de Similitude da Comunicação na visão dos co-agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.3.1. Primeiro contato dos co-agricultores com o movimento CSA

Assim como observado com os agricultores, os co-agricultores relatam ter tomado conhecimento sobre o movimento CSA no DF a partir de conversas com amigos ou amigos de amigos, os quais têm ou tiveram, seja de maneira direta ou indireta, contato com alguma comunidade.

Levando em consideração o exposto acima, a partir da análise das falas dos co-agricultores, foi possível observar que o contato direto é a principal forma de disseminação das CSA's no DF, o que fica evidenciado pelas formas “amigo” e “falar”,

com as maiores frequências observadas, 21 e 12, respectivamente. Como exemplo, segue a fala de co-agricultor:

“Por uma amiga que já participava. Comentei com ela que não estava encontrando morango orgânico e ela comentou que participava de uma CSA”.

Outras formas de divulgação do movimento foram percebidas, no entanto, com menor intensidade, as quais podem ser citadas: a divulgação feita pelos próprios agricultores, com auxílio ou não de um grupo de trabalho em sua CSA voltado para tal finalidade, onde são utilizadas redes sociais e *sites* da internet para o ganho de visibilidade; palestras, oficinas e cursos promovidos pelo grupo CSA Brasília, onde a temática do movimento é abordada; e o trabalho desenvolvido pela Associação APROSPERA, a qual busca difundir ferramentas que integrem os princípios da agricultura orgânica e de base agroecológica.

4.2.3.2. Comunicação entre as CSA's segundo os co-agricultores

A maior parte dos co-agricultores demonstrou não saber como é praticada a comunicação entre sua CSA e as demais CSA's do DF, o que se confirma pelas formas “não” e “saber”, que aparecem com as maiores frequências, 16 e 15, respectivamente.

Dos co-agricultores que souberam opinar, registrou-se a informação de que a comunicação é feita geralmente a partir de membros do grupo que são mais atuantes no movimento, os quais participam da comunicação praticada por meio de grupos de *whatsapp* e reuniões, promovidas pela CSA Brasília, para tratar de assuntos diversos que envolvam o movimento, o que é representado pelas formas “comunicação”, “grupo”, “contato”, “existir”, “rede”, com respectivas frequências 8, 8, 6, 6, 6. Sobre isso cabe trazer a fala de um co-agricultor:

“A gente tem um grupo de pessoas da CSA que são mais ativas na articulação com outras CSA's...tem a rede CSA Brasília que é uma rede que organiza todos essas CSA's de Brasília”.

Outras formas de interação foram identificadas, como a organização de eventos onde é promovido o encontro entre todas as CSA's do DF, a exemplo do último ocorrido no dia 07/12/2019, onde as CSA's puderam compartilhar vivências e conhecimentos, divulgar seu trabalho e fazer a entrega das cestas de alimentos a seus co-agricultores.

4.2.3.3. Comunicação entre os membros da CSA

Predominantemente, a forma pela qual as informações são repassadas dentro dos grupos de CSA's é por whatsapp, onde grande parte da comunicação é praticada, evidenciado pela forma ativa "grupo", a qual é complementada pela forma suplementar "whatsapp", com respectivas frequências 21 e 34.

Outras formas de comunicação identificadas foram as reuniões marcadas para tratar de assuntos específicos, bem como por meio do contato direto praticado no ponto de convivência.

4.2.3.4. Principais achados sobre a comunicação segundo os co-agricultores

Quadro 12: Achados dos co-agricultores na dimensão – Comunicação

Categorias (Dimensões)	Varição
	Co-agricultores
Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Conheceram o movimento através de amigos ou amigos de amigos que fazem parte do movimento ou conhecem alguém que faz o já fez parte; • A maioria não sabe como é praticada a comunicação entre sua CSA e as demais CSA's do DF; • Internamente as informações são repassadas principalmente através do whatsapp, em reuniões e no ponto de convivência, semanalmente.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.4. Dimensão - Questões Socioambientais

Serão agora apresentadas e discutidas as análises em torno das respostas obtidas dos co-agricultores sobre a decisão de integrar-se ao movimento de CSA's. Buscou-se o entendimento de como as CSA's têm provocado mudanças na vida dos co-agricultores e quais os principais benefícios percebidos.

Outras questões, como a capacidade de diferenciação de conceitos acerca das práticas de cultivo, a noção sobre perdas e a gestão de resíduos são abordados, além da percepção de como ocorre a convivência entre grupos.

A figura 24 traz a análise de similitude sobre a percepção socioambiental dos membros das CSA's do DF, na visão dos co-agricultores.

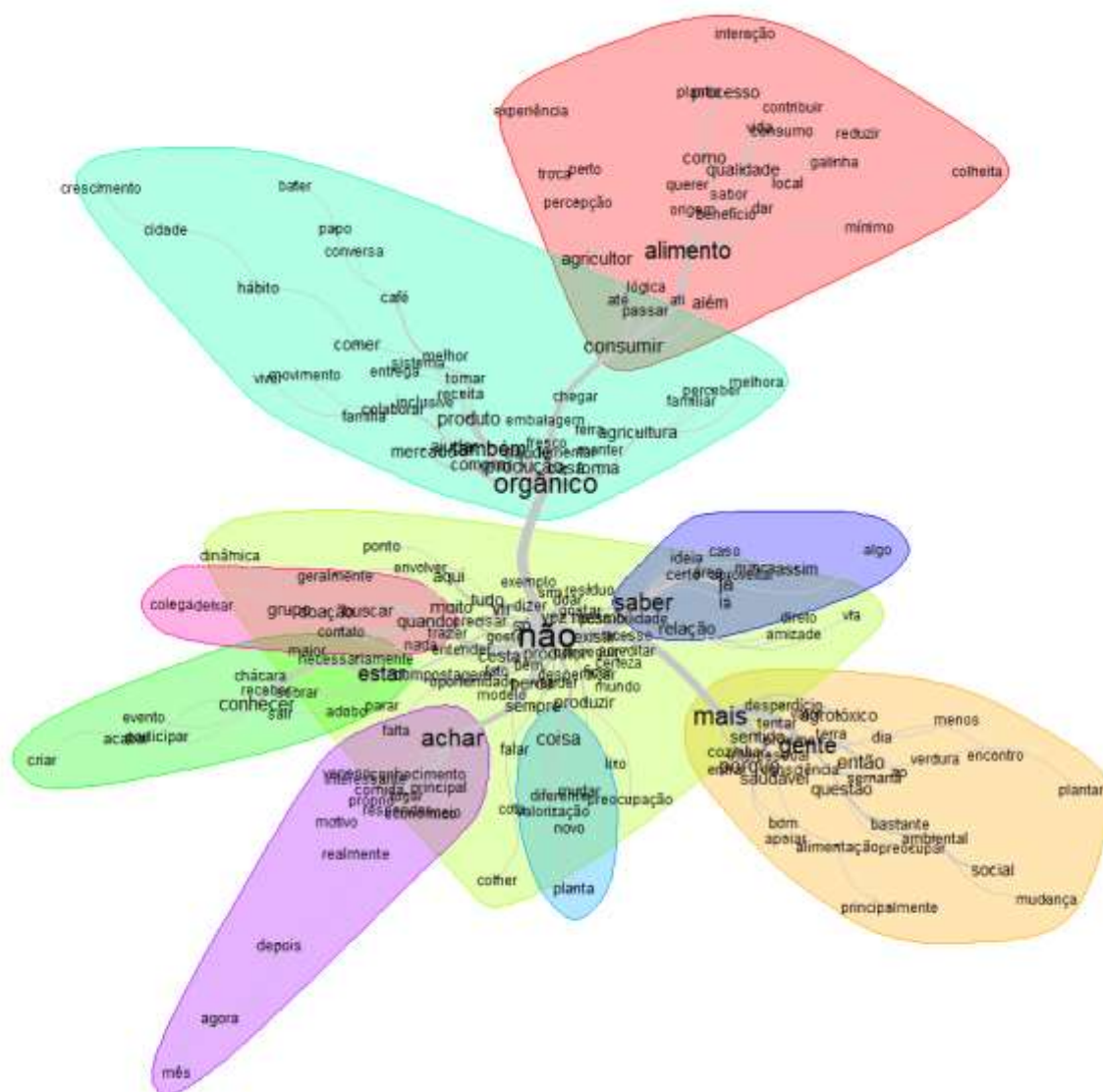


Figura 24: Análise de Similitude de Questões Socioambientais na visão dos Co-agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Cabe ressaltar que uma breve explanação acerca da conceituação do termo “socioambiental” foi abordada no subtópico 4.1.4. do presente trabalho.

4.2.4.1. Decisão por fazer parte de uma CSA

Pelo relato dos co-agricultores foi possível identificar diversos fatores que os levaram a fazer parte de uma CSA. O principal fator observado se trata de poder consumir mais produtos orgânicos e saber de onde eles vêm e quem os está produzindo, o que se comprova através das formas “orgânico”, “mais” e “consumir”, que aparecem com respectivas frequências 29, 16 e 10.

Sobre o exposto acima um dos co-agricultores afirma:

“Eu acho que a ideia do projeto faz todo o sentido, consumir alimentos que eu sei qual é a origem, pelo próprio relacionamento com o agricultor, ou seja, eu sei quem está produzindo, onde é. Acho que isso, pela lógica de consumir coisas que são mais saudáveis e pela questão social também e ambiental, inclusive”.

Dizem eles que a partir da CSA se torna possível comer melhor, com a confiança e segurança de estar consumindo alimentos de qualidade e mais saudáveis, o que conseqüentemente favorece a saúde, além da questão ambiental envolvida, por saber que a CSA busca formas de produção que agridam menos o meio ambiente.

Outras questões foram citadas, como a possibilidade de colaborar com o fortalecimento do movimento das CSA's e o estímulo à agricultura familiar. No entanto, chama a atenção o fato relacionado com o acesso ao produto orgânico por meio da comunidade, o qual aparenta não ser um dos fatores que mais importem aos co-agricultores. Um deles relata que:

“A gente já consumia orgânicos há um tempo em casa, comprando sempre nessas lojas de orgânicos, e pela CSA a gente percebeu que além de ter orgânico fresco em casa, a gente está ajudando também a agricultura, fomentando a agricultura orgânica aqui em Brasília. Então, mantém esse hábito de consumir orgânico e pode também colaborar pra esse crescimento da agricultura orgânica na cidade”.

Oliveira et al. (2019, p.387) trazendo uma reflexão sobre o movimento, apresenta a fala de dois co-agricultores:

Participar da CSA, como argumentam Anita e Daniel, não significa comprar a cesta ou se alimentar melhor, mas sustentar as causas que envolvem o

modelo, como a busca por melhores condições de trabalho para o pequeno agricultor, uma distribuição de renda mais justa, a preocupação com os impactos naturais e, aliada a isso, uma maneira diferente de se organizar através de uma gestão mais horizontal.

4.2.4.2. Sobre a mudança de vida após ingressar em uma CSA

Levando em consideração as análises feitas a partir da leitura flutuante das falas dos co-agricultores, grande parte dos entrevistados relata que antes da CSA não conheciam tantas pessoas com o interesse em comum ligado ao consumo de alimentos orgânicos e cultivos alternativos. Com a CSA, o estreitamento do contato da realidade vivida no campo e o contato com a terra tem sido proporcionado, o que se verifica através das formas “não”, “mais”, “gente”, “conhecer”, “relação”, respectivamente com frequências 26, 24, 16, 11 e 11.

Um dos co-agricultores relata que:

“Na verdade, acho que teve mais uma relação interpessoal com as pessoas aqui porque toda semana a gente vem, bate papo, toma café, conversa um pouquinho, descobre alguma coisa nova sobre plantas, as PANC’s. As vezes assim, tem alguma coisa que a gente não conhece se usa ou não usa, troca experiência, tem um livro de receitas e assim, a gente já tinha esse hábito de comer PANC’s também”.

Muitos co-agricultores mostraram interesse por temas tratados pelos grupos de CSA. Fazer parte da comunidade favorece e estreita laços, contribuindo positivamente para o movimento agroecológico do DF, a opinião dos co-agricultores.

Ganha destaque o sentimento de melhorias em qualidade de vida, onde a relação com o alimento adquire outros sentidos, através de mudanças em hábitos alimentares, com a valorização dos produtos e percepção da qualidade. Os co-agricultores relatam que passaram a se preocupar mais com a utilização dos alimentos recebidos na cesta, buscando formas de reduzir desperdícios e conseguir informações sobre como preparar produtos antes não conhecidos, como exemplo as PANC’s. Sobre isso são observadas as formas “achar”, “alimento”, “cozinhar”, “mudar”, “produto”, “comer”, “consumir”, “orgânico”, “desperdício”, “qualidade”, com frequências 9, 9, 8, 8, 7, 6, 6, 6, 5, 5, respectivamente.

Um dos co-agricultores afirma que:

“Sim, tem esse negócio de ter que me virar com o que tem na hora. Isso é legal. Ao invés de você pensar: eu quero fazer tal receita e ir ao mercado e comprar. Seria, eu tenho isso, o que eu faço? E eu tenho me obrigado a cozinhar mais porque eu não gosto de desperdiçar. Eu gosto de cozinhar, mas eu não tenho tanto de cozinhar todo dia. Mas eu estou tentando cozinhar mais. E é bom também para mim, porque eu gosto”.

Chama a atenção o relato de outro co-agricultor que traz questões ligadas não só com as percepções de melhorias proporcionadas em sua vida, mas a preocupação social, onde os impactos positivos das atividades têm proporcionado transformações na vida dos agricultores, ao dizer que:

“Mudou tudo, mudou a percepção de mundo, né? A percepção, inclusive de exploração de mercados e de agricultores em geral. Não só ter uma alimentação saudável, mas também a quebra do ciclo mercadológico, com a diminuição da exploração do trabalho agrícola. A valorização do trabalhador rural. Mudou tudo pra mim”.

4.2.4.3. Interação entre os integrantes de uma CSA segundo co-agricultores

De acordo com os co-agricultores a interação entre os membros do grupo ocorre em torno, principalmente, e de maneira diária, em grupos de *whatsapp*, onde grande parte das informações são passadas e registradas pelos próprios agricultores e co-agricultores dos grupos de trabalho, e onde assuntos diversos são abordados de maneira mais corriqueira, exemplo a organização de mutirões e visitas aos sítios, além da mais rápida comunicação para solucionar imprevistos ocorridos na área de produção, assim como a troca de ideias sobre formas de preparo de alimentos ou a organização de atividades no ponto de convivência. Tais informações ficam evidenciadas por meio da forma ativa “grupo” e da forma suplementar “*whatsapp*”, as quais possuem respectivas frequências de 8 e 16.

Considerando o Ponto de Convivência, ele se mostrou como o segundo principal meio para a prática das interações no grupo, onde todos os membros do

grupo conseguem trocar informações e estreitar laços de maneira mais direta. Tais informações ficam evidenciadas por meio da forma ativa “aqui” e da forma suplementar “ponto de convivência”, as quais possuem respectivas frequências 10 e 13.

Sobre o exposto, um dos co-agricultores relata que:

“O principal ponto de contato é aqui no nosso ponto de convivência, mas a gente interage também bastante pelas redes, como pelo whatsapp, mas o principal pra mim é aqui mesmo, acaba que é aqui que você vai criando os laços”.

Outras formas de interação foram identificadas, mesmo que com menor frequência nas CSA's visitadas, onde são organizados cursos, palestras e eventos, que servem de ferramenta de disseminação e fortalecimento do movimento internamente em cada grupo.

4.2.4.4. Percepção dos co-agricultores sobre os sistemas de cultivo alternativos

Ao longo das visitas nas CSA's buscou-se observar se os co-agricultores sabiam qual o modo de cultivo empregado pelo produtor de sua CSA e a capacidade de diferenciar o modo produção orgânico do conceito de agroecologia.

Os co-agricultores demonstraram saber que os produtos são orgânicos, corroborando com a forma ativa “orgânico” (frequência 24) e forma suplementar “ser” (frequência 24). No entanto, a maior parte dos co-agricultores não possui aprofundamento em conceitos que os tornem capazes de diferenciar o modo de produção orgânico do que seria a agroecologia ou um produto de base agroecológica, como evidenciado pelas formas ativas “não” e “saber”, com respectivas frequências 16 e 12.

Sobre o exposto acima, um co-agricultor relata que:

“Eu não tenho certeza se é agroecológica. Orgânica com certeza é”.

Mesmo com o evidenciado acima, a partir das análises das falas dos co-agricultores, constatou-se que as CSA's buscam, a partir de diversas ações, trazer a

seus co-agricultores o entendimento sobre seu funcionamento e as técnicas de cultivo empregadas. No entanto, deve-se levar em consideração, não só o interesse pela busca do saber de cada co-agricultor, mas o tempo recente de funcionamento de diversas CSA's no DF, além da também recente formação das primeiras CSA's, ocorridas em 2015, o que justifica a construção do conhecimento orgânico e agroecológico que se encontra em andamento.

Apesar da não exatidão nas respostas e na capacidade de distinção da forma de condução das lavouras, os co-agricultores relataram que os agricultores, quando não já possuem, se encontram em fase de formação de agroflorestas, visto a preocupação ambiental e favorecimento proporcionado pela técnica de cultivo, onde o sistema, água, solo, planta é favorecido, a partir da busca por um ecossistema mais equilibrado.

4.2.4.5. Percepção dos co-agricultores sobre perdas/desperdícios de produtos

Evidenciou-se nas CSA's visitadas, levando em consideração a fala dos co-agricultores, que não existem perdas de produtos, seja no campo, na colheita, no transporte ou ao longo das entregas das cestas nos pontos de convivência. Em diversas CSA's, ocorre doações de produtos não buscados pelos co-agricultores nos pontos de convivência. Tal fato é evidenciado pelas formas "não", "doação" e "buscar", respectivamente com frequências 23 e 13 e 5.

Constatou-se, também, que parte dos co-agricultores entrevistados não soube responder sobre qual destino é dado aos produtos que sobram, o que se verifica pela forma "não sei", com frequência 10.

Sobre a preocupação com a existência de perdas de produtos, um dos co-agricultores relata que:

"Eu sei que, além da possibilidade de você doar as cestas, há a possibilidade de caso alguém não possa buscar, os produtores podem trocar os excedentes. Esse é um modelo para equiparar perdas. E pelo agricultor já saber a determinada quantidade de pessoas que vão consumir aquele alimento, ele pode se planejar melhor. O que por si só reduz desperdício, além dessa sua predisposição a consumir alimentos repetidos".

4.2.4.6. Manejo de resíduos do processo produtivo na visão dos co-agricultores

A maioria dos co-agricultores disse não saber se existem ou o que é feito com os resíduos do processo produtivo, o que é representado pela forma “não sei” que aparece com uma das maiores frequências (12). Consideravelmente foram constatadas falas de co-agricultores que acreditam não haver resíduos, visto que seus agricultores buscam a otimização do processo produtivo, o que fica evidenciado pela forma “não” com frequência também 12.

A constatação da fala da não existência de resíduos percebida pelo co-agricultor pode ser compreendida pelo fato de serem trabalhados conceitos de reaproveitamento de restos culturais e até mesmo os restos orgânicos de lixo domiciliar como fonte de insumos para a fabricação de compostos, adubos ou a utilização na alimentação de animais. Essas informações também estiveram presentes na fala dos co-agricultores que demonstraram conhecimento sobre destino dado a resíduos do processo produtivo, o que foi constatado pelo uso das formas “compostagem”, “adubo”, “composteira” e “galinha”, com frequências 4, 3, 3 e 3, respectivamente.

Outros mecanismos para a gestão de resíduos mencionados foram a doação de alimentos não utilizados e a organização para a entrega de restos de alimentos provindos de cascas, folhagens e demais resíduos orgânicos, gerados nas cozinhas dos co-agricultores, para que os agricultores levem de volta para as propriedades e integrem no processo de compostagem. Sobre isso um dos co-agricultores comentou:

“São geralmente reaproveitados, eu acho que na própria dinâmica da agroecologia se busca isso. A agricultora faz compostagem e vira adubo depois”.

4.2.4.7. Percepção dos co-agricultores sobre seus benefícios como membro de uma CSA

Inúmeros benefícios em fazer parte de uma CSA foram relatados pelos co-agricultores, onde ganha destaque a possibilidade de ter acesso a um alimento orgânico fresco, o qual se sabe a origem e de que maneira foi produzido, trazendo segurança e confiança nos alimentos, o que fica evidenciado por meio das formas

“alimento”, “estar”, “orgânico”, “consumir”, “origem” e “fresco”, respectivamente com frequências 18, 10, 8, 7, 3 e 2. A partir da segurança alimentar proporcionada, os co-agricultores relatam perceber os benefícios proporcionados ao consumirem alimentos mais saudáveis e livres de resíduos de agrotóxicos, o que é representado no quadro acima pelas formas “saúde”, “saudável”, “benefício” e “agrotóxico”, respectivamente com frequências 7, 5, 3 e 2.

Outro benefício de se fazer parte de uma CSA é a possibilidade de contribuir com o crescimento das atividades desenvolvidas pela agricultura familiar e com a produção local, o que é representado no quadro acima pelas formas “consumo”, “contribuir”, “família” e “local” (todas com frequências iguais a 3), e dessa forma trazer melhorias na qualidade de vida dos agricultores nas atividades fomentadas via CSA.

Um dos co-agricultores expõe essa questão com a seguinte fala:

“Contribuir para a melhoria da qualidade de vida do agricultor, ter segurança no alimento que estou consumindo”.

Os co-agricultores relatam que se sentem privilegiados por terem o contato direto com os agricultores que produzem seus alimentos, conseguirem eliminar os intermediários da cadeia produtiva, e assim as famílias que vivem do campo recebem uma remuneração justa pelas suas atividades. Relatam ainda que poder conhecer as áreas de produção e participar de etapas do processo produtivo se tornam atividades únicas, agregando saberes e experiências que antes nunca teriam a oportunidade de conhecer, além de perceberem a preocupação ambiental que envolve toda a atividade, buscando formas de interação que agridam menos possível o meio ambiente.

Sobre o exposto, três co-agricultores destacam:

“O principal é o bem para a saúde e estar perto da natureza. A oportunidade de conhecer a chácara foi fantástica. O plantio e ver como esse sistema todo funciona”;

“Pra mim os benefícios estão em consumir alimentos mais saudáveis e livres de agrotóxicos, além de ajudar a família do agricultor”;

“Primeiro é a relação com o produtor, a procedência do alimento, fazer parte da comunidade e poder se envolver de alguma forma com a produção do alimento”.

Não ocorreram relatos sobre ganhos financeiros por parte do co-agricultor, por exemplo comprar alimentos mais baratos. Tal fato demonstra que fazer parte de uma CSA não remete apenas a uma forma de compra coletiva, visando o barateamento, mas engloba e envolve as relações trabalhadas pelo grupo, trazendo outro significado não só aos alimentos, mas ao resgate da valorização do homem do campo, o apego estabelecido entre os atores envolvidos e as relações humanas praticadas, onde o respeito, compreensão, resiliência e apreço são aprofundados, e convertidos em benefícios mútuos.

Para Junqueira e Moretti (2018), as principais vantagens desse arranjo para os co-agricultores são: obtenção de alimentos frescos, saudáveis, seguros, íntegros; participação na produção, desde o planejamento até a tomada de decisão sobre variedades, técnica de cultivo, escolha de insumos. Além disso, conhecimento da procedência do alimento, segurança e confiança no consumo do alimento.

4.2.4.8. Principais achados sobre questões socioambientais segundo os co-agricultores

Quadro 13: Achados dos co-agricultores na dimensão – Questões Socioambientais

Categorias (Dimensões)	Variação
	Co-agricultores
Questões Socioambientais	<ul style="list-style-type: none"> • Buscam entrar em uma CSA por possibilitar consumir mais produtos orgânicos, com maior constância, e saber a origem dos alimentos, além de colaborar com o fortalecimento do movimento e estímulo à agricultura familiar; • Acreditam que a CSA estreita o contato com o campo, proporciona o sentimento de melhorias em qualidade de vida, onde a relação com o alimento adquire outros sentidos, ultrapassando a mera relação de consumo; • A interação do grupo ocorre mais frequentemente por meio de grupos de whatsapp, mas são promovidas visitas aos sítios esporadicamente, além dos encontros semanais nos pontos de convivência; • A maioria não sabe diferenciar o modo de produção orgânico da agroecologia, mesmo entendendo que os produtos consumidos via CSA são orgânicos; • Entendem que não existem perdas de produtos, visto que cestas não retiradas são doadas; • A maioria não sabe se existe ou o que é feito com os resíduos do processo produtivo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.5. Dimensão - Logística

Serão apresentadas e discutidas no presente subtópico as análises das falas dos co-agricultores sobre onde buscam seus alimentos e qual a distância percorrida para buscar a cesta de produtos. Busca-se a percepção dos co-agricultores sobre quais alimentos mais consomem ao longo do ano e quais só são fornecidos durante determinadas épocas e com isso identificar a forma que lidam com a sazonalidade agrícola que para determinadas culturas é marcante.

A figura 25 traz a análise de similitude sobre a logística no fornecimento e composição das cestas nas CSA's do DF, na visão de co-agricultores, de acordo com a amostra de dados.

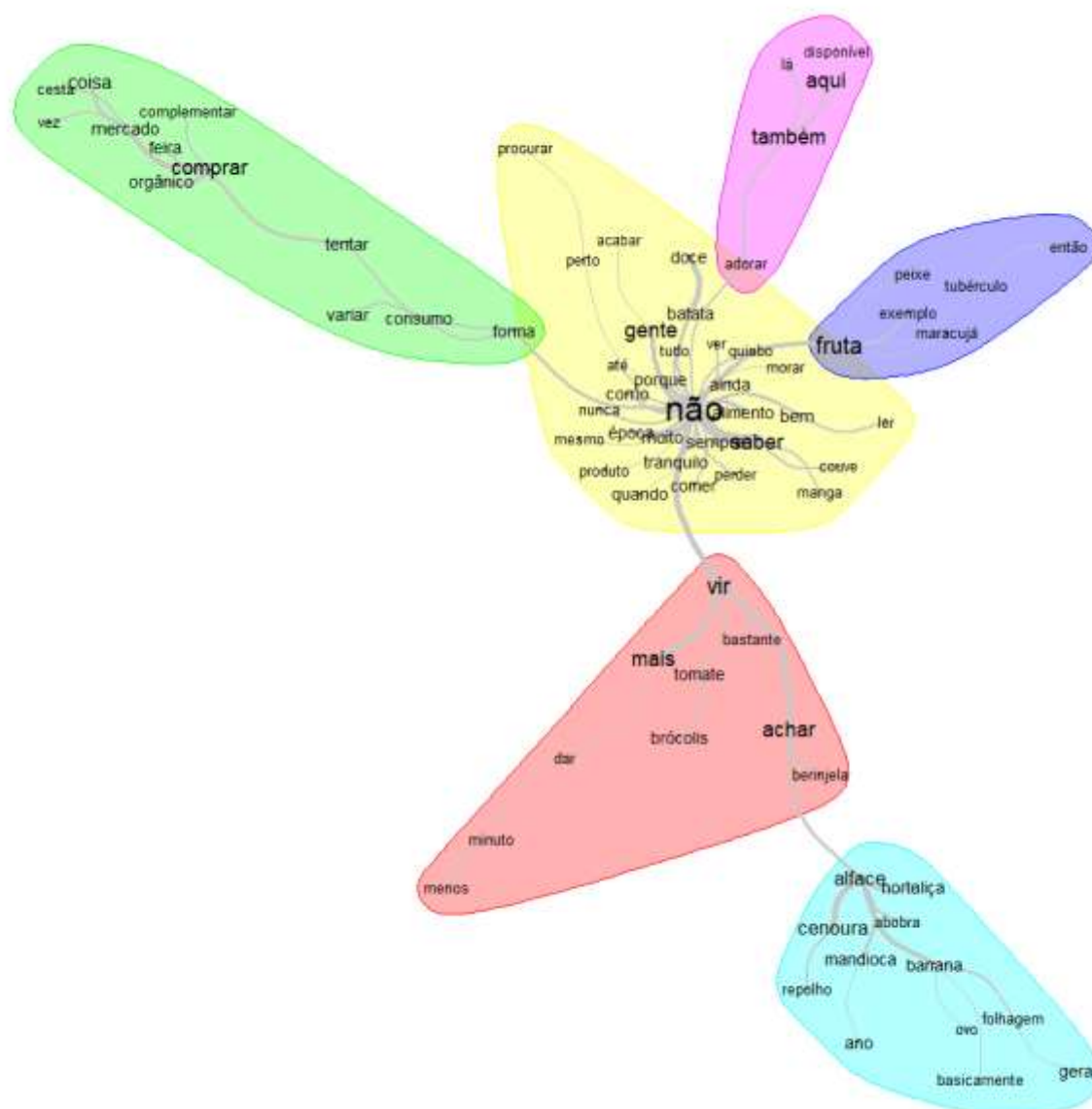


Figura 25: Análise de Similitude da Logística na Visão dos Co-agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.5.1. Sobre o local de retirada das cestas de alimentos

De acordo com os co-agricultores, todas as retiradas de cestas de alimentos são feitas, unicamente, no ponto de convivência, uma vez por semana, quando os agricultores organizam o local para recebê-los. O que se mostra em concordância com o evidenciado sobre o tema em questão, quando perguntado aos agricultores onde eram entregues as cestas de alimentos, a partir da forma ativa “aqui” e suplementar “ponto de convivência” com maiores frequências, respectivamente 10 e 31.

Alguns co-agricultores relataram que, eventualmente, solicitam ao agricultor que deixe a cesta de alimentos em sua residência. No entanto, o procedimento ocorre sem que o agricultor se desvie de sua rota normal, sendo um fato extraordinário, quando da impossibilidade de o co-agricultor comparecer ao ponto de convivência.

4.2.5.2. Sobre a distância percorrida pelo co-agricultor até o ponto de convivência

Constatou-se, a partir das das entrevistas, que de maneira geral os co-agricultores buscam fazer parte de alguma CSA que se encontre mais próxima de sua residência ou local de trabalho, não percorrendo grandes distâncias com a finalidade única de retirar sua cesta de alimentos, semanalmente, o que contribui positivamente com questões ligadas a emissão de carbono e demais gases poluentes em automóveis.

Os co-agricultores acreditam que se encontram próximos dos pontos de convivência e que isso facilita o exercício da dinâmica com a comunidade. Muitos vão caminhando até o ponto de convivência.

4.2.5.3. Sobre os alimentos mais consumidos ao longo do ano

De acordo com os co-agricultores, os alimentos mais consumidos ao longo do ano compreendem as hortaliças folhosas, como a alface, que aparece com a maior frequência (9) ao longo das falas nas entrevistas.

A mandioca (frequência 5) e a batata doce (formas “batata” e “doce”, frequências 4) ganham destaque entre os tubérculos mais fornecidos pelas CSA's, além da banana (frequência 8).

4.2.5.4. Sobre os alimentos só consumidos em determinadas épocas do ano

Apesar da maior parte dos co-agricultores dizer não saber responder sobre a questão, o que pode ser percebido pela alta ocorrência das formas “não” e “saber”, com respectivas frequências 10 e 7, ao longo das falas, uma grande carência percebida está na oferta de frutas (formas “fruta”, “manga”, “abacate”, “maracujá”, com respectivas frequências 8, 3, 2, 2, nas cestas de alimentos, com exceção da banana.

Constatou-se que as CSA's buscam oferecer uma grande gama de produtos aos co-agricultores, o que é favorecido pela implantação de sistemas agroflorestais, onde busca-se o cultivo diversificado. Mesmo assim, devido ao manejo de produção orgânico, onde não há a presença de substâncias estimulantes, somado a características fisiológicas de espécies vegetais, com sazonalidade marcante, como a exemplo das solanáceas mencionadas ao longo das entrevistas, podendo ser citadas o tomate, o quiabo, a batata, e a beringela, fazem com que uma série de produtos só sejam colhidos durante determinada época do ano.

Os co-agricultores relatam ainda, que além da marcante falta de uma variedade maior e mais constante de frutas nas cestas, gostariam de receber mais PANC's, as quais tem sido muito apreciadas, o que pode ser percebido a partir da forma suplementar "pancs", com frequência 5. Sobre isso, um dos co-agricultores relatou:

"Principal é fruta e as PANC's, por exemplo, o peixinho que eu adoro e é só quando tem".

De forma similar, Junqueira e Moretti (2018) constataram que as frutas são ofertadas, também, de forma insuficiente, tanto em quantidade quanto em variedade, o que costuma gerar atritos e descontentamentos. Os autores observam ainda que "em um segundo plano, são produzidos e ofertados grãos e cereais integrais e orgânicos, produtos de origem animal – especialmente ovos e mel – e alimentos artesanais como pães, bolos, biscoitos, geleias e doces."

Considerando as CSA's do DF, uma gama de produtos, como os constatados por Junqueira e Moretti (2018), são ofertados aos co-agricultores como adicionais as cestas de alimentos, mediante pagamento de taxas extras, como exemplos mais corriqueiros ovos, queijos e leite.

Os co-agricultores também demonstraram conhecimento sobre a sazonalidade dos alimentos e respeito à condição ambiental imposta. Um dos co-agricultores relatou que:

"Aí depende de qual é a época, aqui basicamente os tubérculos que vão variando de acordo com o ano. Então tem épocas que tem mandioca, batata, doce ...".

4.2.5.5. Sobre a sazonalidade dos alimentos

Alguns co-agricultores relataram que no início sentiam falta de ter os produtos disponíveis a todo tempo. No entanto, o entendimento sobre a forma natural que os vegetais se desenvolvem tem consolidado o pensamento de:

“...consumir o que terra nos dá”, fala de um co-agricultor”.

Os co-agricultores que lidam bem com a sazonalidade dos alimentos, na percepção deles, afirmam que ausência de produtos em determinadas épocas do ano não é problema, o que se evidencia pela forma “não” (frequência 20) e pela forma “tranquilo” (frequência 8).

Mesmo assim, o mecanismo mais utilizado para suprir necessidades não atendidas é a complementação, principalmente, se tratando de frutas, por meio de compras em mercados, o que é representado, na tabela citada acima, pelas formas “comprar”, “mercado” e “complementar”, com respectivas frequências 14, 7 e 4. Os co-agricultores ressaltam que sempre priorizam os mercados orgânicos, citando o Mercado Orgânico, no espaço da CEASA, e a Malunga.

Como mecanismo a minimizar discrepâncias na composição das cestas de produtos, Oliveira et al. (2019) observaram que os agricultores buscam seguir a seguinte lógica para a montagem das cestas: 2 folhas, 2 legumes, 2 raízes/tubérculos, 2 ervas/temperos, 1 fruta e 2 PANC's, conseguindo assim maior satisfação de seus co-agricultores.

Junqueira e Moretti (2018) afirmam que acidentes climáticos e as próprias variações naturais nas condições flutuantes do sistema agroecológico possibilitam oscilações na oferta de gêneros alimentícios, de acordo com a sazonalidade, fazendo com que uma gama de itens deixem de ser encontrados durante determinado período, ou que sua aparência e conservação sejam mais problemáticas, diante dos padrões oferecidos pelo mercados tradicionais, os quais tem o aporte do abastecimento de longa distância e conexões globalizadas. Mediante o cenário mercadológico contemporâneo, as cestas semanais via CSA podem tornar-se mais minguadas, desinteressantes ou repetitivas em determinadas

épocas do ano, além de ter sua composição com itens menos desejados no cotidiano de consumo.

4.2.5.6. Principais achados sobre a logística segundo os co-agricultores

Quadro 14: Achados dos co-agricultores na dimensão – Logística

Categorias (Dimensões)	Varição
	Co-agricultores
Logística	<ul style="list-style-type: none"> • Retiram seus alimentos sempre no ponto de convivência; • Buscam fazer parte de alguma CSA próxima de sua residência ou local de trabalho, não percorrendo grandes distâncias para retirada de seus alimentos; • Os alimentos mais consumidos ao longo do ano são as hortaliças folhosas; • Não tem uma boa percepção sobre quais alimentos só consomem em determinada época do ano, mas relatam massivamente a carência de frutas nas cestas; • O entendimento promovido pelos agricultores sobre a forma natural com que os vegetais se desenvolvem tem auxiliado na compreensão da sazonalidade dos alimentos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.6. Dimensão – Questões Econômicas

No presente tópico serão apresentadas e discutidas as análises em torno das falas dos co-agricultores a respeito do que é feito com o excedente de produção; se a partir das CSA's consumir orgânicos se tornou mais viável economicamente e se o movimento tem criado ou aumentado a percepção sobre a importância de se consumir alimentos saudáveis.

A figura 26 traz a análise de similitude sobre questões econômicas nas CSA's do DF, de acordo com a amostra de dados.

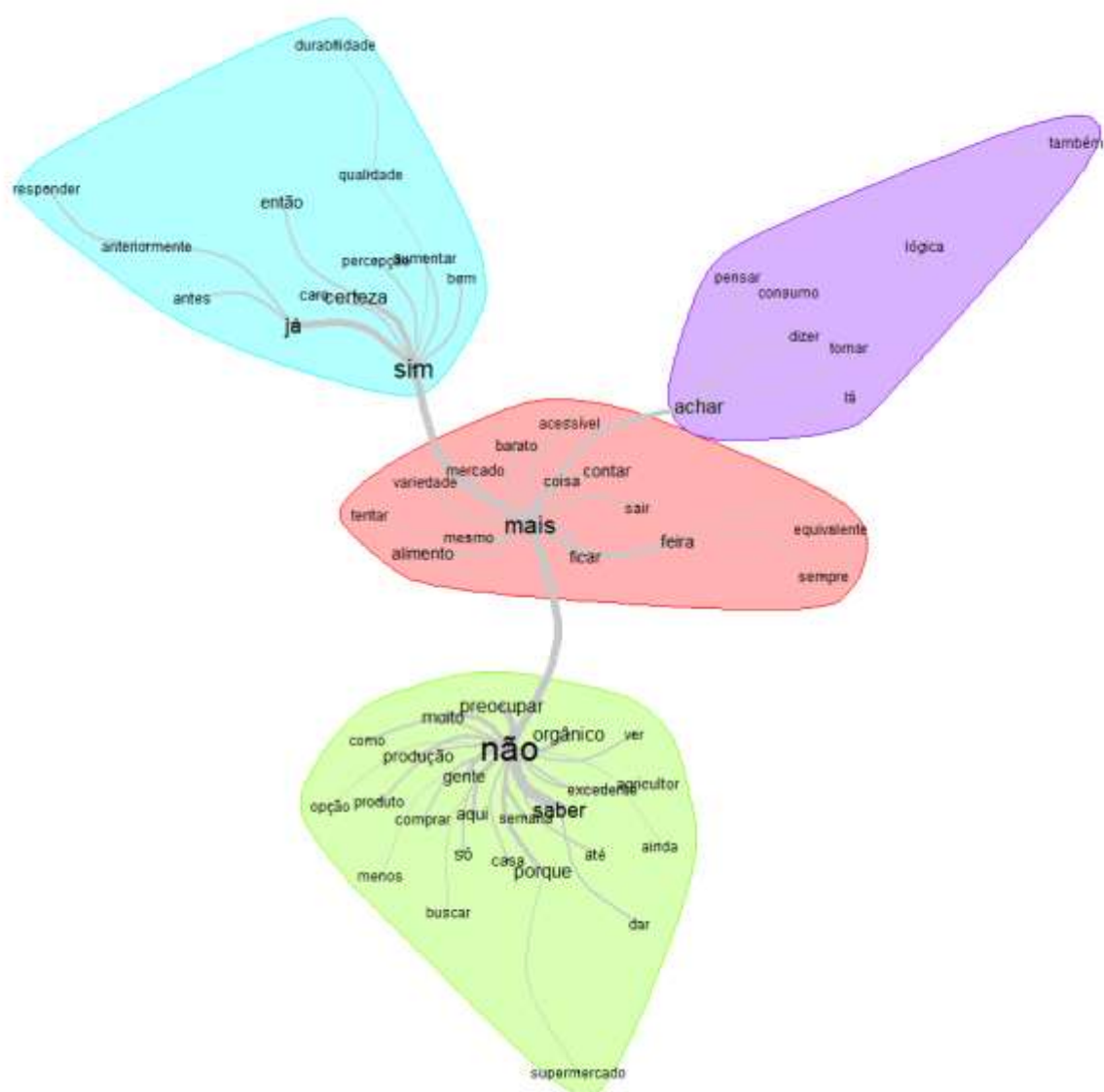


Figura 26: Análise de Similitude da Análise Econômica na visão dos co-agricultores
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2.6.1. Percepção dos co-agricultores sobre o excedente da produção

A maior parte dos co-agricultores relatam não saber e também não se preocupar com o que é feito com o excedente da produção, uma vez que entendem ser a CSA uma ferramenta agregadora de valor, não só aos alimentos, mas ao trabalho desempenhado pelos agricultores, e dessa forma acreditam que o importante é conseguirem promover a efetiva melhoria da qualidade de vida das famílias que produzem seus alimentos, onde tais fatos são evidenciados, pelas formas “não”, “preocupar”, “saber”, “agricultor”, com respectivas frequências 29, 13, 13 e 5.

Outra questão colocada foi a certeza de que, se há excedentes, os agricultores são capazes de dar um destino adequado, onde a preocupação maior deve ser não deixar que os alimentos sejam perdidos ou desperdiçados, o que é representado pelas formas “excedente”, “certeza”, “dar”, “desperdício”, “destino”, com respectivas frequências 4, 2, 2, 2 e 2.

4.2.6.2. Acesso econômico e social ao produto orgânico via CSA

De acordo com o observado nas falas dos co-agricultores, a maioria dos entrevistados acredita que via CSA o consumo de orgânicos se tornou mais acessível, o que é comprovado pelas formas “sim”, “certeza”, “barato” e “acessível” com frequências 19, 7, 4 e 3, possibilitando o consumo de uma quantidade maior de produtos orgânicos com maior frequência.

Contrapondo ao evidenciado nas falas dos co-agricultores das CSA's visitadas do DF, Junqueira e Moretti (2018) relatam que os preços podem ser considerados competitivos em relação aos mercados tradicionais. Contudo, ainda não se têm evidências empíricas concretas de que essas cadeias curtas de produção e abastecimento são capazes de colaborar efetivamente para o acesso a alimentos de qualidade pelas populações economicamente menos favorecidas.

A maioria dos entrevistados relata não gastar menos através do consumo via CSA. Alguns acreditam que fica mais caro, porém o valor agregado por toda a conjuntura que envolve o movimento faz com que as CSA's tenham um diferencial que não se pode mensurar e menos ainda traçar comparações entre a compras feitas em mercados orgânicos normais, o que é representado pelas formas “não”, “mercado”, “caro”, 19, 5 e 4, respectivamente. Ou seja, acreditam que o que está embutido nos propósitos de uma CSA não devem ser comparados com qualquer outro tipo de situação ou condição de venda de produtos agrícolas.

Houve ainda co-agricultores que entendem ser equivalente (forma “equivalente” (3)) os custos via CSA ou os demais meios de comercialização, porém o que buscam mediante às comunidades não se trata de um barateamento nos preços dos produtos, mas poder se integrar ao movimento e contribuir para o crescimento e fortalecimento do movimento agroecológico no DF como um todo.

Levando em consideração os relatos dos co-agricultores apresentados acima, cabe trazer observações de Junqueira e Moretti (2018, p. 531), os quais observam como marcante a posição dos co-agricultores entrevistados em sua pesquisa, pois entendem que:

A participação das comunidades organizadas em torno das CSAs deve necessariamente implicar consciência e atividade política e social, posto que não se rege pelas lógicas operativas dos mercados tradicionais. Significa dizer que a segurança sobre a qualidade e a diversidade dos alimentos obtidos para consumo e os ganhos socioculturais e políticos devem se sobrepor às expectativas de natureza econômica e financeira, que nem sempre são asseguradas por esta tecnologia social.

4.2.6.3. Percepção sobre a importância de se consumir produtos saudáveis (orgânicos/de base agroecológica)

A maioria dos co-agricultores relatou que a partir da CSA passaram a se preocupar mais com o consumo de produtos orgânicos, o que antes não importava. Relataram que percebem melhorias na saúde e passaram a sentir o sabor dos alimentos de maneira mais intensa do que o percebido nos produtos convencionais, o que se constata por meio das formas “sim”, “mais” e “certeza”, com respectivas frequências 16, 8 e 3.

Os co-agricultores relataram ser notória a diferença dos produtos e as vantagens proporcionadas, quando em comparação com os convencionais, tanto em relação à qualidade, quanto à durabilidade dos alimentos, que ficam armazenados por mais tempo sem perderem sabor e sem deteriorar, o que é representado pelas formas “durabilidade” e “percepção”, ambas com frequência 3. Sobre isso um dos co-agricultores relata que:

“Sim. A qualidade e a durabilidade. Eu tinha a impressão que por ser orgânico e não ter agrotóxico durava menos. E pelo contrário, eu não joguei nada fora até agora, eu tenho verdura de duas semanas em casa. A durabilidade é superior à de um produto adquirido no supermercado”.

4.2.6.4. Principais achados sobre questões econômicas segundo os co-agricultores

Quadro 15: Achados dos co-agricultores na dimensão – Questões Econômicas

	Varição
Categorias (Dimensões)	Co-agricultores
Questões Econômicas	<ul style="list-style-type: none"> • Não sabem e não se preocupam se há ou o que é feito com o excedente da produção, uma vez que entendem ser a CSA uma ferramenta agregadora de valor, não só aos alimentos, mas ao trabalho dos agricultores; • A maioria acredita não gastar menos adquirindo seus alimentos via CSA, porém o que está embutido nos propósitos de uma CSA não deve ser comparado a qualquer outro tipo de situação; • É notória a diferença dos produtos e as vantagens proporcionadas, quando em comparação com os convencionais, tanto em relação à qualidade, quanto a durabilidade dos alimentos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Comunidades que Sustentam a Agricultura surgem no DF como ferramenta de fortalecimento da economia local rural e periurbana, pois estas vêm se apresentando como alternativa para a geração de renda de pequenos agricultores familiares, os quais tem seu trabalho reconhecido e valorizado através da eliminação dos intermediários na cadeia produtiva. Esta inovadora modalidade de cadeia curta, direta, proporciona o contato entre produtores e meios de produção com consumidores finais, simplificando e desburocratizando questões ligadas a rastreabilidade e certificação de produtos orgânicos.

Este movimento social, que se entrelaça com formas de comercialização e escoamento de produtos, possibilita que diversos fatores sejam empregados ao longo da cadeia, para que os agricultores consigam não só se manter nas atividades ligadas à terra, mas inserção no comércio local, oportunizando a geração de renda.

A comunicação entre as comunidades e o foco no direcionamento da produção agrícola de maneira diversificada, onde muitas CSA's cultivam em sistemas agroflorestais, pode ser visto como estratégia vantajosa para a agricultura familiar, onde o equilíbrio do ecossistema gera incrementos positivos, redução de estratégias de controles culturais, além da otimização no uso do espaço.

Não menos importante, é o papel dos co-agricultores em todo o processo de fortalecimento e disseminação das comunidades, onde são os promotores do resgate de valores culturais e da valorização de produtos locais. São eles, mediante as CSA's, não apenas o destino dos alimentos produzidos, mas as ferramentas para a organização e execução dos processos ao longo de toda a cadeia de produção, onde compartilham riscos e prejuízos.

Para que os entendimentos acima fossem alcançados, estudos preliminares à coleta e análise dos dados foram fundamentais para a pesquisa. Dessa maneira, o histórico traçado sobre o surgimento das CSA's, o caminho percorrido por elas até alcançar o DF, junto ao conhecimento dos efeitos provocados pela modernização da agricultura brasileira para a agricultura familiar, se fazem importantes para a percepção da relevância desse movimento, que caminha de forma diversa aos modelos tradicionais, por dessa nova configuração de organização coletiva.

Com isso, os conceitos e informações que embasam o presente trabalho buscam servir de ferramenta para a investigação de novas políticas públicas e formas de geração de renda, a possibilitar melhorias na qualidade de vida de famílias rurais e urbanas, resgatando conhecimentos tradicionais e práticas agrícolas que produzam com menor impacto e agressão ao meio ambiente.

As CSA's do DF buscam organizar grupos de trabalho onde os co-agricultores auxiliem nas atividades. No entanto, ocorre centralização de tarefas na figura dos agricultores que se sentem mais seguros no exercício da atividade e com maior liberdade para inovar em formas alternativas de cultivo.

Seguindo os princípios universais para serem entendidas como CSA's, as comunidades aqui formadas possuem diferenças na forma de funcionamento, onde o princípio universal de distribuição independente ganha destaque, sendo a organização e transporte das cestas até o ponto de convivência feitos pelos agricultores em todas as CSA's visitadas.

O movimento tem crescido de maneira acelerada e a principal estratégia de disseminação é através do contato direto de alguém envolvido com o movimento, que passa informações, com outras pessoas próximas. Da mesma maneira, o ponto de convivência é o local chave para o convívio interpessoal entre os integrantes do grupo, apesar da principal forma de comunicação ter se mostrado ser por meio do aplicativo de mensagens *whatsapp*.

A questão econômica não é o principal motivo para fazer de um consumidor um co-agricultor. A motivação está relacionada com a possibilidade de consumir produtos orgânicos, com maior frequência, e obter ganhos em saúde, ao passo que se tem maior segurança nos alimentos consumidos, por saber quem os está produzindo e de que maneira estão sendo produzidos, além de ser possível visitar as áreas de produção e participar de práticas culturais.

Dessa forma, os objetivos, geral e específicos, da pesquisa, foram alcançados, ao avaliar o impacto das Comunidades que Sustentam a Agricultura, e seus diversos arranjos, na economia e dinâmica social dos sujeitos envolvidos, caracterizando e identificando subsídios, que possam contribuir para o fortalecimento da cadeia produtiva de produtos de base ecológica no Distrito Federal, e possibilitar melhorias na qualidade de vida das populações.

Recomenda-se como pesquisas futuras, estudos sobre o processo de formação das CSA's, modos de gestão e de comunicação, bem como estudos sobre os impactos de políticas públicas nesta modalidade nova de interação produtor-consumidor-sociedade-ambiente.

6. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. *Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão*. São Paulo. Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992. “Uma nova extensão para a agricultura familiar”. In: Seminário Nacional De Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, DF, Anais, 1997, p. 29.
- ALTAFIN, I. *Reflexões Sobre o Conceito de Agricultura*. 3º Módulo do Curso Regional de Formação Político-sindical da região Nordeste/2007. In: <http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-alfafin---2007.pdf> Acessado em 06.07.2018.
- ANDREATTA, S.; RHYNE, M.; DERY, N. *Lessons learned from advocating csas for low-income and food insecure households*. Southern Rural Sociology, United States, v. 23, n. 1, p. 116-148, 2008.
- ASSIS, R. L. *Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia*. Econ. Apl., Ribeirão Preto, v. 10, n. 1, p. 75-89, Mar. 2006.
- ASSIS, R. L., ROMEIRO, A. R. *Agroecologia e agricultura familiar na região centro-sul do estado do Paraná*, Brasília: Rev. Econ. Sociol. Rural vol.43 no.1, 2005.
- AUBRI, C.; CHIFFOLEAU, Y. *Le développement des circuits courts et l'agriculture péri-urbaine: histoire, évolution en cours et questions actuelles*. Innovations Agronomiques, v.5, p.53-67, 2009.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BELLIVEAU, S. *Resisting glocal, buying local: Goldschmidt revisited*. The Great Lakes Geographer, v. 12, n.1, p. 45-53, 2005. Disponível em: <<http://geography.uwo.ca>>
- BENTHIEN, P. F. *ONGs e Agroecologia no Brasil. Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia*. Revista Brasileira de Agroecologia. Associação Brasileira de Agroecologia, 2007.
- BLOEMMEN, M.; BOBULESCU, R.; TUYEN LE, N.; VITARI, C. *Microeconomic degrowth: the Case of Community Supported Agriculture*. Ecological Economics, v. 112, 2015.
- BIALOSKORSKI, N. S. *Governança e perspectivas do cooperativismo*. I Workshop Internacional de Tendências do Cooperativismo, PENSA/FUNDACE/FEARP-USP, p. 17-35, 1998.
- BROWN, C.; MILLER, S. *The impacts of local markets: a review of research on farmers markets and Community Supported Agriculture (CSA)*. American Journal of Agricultural Economics, United States, n. 5, p. 1296-1302, 2008.

BRUNORI, G. et al. Are local foodchains more sustainable than global food chains? Considerations for Assessment. Sustainability, Basel, v. 8, n. 5, p. 1-27, May 2016.

BUAINAIN, A. M. *Dimensões Do agronegócio brasileiro: políticas, instituições e perspectivas*. Brasília: Nead Estudos, 2007.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. *Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ*. Universidade Federal de Santa Catarina [Internet]. 2013 [citado 2015 out 15]. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>

CHAFFOTE, L.; CHIFFOLEAU, Y. *Vente directe et circuits courts: évaluations, définitions et typologie. Les Caa organização comunitária de produtores e consumidores através das CSAshiers de l'Observatoire*. CROC, v1, 2007.

CONNER, D. S. *Community supported agriculture pricing and promotion strategies: lessons from two Ithaca, NY area farms*. Ithaca, NY: Cornell University, 2003. Disponível em: http://publications.dyson.cornell.edu/outreach/extensionpdf/2003/Cornell_AEM_eb0307.pdf. Acesso em: 23 out. 2018.

COOLEY, J. P.; LASS, D. A. *Consumer benefits from community supported agriculture membership*. Review of Agricultural Economics, Norwich, v. 20, n. 1, p. 227-237, 1998.

COSTA, L. S. *O cooperativismo: uma breve reflexão teórica*. Ciências Sociais em Perspectiva, v.6, p. 55-64, 2007.

CSA BRASIL. 2015. Disponível em: <http://csabrasil.org>. Acesso em: 23 out. 2018.

CSA BRASILIA. 2018. Disponível em: <https://csabrasilia.wordpress.com/>. Acesso em: 23 out. 2018.

DELGADO, N. G. *Agronegócio e agricultura familiar no Brasil: desafios para a transformação democrática do meio rural*. Novos Cadernos NAEA v. 15, n. 1, p. 85-129, jun. 2012.

DESLANDES, S. F. et al. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*/ Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ENDRES, A. B.; ARMSTRONG, R. H. *Diverging values: community supported agriculture, volunteers, and the hegemonic legal system*. Food Studies, United States, v. 2, n. 2, p. 43-55, nov. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2198674>. Acesso em: 23 out. 2018.

ECKERT, D. *Mercantilização em Contramovimento: Relações de Reciprocidade e Coesão Social na Agricultura Sustentada pela Comunidade em Minas Gerais*. 2016. 235f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ERTMANSKA, K. *Community Supported Agriculture (CSA) as a form of sustainable consumption*. Acta Scientiarum Polonorum, Oeconomia, v.14, n.2, 2015.

FBB – Fundação Banco do Brasil. *Manual de capacitação da tecnologia social PAIS - Produção Agroecológica Integrada e Sustentável*. Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2009.

FIALHO, R. D. *Accion colectiva y articulacion de intereses en la agricultura de Rio Grande do Sul*. Cordoba, Spain: Doctoral Thesis, University of Cordoba, 1996.

FONTE, M.; PAPADOPOULOS, A. G. (Ed.). *Naming food after places: food relocation and knowledge dynamics in rural development*. Farnham: Ashgate, 2010. p. 1-35.

GERHARDT, T. E. *A construção da pesquisa. Métodos de pesquisa* / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GERHARDT, T. E.; RAMOS, I. C. A.; RIQUINHO, D. L.; SANTOS, D. I. *Estrutura do projeto de pesquisa. Métodos de pesquisa* / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, A. *Novas regras do método sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GONÇALVES NETO, W. *Estado e Agricultura no Brasil*, São Paulo: Hucitec, 1997.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GRAZIANO DA SILVA, J. *A industrialização e a urbanização da agricultura*. São Paulo em perspectiva. São Paulo, v.7, n.3, p.2-10. Jul./set./1993.

GRAZIANO DA SILVA, J. *O Novo Rural Brasileiro*. (Coleção Pesquisas 1) Campinas, SP: Instituto de Economia/Unicamp, 1999.

GUIZZO, B. S. et al. *O software QSR NVivo 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde*. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 53-60, abr. 2003.

GUZMÁN C., G.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E. (coord.). *Introducción a la Agroecología como desarrollo rural sostenible*. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa, 2000.

HAMERSCHMIDT, I; SILVA, J. B. V.; LIZARELLI, P. H. *Agroecologia, o Novo Enfoque da Extensão Rural*. Curitiba: Série Produtor nº. 107. 84 p., EMATER PARANÁ, 2005.

HAYDEN, J.; BUCK, D. *Doing community Supported Agriculture: Tactile Space, Affect and Effects of Membership*. Geoforum, v. 43, 2012.

HENDERSON, E.; VAN EN, R. *Sharing the harvest: a citizen's guide to community supported agriculture*. 2. ed. Vermont: Chelsea Green Publishing Co., 2007.

HITCHMAN, J. *Agricultura sustentada pela comunidade: um modelo que prospera na China*. *Agriculturas*, v. 12, n. 2, 2015.

HUGHES, D. W.; ISENGILDINA-MASSA, O. *The economic impact of farmers' markets and a state level locally grown campaign*. *Food Policy*, v. 54, p. 78-84, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.foodpol.2015.05.001>. doi: 10.1016/j.foodpol.2015.05.001

JUNQUEIRA, A. H.; MORETTI, S. L. A. *Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais*. *Estudos Sociedade e Agricultura*, vol. 26, n. 3, 2018.

KRIPPENDORFF, K. *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology*. 2. ed. [s.l.] SAGE Publications, 2004.

KLIEMANN, L.H.S. *Rio Grande do Sul. Terra e Póde. História da Questão Agrária*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LAMARCHE, E. *A agricultura familiar: comparação internacional*. Campinas: Unicamp, 2.ed., 1997.

LAVILLE, J. L. *A economia solidária: um movimento internacional*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 84, p. 7-47, mar. 2009. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/JL_Laville_RCCS_84.pdf>. Acesso em 23 out. 2018.

MALHOTRA, N. *Pesquisa de marketing*. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARSDEN, T.; BANKS, J.; BRISTOW, G. *Food supply chain approaches: Exploring their role in rural development*. *Sociologia Ruralis*, v. 40, n. 7, p. 424-438, 2000.

Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/1467-9523.00158>>. doi: 10.1111/1467-9523.00158

MARTINS, A. L. B. *Agricultura Apoiada Pela Comunidade ou Comunidade Apoiada pela Agricultura? A relação campo-cidade pela ética da solidariedade*. 2017. 413f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

MCFADDEN, S. *Community farms in the 21st century: poised for another wave of growth?* Kutztown, PA: Rodale Institute, 2004. Disponível em: <<http://newfarm.rodaleinstitute.org/features/0104/csa-history/part1.shtml>>. Acesso em 23 out. 2018.

MELO, A.; CALBINO, D.; FREITAS, A. *Contribuições metodológicas para a extensão a partir da implementação do modelo Community-Supported Agriculture no município de Sete Lagoas-MG*. Revista Ciência em Extensão, v. 14, n. 4, 2018.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MIKLÓS, A. A. W. *Agricultura biodinâmica, nutrição e desenvolvimento humano – ênfase na digestão do etérico do alimento*. Arte Médica Ampliada v.37, n.3, p.107-112, Julho / Agosto / Setembro de 2017.

MOYANO-ESTRADA, E.; dos ANJOS, F. S. *New forms of economic cooperation in Family agriculture: the case of condomínios in Santa Catarina, Brazil*. Journal of Rural Cooperation, v. 29, n. 1, 2001.

MOLINA, A. A.; SANTOS, W.; FIGUEIREDO, C. V. *Métodos de comercialização pela economia associativa - a importância da CSA. Nutrição Funcional e Sustentabilidade: alimentando um mundo saudável*. Orgs. PASCHOAL, V.; BAPTISTELLA, A. B.; SOUZA, N. S. 1ª ed. São Paulo: VP Editora, 2017, 348p.

OLIVEIRA, F. A.; PEREIRA, R. D.; CALBINO, D. *Comunidade que Sustenta a Agricultura: a CSA de Belo Horizonte à luz de suas possibilidades e desafios*. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 27, n. 2, p. 371-393, jun. 2019.

OLIVEIRA, M. F. *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração* / Maxwell Ferreira de Oliveira. Catalão: UFG, 2011. 72 p.

PNATER. *Política Nacional de Ater - Assistência Técnica e Extensão Rural*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, Secretaria de Agricultura Familiar, Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural. p.26, 2007.

PENEREIRO, F. M.; SILVA, M. E. F. *Relato de Experiência Técnica. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): do preço para o apreço – aprendizagem coletiva na lógica do bem viver*. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018.

PERRY, J.; FRANZBLAU, S. *Local harvest: a multifarm CSA handbook*. [S.l.]: SARE/USDA, 2010. 135 p.

PINHO, D. B. *O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro*. 18 ed. São Paulo: CNPq, 1982.

PREISS, P. V. *As Alianças Alimentares Colaborativas em uma Perspectiva Internacional: Afetos, Conhecimento Incorporado e Ativismo Político*. Tese (Doutorado) – Universidade federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, RS, 2017.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. *Manuel de recherche en sciences sociales*. Paris: Dunod, 1995.

RANSON, S.; HININGS, B.; GREENWOOD, R. *The structuring of organizational structures*. *Administrative Science Quarterly*, 25(1), p.1-17, 1980.

REINERT, M. *Alceste une méthodologie d'analyse des données textuel les e tune application: Aurelia de Gerard de Nerval*. *Bull Methodol Sociol*.1990; 26(1): p.24-54.

RENTING, H. et al. *Understanding alternative food networks: exploring the role of short supply chains in rural development*. *Environment and Planning A*, v. 35, n. 3, p. 393-411, 2003.

SALVIAT, M. E. *Manual do Aplicativo Iramuteq (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3)*. Planaltina, 2017.

SAVOLDI, A.; CUNHA, L. A. G. *Uma Abordagem sobre a Agricultura familiar, PRONAF e a Modernização da Agricultura no Sudeste do Paraná na Década de 1970*, Curitiba: Revista Geografar, v.5, n.1, p.25-45, 2010.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. *Métodos de pesquisa das relações sociais*. São Paulo: Herder, 1965.

SILVA, J. R.; JESUS, P. *Os desafios do novo rural e as perspectivas da agricultura familiar no Brasil*. In: V Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação (CONNEPI). Maceió. Anais. Maceió: Centro de Convenções de Maceió. P.1-2, 2010.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. *Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.120 p.*

TORRES, C. L. *Comunidade que Sustenta a Agricultura: a reaplicação da tecnologia social a partir dos casos pioneiros em Brasília*. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade de Brasília, 2017.

URGENCI. *The International Network for Community Supported Agriculture*. Aubagne,

FR: Urgenci, 2016. Disponível em: <<http://urgenci.net>>. Acesso em: 01 out. 2018.

WEZEL, A.; BELLON, S.; DORE, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D.; DAVID, C. *Agroecology as a science, a movement or a practice*. A review. *Agronomy for Sustainable Development* (published on line), 2009.

APÊNDICE I

ROTEIROS DE ENTREVISTA

Agricultor

1 - Existe algum mecanismo de rotatividade/alternância de função na gestão da CSA? Se sim, como ocorre?

2 - É feito o acompanhamento da sua produção pela CSA? Se sim, como é feito?

3 - O seu planejamento de produção mudou ao fazer parte da CSA? (O que mudou na sua produção a partir da CSA? Tem outro agricultor envolvido)

4 - Como ficou o desenho de sua propriedade após a CSA?

5 - Como são definidos os alimentos a serem cultivados?

6 - Seu sítio/fazenda possui certificação orgânica? Se sim, foi exigência para fazer parte da CSA? Qual certificadora?

7 - Diante de situações imprevistas, como são tomadas as decisões?

8 - O que acontece se, eventualmente, você não conseguir produzir a quantidade esperada? Qual é o procedimento adotado? Existe algum mecanismo de apoio ou suporte por parte dos membros da CSA?

9 - Quem faz e como são feitas as compras e o transporte de insumos para a produção?

10 - O ritmo de trabalho foi impactado após se tornar membro da CSA? Se sim, como?

11 - Como você tomou conhecimento sobre o movimento CSA?

12 - Como é a comunicação entre a sua CSA e as demais CSA's?

13 - Dentro de sua CSA, como as informações são repassadas entre os membros?

14 - Existem espaços, locais de convivência/socialização/interação para os integrantes de sua CSA? Com que frequência esses encontros ocorrem?

15 - Por que você decidiu fazer parte de uma CSA?

16 - O que a CSA mudou na sua vida com relação à saúde, suas relações com a terra e com a natureza?

17 - É estimulada a capacitação dos agricultores? Como se dá essa capacitação?

18 - Existem perdas de produtos na sua CSA? (No campo, na colheita, no transporte, etc.)

19 - O que é feito com os resíduos do processo produtivo? (produtos estragados, insumos não utilizados, insumos vencidos, água residual, etc.)

20 - Para você, quais os principais benefícios de fazer parte da CSA?

21 - Você faz entrega de produtos no ponto de coleta para os co-agricultores ou alguém recolhe em sua propriedade para levar até o ponto de coleta?

22 - O que mudou na logística de escoamento da sua produção com sua entrada na CSA?

23 - Qual é o principal meio de transporte utilizado na distribuição dos produtos?

24 - Como você escoava sua produção antes da CSA?

25 - Sua produção hoje em dia é 100% para a CSA ou utiliza outros canais de distribuição? Se sim, quais?

26 - Como você é remunerado pela sua atividade dentro da CSA?

27 - Antes da CSA você era produtor?

APÊNDICE II

ROTEIROS DE ENTREVISTA

Co-agricultor

1 - Existe algum mecanismo de rotatividade/alternância de função na gestão da CSA? Se sim, como ocorre?

2 - Existe um contrato para fazer parte da sua CSA?

3 - Qual a sua percepção sobre a cota? Considera adequada, considerando os itens que compõem a cesta?

4 - Caso haja inadimplência, ocorre a suspensão do fornecimento da cesta?

5 - A sua CSA te convida para as etapas do processo produtivo? Se sim, quais?

6 - Você participa da escolha dos alimentos para a composição da cesta?

7 - Quem faz e como são feitas as compras e o transporte de insumos para a produção?

8 - Como você tomou conhecimento sobre a CSA?

9 - Como é a comunicação entre a sua CSA e as outras?

10 - Em sua CSA, como as informações são repassadas entre os membros?

11 - Por que você decidiu fazer parte de uma CSA?

12 - O que a CSA mudou na sua vida com relação à saúde, suas relações com a terra e com a natureza?

13 - Como você interage com os outros integrantes da sua CSA?

14 - Sua CSA cultiva de forma orgânica ou agroecológica?

15 - Existem perdas de produtos na sua CSA? (No campo, na colheita, no transporte etc.)

16 - O que é feito com os resíduos do processo produtivo? (produtos estragados, insumos não utilizados, insumos vencidos, água residual, etc.)

17 - Para você, quais os principais benefícios de fazer parte da CSA?

18 - Onde você busca seus alimentos?

19 - Qual a distância da sua CSA ou ponto de coleta até sua casa?

20 - Quais alimentos você mais consome durante todo o ano?

21 - Quais alimentos você só consome em determinada época?

24 - Como você lida com a sazonalidade dos alimentos?

26 - A CSA tornou os orgânicos mais acessíveis economicamente pra você?

27 - A CSA criou/aumentou a percepção sobre a importância de se consumir alimentos saudáveis (orgânicos ou agroecológicos)?